







**Instituto Universitário de Lisboa**

**Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura**

Rafael André Neves Felisberto Estrelo

Trabalho de Projeto Submetido como requisito parcial para obtenção do grau  
de Mestre em Arquitetura

**Componente teórica do trabalho de projeto realizado no âmbito da  
unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura**

Ponto de Equilíbrio Numa Cidade de Contrastes  
Professora Teresa Madeira, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

**Componente prática do trabalho de projeto realizado no âmbito da  
unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura**

Requalificação de Setúbal Nascente  
Professor Pedro Botelho, Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

**Lisboa, Outubro 2015**



## **Agradecimentos**

Agradeço ao tutor da componente prática Pedro Botelho e à orientadora da componente teórica Teresa Madeira por toda a disponibilidade e dedicação ao acompanharem durante a investigação, sendo imprescindível a sua persistência de forma a levar a bom porto as conclusões retiradas da investigação.

Agradeço a todos os colegas e professores que fizeram parte deste meu percurso académico, não só neste presente ano, mas sobretudo os que me acompanharam desde o início do curso.

Agradeço a todos os amigos que me apoiaram tanto nos bons, mas sobretudo nos maus momentos que este curso me proporcionou. A fadiga e tensão foram muitas vezes absorvidas e transformada em boas energias muito por culpa da sua companhia e motivação.

E finalmente, à minha família. Surgindo este percurso num ciclo de depressão. Uma crise profissional e consequente crise pessoal a juntar a partida dos avós, foram pais e irmã que conseguiram suportar todas as contrariedades que surgiram durante o percurso. Foram eles que sentiram na pele toda a agonia e angústia durante este percurso. Foram eles que estavam lá para me incentivar. A eles o meu eterno agradecimento.

Às três estrelas que partiram e olham por mim, que me iluminam e em que toda a sua fé me transmitem energia para continuar a quebrar barreiras. Eles mais que ninguém foram os fundadores desta dissertação, os impulsionadores dos meus princípios. A eles e à mais recente estrela que me ilumina, Alice Estrelo, dedico esta dissertação, a quem farei para seguir seus princípios.

5 de Outubro de 2015



# ÍNDICE GERAL

## VERTENTE TEÓRICA

<b>00. INTRODUÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>01. REFLETE A CIDADE</b>	<b>35</b>
<b>02. Caso de Estudo – Cidade de Setúbal / Bairro da Bela Vista</b>	<b>68</b>

## VERTENTE PRÁTICA

<b>03. REQUALIFICAÇÃO DE SETÚBAL NASCENTE</b>	<b>104</b>
<b>04. CENTRO SOCIAL DA BELA VISTA</b>	<b>128</b>

## REFLEXÕES FINAIS

<b>05. Conclusão</b>	<b>192</b>
<b>06. Bibliografia</b>	<b>198</b>
<b>07. Anexos</b>	<b>204</b>



**PONTO DE EQUILIBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



**VERTENTE  
TEÓRICA**



# ÍNDICE

**Índice de Ilustrações**

**Resumo**

**Abstract**

<b>00. INTRODUÇÃO</b>	<b>20</b>
<b>01. REFLETE A CIDADE</b>	
<b>01.1. A Cidade como Objeto de Estudo</b>	<b>38</b>
<b>01.2. O contributo da Sociologia Urbana</b>	<b>42</b>
01.2.1. A Organização Social do Espaço	45
01.2.2. Elementos da Estrutura Urbana	46
<b>01.3. Planeamento Urbano</b>	<b>50</b>
01.3.1. O neo-urbanismo como resposta à questão da Segregação	51
01.3.2. Cidades e Desenvolvimento Económico Desigual	53
01.3.3. Desigualdades e Segregação Social	54
<b>01.4. Estratégias de Desenvolvimento</b>	<b>60</b>
01.4.1. Intervenções Face à Exclusão Social Urbana	61
01.4.2. Promoção do Bairro	64
<b>02. Caso de Estudo – Setúbal / Bairro da Bela Vista</b>	
02.1. Cidade de Setúbal	68
02.1.1. Planeamento Urbano	78
02.2. Estudo do Bairro da Bela Vista	88
02.2.1. Caracterização Sociodemográfica	96
02.3. Setúbal Nascente – Potencialidades	98
<hr/>	
<b>05. Conclusão Geral</b>	<b>192</b>
<b>06. Bibliografia</b>	<b>198</b>

# ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Fig. 01 - Reflete a Cidade, Rio de Janeiro. Fonte: [www.paulclemence.com](http://www.paulclemence.com)

Fig. 02 - Estrutura de Conceitos base. Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig. 03 - Síntese . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig. 04 - Subúrbio, Morro Santa Teresa Rio de Janeiro . Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig.05 - Fonte de Inspiração, Morro Santa Marta, Rio de Janeiro . Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig. 06 - Cidade de Contrastes, Zona Norte, Rio de Janeiro . Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig.07 - O Céu é o limite, Morro Santa Marta, Rio de Janeiro . Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig.08 - Vista da Frente Ribeirinha. Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig.09 - Mapa Acessibilidades da Area Metropolitana de Lisboa. Fonte: Rafael Estrelo, 2014

Fig.10 - Mapa de relação com a Grande Lisboa e o complexo urbano-industrial de Sines. Fonte: FARIA, Carlos Vieira de, 1981. Novo Fenómeno Urbano Aglomeração de Setúbal. Lisboa. Editora Assírio & Alvim

Fig.11 - Mapa da Evolução Urbana de Setúbal,1968 . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.12 - Mapa da Evolução Urbana de Setúbal,1983 . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.13 - Bairro Santos Nicolau, década 90 . Fonte: <http://fontedolavra.blogspot.pt>)

Fig.14 - Mapa de Serviços . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.15 - Morfologia Urbana entre Santos Nicolau (à esquerda) e a Bela Vista (à direita) Fonte: <http://fontedolavra.blogspot.pt>)

Fig.16 - Plano Geral de Urbanização de Setúbal, 1944 . Fonte: FARIA, Carlos Vieira de, 1981. Novo Fenómeno Urbano Aglomeração de Setúbal. Lisboa. Editora Assírio & Alvim

Fig.17 - Plano Concelhio de 1977 . Fonte: FARIA, Carlos Vieira de, 1981. Novo Fenómeno Urbano Aglomeração de Setúbal. Lisboa. Editora Assírio & Alvim

Fig.18 - Estratégia de Intervenção do Programa POLIS (POLIS, 2003)

Fig.19 - Area de Estudo do PESN . Fonte: PLANO ESTRATÉGICO SETÚBAL NASCENTE – Dezembro 2009. P.5)

Fig.20 - Vista aérea da zona poente do PESN. Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.21 - Setúbal, 1900 . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.22 - Setúbal, 1968 . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.23 - Setúbal, 1983 . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.24 - Setúbal, 1997. Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.25 - Plano Integrado Setúbal Nascente . Fonte: FIGUEIRA, Jorge, 2009. *A periferia perfeita - Pós-Modernidade na Arquitetura Portuguesa, Anos 60-Anos80*.Coimbra. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura.Universidade de Coimbra. P.365-366)

Fig.26 - Porto Industrial de Setúbal e Fábrica MITRENA como fundo . Fonte: <http://www.mun-setubal.pt>)

Fig.27 - Bairro Amarelo . Fonte: <http://odesproposito.blogspot.pt/>)

Fig.28 - Bairro Amarelo . Fonte: <http://odesproposito.blogspot.pt/>)

Fig.29 - Construção do Bairro Amarelo, 1974 e 1981 . Fonte: FIGUEIRA, Jorge, 2006. Monumentalidade e Melancolia: A Bela Vista Revisitada. *Jornal Arquitetos. Publicação Trimestral da Ordem dos Arquitetos. Portugal.* 223 Abril-Junho

Fig.30 - Bairro Azul . Fonte: <http://odesproposito.blogspot.pt/>)

Fig.31 - Vista Aérea do Conjunto . Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>)

Fig.32 - Bairro Rosa . Fonte: Rafael Estrelo, 2015

Fig.33 - Plano Integrado de Requalificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa Fonte: Ministério do Planeamento, 2001

## **Resumo**

No âmbito do Projeto Final de Arquitetura (PFA) do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ano 2014/2015, do ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa), foi proposto na componente prática de PFA aos alunos da turma ARE2 o desenvolvimento de um trabalho na zona Nascente de Setúbal, baseado num território em transformação cuja requalificação se considera urgente. O trabalho consiste em desenvolver uma estratégia de intervenção que cumpra a sua função estruturante na cidade.

Desde o último século, tem surgido cada vez mais a necessidade de se efetuarem transformações adaptadas às novas tendências da sociedade, apontando para um novo urbanismo, mais solidário, um urbanismo plural. Levantam-se novas reflexões, onde as cidades ingressam numa nova Era da sua história. A reestruturação económica global e a compressão espaço-temporal, conduzidas pelas melhorias significativas nos transportes e pelas novas tecnologias da comunicação nas cidades de maior dimensão têm registado alterações profundas em vários domínios da vida urbana: na base económica, na composição sociocultural, na estrutura urbana, na política e na gestão da cidade.

O trabalho foca-se no estudo, reflexão e projeção de um espaço social confrontado com várias realidades sociais, com programas adaptados às necessidades dos indivíduos que lhe rodeiam. Assim a vertente teórica conduz-nos à vertente prática do Projeto Final de Arquitetura que permite, questionar e desenvolver um raciocínio sobre diferentes problemáticas dos tempos contemporâneos, recebendo contributos no âmbito da disciplina da sociologia urbana.

**Palavras-Chave: cidade; segregação urbana; desenvolvimento desigual; sociologia urbana; novo urbanismo.**

## **Abstract**

In the scope of Architecture Final Project (PFA) from Architecture Integrated Master Degree, during 2014/2015, in ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa), was proposed to the students from the class ARE2, in the practical component of the PFA, the development of a project in the oriental area from Setúbal, based on a territory in transformation which its requalification is considered imperative. This work consists in developing a strategy of intervention that fulfills its structuring function of the city.

Since the last century, has emerged a growing necessity to perform transformations suited to the new society tendencies, pointing to a new urbanism, more solidary, a plural urbanism. New reflections arise, where cities enter in a new Era in its history. The global economic restructuring and space-temporal compression, led by significant improvements in transports and by new communications technologies of cities with a bigger dimension, have registered deep changes in various domains of the urban life: in economic basis, in sociocultural composition, in urban structure, in politics and city management.

This work focus in the study, reflection and planning of a social space confronted with various social realities, with adapted programs to the individuals necessities who surround it. This way, the theoretical slope leads us to the practical side of the Architecture Final Project, which allows question and develop a reasoning about different problems of contemporary times, receiving contributes from urban sociology discipline.

**Key words: city; urban segregation; uneven development; urban sociology; new urbanism.**



**PONTO DE EQUILÍBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



**INTRODUÇÃO**



Fig. 01 - Reflete a Cidade, Rio de Janeiro (Fot. P. Clemence, 2015)

*“A gente aceita as pessoas como elas são!”*

Oscar Niemeyer - A vida é um Sopro (Documentário realizado por Fabiano Maciel, 2010)

**Introdução: Tema, Contributo do Estudo, Objetivo, Definição de Conceitos, Metodologia, Estado da Arte, Estrutura do Trabalho.**

O **tema** deste trabalho surge na sequência de vários exercícios práticos elaborados durante o percurso académico que abordavam uma vertente social, em que a descontinuidade no tecido urbano era provocada por fronteiras físicas no território (desnível no terreno, muro, linha de comboio, rua), traduzindo-se no fenómeno da segregação urbana. O facto do Bairro da Bela Vista estar incluído na área de intervenção do trabalho prático de PFA (Projeto Final de Arquitetura), seria a oportunidade de investigar mais sobre o tema. Assim, o objetivo principal passa por estabelecer no trabalho da vertente teórica uma ferramenta base que sustente o projeto de arquitetura e urbanismo integrado numa relação social.

Neste sentido, o **contributo** do trabalho teórico traduz-se na compreensão dos vários fatores a ter em consideração por urbanistas e arquitetos na intervenção em zonas de transição entre o núcleo da cidade e os subúrbios. Assegurando a segregação urbana como tema base a investigar, o trabalho focou-se na tentativa de encontrar estratégias de intervenção com base na compreensão dos aspetos sociais. Este desenvolvimento assume o bairro como seu potencial impulsionador. Recorrendo a um equipamento público adaptado às necessidades das comunidades em questão, comunidades essas heterogéneas, de diferentes etnias. O caso de estudo aborda um território de extremas desigualdades sociais sendo urgente a sua intervenção de forma a anular o estigma a que está sujeito. Este estudo pode ser um ponto de partida para a reflexão de casos semelhantes em países ditos subdesenvolvidos, onde a desigualdade social se afirma com maior evidência, sendo fundamental intervir nesse tipo de áreas estimulando o desenvolvimento humano. A intervenção baseia-se num equipamento fundamental na assistência à cidade que nos últimos anos, várias questões levantaram-se em relação à assistência na saúde, suscitando novas abordagens que

se enquadram no conceito de humanização. A arquitetura é ainda pouco explorada na contribuição desse conceito. Partindo do intuito da arquitetura poder enriquecer a abordagem da humanização na saúde, esta investigação relaciona a arquitetura e a humanização nos estabelecimentos de assistência à saúde e consequente agregação social, através da promoção da saúde e da qualidade de vida.

Por outro lado, a sociedade está em constante mutação, pela procura de melhores condições de vida, fruto das crises económicas, catástrofes naturais ou até mesmo através das guerras. A título de exemplo, tivemos o caso do “Sonho Americano”, e atualmente os refugiados que invadem a Europa. Será esta uma versão do “Sonho Europeu” do pós-moderno? Quais serão as suas consequências? A sua integração na sociedade europeia vai dar lugar a novos aglomerados e consequente a novas formações sociais? Novos povos, novas culturas, e a cidade vive esta transformação, como tal, a mutação da sociedade tem de ser equilibrada com a adaptação da cidade. Por mais que a sociedade se tente adaptar, vários são os fatores que levam à segregação destes novos aglomerados.

O contributo desta investigação consiste na tentativa de minimizar o impacto nessas concentrações desfavorecidas trabalhando nas suas fronteiras com a cidade digna, através de uma análise da estrutura social. O **objetivo** real da investigação é cruzar ideias oriundas da sociologia urbana com a área disciplinar da arquitetura para compreender e encontrar soluções para as questões da segregação urbana.

Setúbal Nascente, assegura o papel de caso de estudo, depois do plano de que foi alvo (Plano Estratégico Setúbal Nascente). Os diversos diagnósticos elaborados sobre o bairro da Bela Vista consideram importante a implantação de organizações e equipamentos de apoio que impulsionem o desenvolvimento de uma intervenção social, no sentido de promover a inclusão e a igualdade social.

A partir desta abordagem, pretende-se refletir sobre o grau de capacidade das atuais respostas no âmbito da ação social, assim como discutir a relação que é estabelecida com o tecido urbano onde estão implantadas, assumindo-se como recursos ativos para a coesão e luta contra a exclusão social.

Após a desindustrialização da zona Nascente da Cidade, o seu porto perdeu dinâmica. A crise da indústria conserveira e a aposta na indústria nas áreas rurais que circunscrevem a cidade desequilibrou a estrutura da cidade, provocando alguns legados a nível social. Esta desindustrialização da zona do porto marítimo reflete um fenómeno recorrente de antigos centros históricos industriais. A indústria influencia a estrutura da cidade, e conseqüentemente da estrutura social, em que as vilas operárias ou os bairros clandestinos permanecem. Estes conjuntos habitacionais tendencialmente são desvalorizados com a saída da indústria, dando origem a novos aglomerados. Em alguns casos, estas aglomerações foram planeadas, contudo o “Boom” industrial não ofereceu sustento a tantos outros que estavam para chegar. Sem dúvida, que a indústria veio impulsionar as cidades, contudo, trouxe algumas conseqüências. As cidades passaram a ser rodeadas de bairros sociais, guetos ou favelas, apresentando cidades heterogêneas e conflituosas, como conseqüência de uma organização não integrada nem harmónica. Os estudos que abordam o tema, sustentam a sua análise em temáticas quase sempre dependentes da questão espacial, através da desorganização social, a violência, a segregação racial, a criminalidade e grupos sociais marginalizados.

Dado que o nosso caso de estudo é o Bairro da Bela Vista considera-se oportuno esclarecer alguns **conceitos** que ao longo desta investigação foram surgindo. Dado que a minha área disciplinar é a arquitetura considera-se pertinente esclarecer alguns conceitos associados à área disciplinar da sociologia urbana.

Bairro. Na linha de Luís Crespo (Crespo, 2012), o bairro pode ser definido como um esquema sócio-espacial com significado para as pessoas que conhecem os seus limites, em alguns casos simplesmente uma rua, podendo ser claros ou difusos. Existem duas dimensões, uma física e outra social, com a influência da preferência e da seleção do habitat, pois pessoas do mesmo grupo social, geralmente, ocupam as mesmas áreas reforçando o carácter social e físico das mesmas. Os bairros existem quando as dimensões físicas e sociais coincidem e quando há um esquema sócio-espacial significativo onde as pessoas conhecem os seus limites, considerando a coincidência entre a componente territorial com a social identificamos a escala do bairro. Para a maioria dos habitantes não interessa o seu limite formal, não é importante até onde se estendem as suas fronteiras na identificação do bairro. Porém, há limites administrativos responsáveis pela identificação, gestão e planeamento de uma área oficial, e os limites subjetivos que definem uma comunidade, o modo como uma base social se implementa e o seu suporte físico que o torna único. A cidade está repleta de fronteiras que marcam física e socialmente o território. Enquanto umas proíbem a entrada (os condomínios fechados), outras proíbem a saída (bairros problemáticos).

Política Urbana. Considerando a teoria de Castells (1975), a política urbana consiste na influência real exercida pelas decisões urbanísticas sobre a estrutura da metrópole. Este conceito é distinguido por três tipos: Política de equipamento (responde a problemas provocados pelo desenvolvimento urbano); Política de ordenamento (estruturação da aglomeração urbana de forma funcional); Política de desenvolvimento (criação de condições favoráveis para a transformação do espaço em coincidência com o processo técnico e a dialética social). Estes três tipos de política podem colocar-se, quer ao nível de uma zona urbana particular, quer ao nível do conjunto urbano, isto é, da aglomeração estruturada.

Urbanização. Referenciando o autor citado anteriormente, podemos distinguir dois conjuntos bem distintos de interpretações do termo urbanização: A concentração espacial da população a partir de determinados limites de dimensão e de densidade; - A difusão do sistema de valores, atitudes e comportamentos submetida à denominação “cultura urbana”.

Urbano. Castells (1975), distingue o processo de urbanização entre a multiplicação dos pontos de concentração e o aumento da dimensão de cada uma das concentrações. O termo urbano consiste numa forma particular de organização espacial da população, caracterizada por uma forte concentração da mesma num ponto determinado. Os aglomerados dividem-se em duas categorias possíveis, urbanos e rurais, conforme atinjam ou não determinada dimensão. Neste sentido, poderia dar-se o nome de urbanização ao processo pelo qual uma percentagem significativa de indivíduos que ocupa o espaço, formando aglomerados funcional e socialmente inter-relacionados do ponto de vista interno. Esses aglomerados são aglomerados urbanos.

Periferia e subúrbio. Segundo Álvaro Domingues (1996), os conceitos de periferia urbana e de subúrbio banalizaram-se de tal forma que é hoje difícil encontrar uma definição coerente desses conceitos, usados geralmente de uma forma negativa, isto é, por contraposição a um centro. A posição periférica é considerada a partir do grau de afastamento a um centro (física, social, morfológica, etc.), sendo esta maior consoante a visibilidade, o posicionamento, o poder e a clareza das características da condição central e a sua dependência face aos locais de destino dos habitantes periféricos. A distância ao centro é assim definida, pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida cívica, pelo acesso à informação, pela aglomeração de recursos culturais, políticos, económicos.

O subúrbio é uma das variantes da condição periférica contextualizada num padrão de urbanização que desenvolveu a sua escala dimensional. O su-

búrbio incide numa ideia de fragmentação do espaço urbano. A cidade compacta, de limites precisos, quebrar-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações urbanas complexas e descontínuas, ocupando territórios cada vez mais alargados. O subúrbio considera dois ramos concordantes, o territorial e o social. Na questão territorial, o fenómeno da suburbanização desenvolve-se através de uma dinâmica de expansão das formações urbanas na periferia geográfica a um centro motor do crescimento urbano e da regulação social. Partindo dessa relação centro/periferia, se não existir um processo de contrabalanço entre as receitas e as despesas públicas que condicionam a ação política ao nível local, intensifica a quebra entre os municípios centrais “ricos” e influentes e aqueles para onde são “centrifugadas” as populações de menor recursos. Socialmente, dá-se frequentemente como adquirido que essa marginalização geográfica sendo a base para uma marginalização social. Assim, os direitos de cidadania são anulados pela marginalização, sobretudo em áreas de residência de emigrantes, por vezes em situação de clandestinidade.

**Fragmentação Urbana.** A fragmentação do território, na linha de Luís Mendes (2011), consiste numa organização territorial marcada pela existência de enclaves territoriais distintos e sem continuidade com a estrutura socioespacial que os envolve. Quando se refere enclave, refere-se há não relação com as áreas envolventes que lhe são próximas em termos territoriais, porém, carentes de continuidade social e funcional.

Domingues (1996), considera esta fragmentação fruto da periferia espontânea que se constrói segundo um processo imperfeito formado por sucessivas adições, fruto de decisões isoladas e de escala funcional muito diverso. A racionalidade do planeamento é substituída pela dinâmica do investimento privado e pela variabilidade do mercado, em que a forma urbana resultante é não estruturada, caótica, incompleta, labiríntica e instável.

A **metodologia** adotada para o desenvolvimento do estudo diverge na análise de fontes consideradas primárias e secundárias. A consulta da documentação foi realizada para além de bibliotecas virtuais, fundamentalmente na Biblioteca do ISCTE-IUL, através de obras na área disciplinar da Sociologia Urbana, de forma a obter bases para a compreensão do tema da segregação urbana. Na verdade, a metodologia sofreu alguns ajustes ao longo do desenvolvimento da investigação. Numa primeira fase, o caso de estudo seria a Barra da Tijuca (zona Oeste do Rio de Janeiro), caracterizado por ser um território com uma enorme margem de desenvolvimento, fruto de investimentos em grandes eventos (Mundial de Futebol 2014 e as Olimpíadas 2016), contudo apresenta um enorme desequilíbrio no seu tecido urbano, considerando um contraste social e urbano bastante evidente. O facto de se tratar de uma cidade recente, década 70, de ser um território pouco estudado, e de ter uma escala consideravelmente abrangente, fez com que abandonasse este caso de estudo e debruçasse exclusivamente sobre a cidade de Setúbal, nomeadamente o bairro da Bela Vista. Tendo em conta que, a componente prática incluía o Bairro da Bela Vista na sua área de intervenção, surgiu o interesse de cruzar o trabalho da componente teórica com a prática.

No capítulo I, a investigação adotou como fontes primárias, as obras que serviram de base na contextualização do tema da segregação urbana, estudada no âmbito da disciplina da sociologia urbana. Partindo da compreensão da disciplina através da obra de Mellor, “Sociologia Urbana” (1976), com várias teorias de sociólogos Europeus, que contribuíram na fundação da disciplina na Escola de Chicago. Esta obra abriu assim a investigação, embora não seja citada no desenvolvimento da dissertação. Com as bases minimamente interiorizadas, foi a vez de nos focarmos nos principais fatores impulsionadores da segregação urbana, no fundo perceber a raiz do problema. Várias obras surgiram, das quais se destaca a obra “Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade”, (1993) da autoria Mike Savage e Alan Warde; “Os Problemas de Investigação em Socio-

logia Urbana” (1975), do sociólogo Manuel Castells e os “Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos” (2008) de François Ascher antecedido pelo prefácio de Nuno Portas. Estas são consideradas as fontes primárias que estruturaram a investigação, contudo, estas obras apesar de considerarem o tema central da investigação não aprofundaram determinados conceitos imprescindíveis na compreensão da problemática. Nesse sentido, colaboraram as fontes secundárias, como é o caso dos artigos consultados que auxiliaram na estruturação do trabalho, complementando a informação retirada das fontes principais. Assim, consideramos os seguintes artigos: “A emergência da cidade-providência enquanto conquista da emancipação social urbana” (2011) da autoria de Vanessa Duarte de Sousa; “(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?” de Álvaro Domingues (1996); “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”, de Heitor Frúgoli (2005); no papel da intervenção sócio-urbanística no combate à exclusão social consideramos a publicação de Isabel Guerra (2001) “Intervenções Face à Exclusão Social Urbana”; Luís Mendes publica dois artigos que vem ao encontro do tema, a “Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa” (2008) e “Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado” (2011); Alberto Lopes Najar com dupla publicação faz uma aproximação ao exercício prático, através da obra “A Sociologia Urbana, os Modelos de Análise da Metrópole e a Saúde Coletiva” com parceria de Eduardo César Marques (2003) e a obra “A divisão social da cidade e a promoção da Saúde - A importância de novas informações e níveis de decupagem”, desta vez com a parceria de Fábio de Faria Peres (2006); Izabela Naves Coelho Teobaldo fundamenta na sua obra “A Cidade Espetáculo: Efeito da Globalização” alguns conceitos que vêm ao encontro com o tema; finalmente a mais recente publicação, “A propósito da produção do território. Sociologia urbana e relações de poder na estruturação do território como representação política e científica”, referente ao autor Tiago

Castro Lemos (2012).

No capítulo II, considerando a cidade de Setúbal como caso de estudo, a investigação partiu da obra de Carlos Vieira de Faria, “Novo Fenómeno Urbano Aglomeração de Setúbal” (1981), na contextualização urbana da cidade na mesma linha de pensamento de Manuel Castells. Uma vez feita a contextualização da cidade, a aproximação ao Bairro da Bela Vista é feita de imediato através da sua caracterização. Nesse âmbito, contribuíram as obras de José Luís Crespo, através de “Algumas complexidades do bairro no contexto da cidade: o caso do bairro da Bela Vista” (2012); a complementar a caracterização temos o catálogo “Habitar em Coletivo: Arquitetura Portuguesa antes do S.A.A.L.” sob a coordenação de Ana Vaz Milheiro (2009); considerando as restantes análises como o “Estudo dos Modos de Vida da População dos Bairros da Bela Vista”, sob a coordenação de José Miguel Nogueira e a “Agenda 21 da Unidade Territorial Bairro da Bela Vista” da autoria de Jorge Silva e Nuno Raposo (2007). Em 2009 foi publicado o Plano Estratégico de Setúbal Nascente, sujeito a uma análise consensual por parte de Ana Roxo, Luís Sanchez e Jorge Gonçalves intitulado por “Setúbal Nascente, Visões no Tempo da Incerteza” (2013), na qual o trabalho da vertente prática se baseia.

A metodologia da vertente prática passou por uma primeira abordagem à área de intervenção através da visita e a consequente estratégia de grupo seguindo as premissas das últimas fontes citadas juntamente com o enunciado presente em anexo. Uma vez definida a área de intervenção dos vários membros do grupo, o presente trabalho centrou-se na escolha do local de intervenção que cumprisse os requisitos do tema abordado na vertente teórica. Definido o local e seguindo as premissas do Plano Estratégico de Setúbal Nascente, a questão programática foi sustentada pelo Plano, propondo um edifício de Saúde na área de intervenção. A primeira abordagem passou pela leitura do regulamento do Manual para a Mudança dos Centros de Saúde da Terceira Geração, publicado pela Direção-Geral da Saúde em 2002. Esta publicação colocou a hipótese dos

novos edifícios de saúde se envolverem numa ação de apoio à comunidade (humanitária), surgindo nesta altura a possibilidade de associar ao centro de saúde programas adequados à realidade do Bairro da Bela Vista. Assim, essa afirmação pode ser apoiada através da revista “Arquitetura Ibérica” nº28 (2008), onde vários arquitetos envolvidos neste tipo de programas defendem a reformulação deste tipo de equipamentos como contribuição para o desenvolvimento humano. Tratando-se de um programa bastante específico o processo de projeto passou por um levantamento exaustivo de vários equipamentos de saúde que se enquadrassem nessa vertente social, sendo essencial na conceptualização do trabalho prático.

O presente trabalho será escrito de acordo com o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, obedecendo as normas de apresentação e harmonização gráfica para a dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e tese de doutoramento, estabelecidas pelo ISCTE-IUL. Assim, as referências bibliográficas adotam a Norma ISO 690.

### **Estado da Arte**

A ausência de projetos de arquitetura e urbanismo onde a componente social está explicitamente presente, prejudicou a investigação, confirmando-se assim a falta de articulação da componente social na aposta de infraestruturas, como agentes dinamizadores de coesão social como estratégia de projeto.

Assim, contextualizando a raiz da investigação na área da sociologia urbana, podemos afirmar que os teóricos desta disciplina constituem uma pequena parte da literatura. As teorias clássicas de sociologia urbana, na qual estão incluídas as afirmações dos sociólogos europeus Tonnies<sup>1</sup>, Simmel<sup>2</sup> e Weber<sup>3</sup>

---

1 Tonnies: foi um sociólogo alemão (Oldenswort, 26 de Julho de 1855 — Kiel, 9 de Abril de 1936)

2 Simmel : foi um sociólogo alemão. (Berlim, 1 de Março de 1858 — Estrasburgo, 28 de Setembro de 1918)

3 Weber : foi um intelectual, jurista e economista alemão considerado um dos fundadores da Sociologia (Erfurt, 21 de abril de 1864 — Munique, 14 de junho de 1920)

(e por implicação Durkheim<sup>4</sup>), e as dos americanos Robert Park<sup>5</sup> e Louis Wirth<sup>6</sup>, passamos ao enquadramento cronológico do estudo da disciplina.

É aceite que entre a década de 1920 e 1930, e até aos anos 60, a Escola de Chicago teve uma grande contribuição no estudo da cidade sendo a fundadora das primeiras análises de Sociologia Urbana. Estudos realizados pelos principais autores do movimento, como é o caso dos sociólogos, Ernest Burgess<sup>7</sup>, Rodrick McKenzie<sup>8</sup>, e sobretudo Park, considerando a cidade “como laboratório social” (1929) e Wirth, conceptualizando o “*urbanismo como modo de vida*” (1938), foram importantes para a nossa investigação. Estes dedicam as suas performances associadas ao trabalho social, ao estudo de fenómenos como: o crescimento urbano; a assimilação cultural; a desorganização social; a delinquência juvenil; as relações entre raça e cultura. No fundo numa reflexão acerca dos diversos comportamentos na comunidade urbana, a vida nos bairros fortemente segregados etnicamente, investigado num extenso trabalho empírico sobre a cultura urbana.

Seguindo a teoria de Park, a preocupação principal estava relacionada em relatar as mudanças típicas da modernidade, os seus costumes, hábitos, valores, crenças e sensibilidades dos habitantes das metrópoles. Estas questões estavam implantadas no contexto social, histórico, económico e cultural de crescimento e urbanização das cidades.

Entretanto, os sociólogos McKenzie e Burgess, desenvolveram um esforço de generalização, tentando construir uma teoria científica do crescimento urbano e da estruturação espacial baseada nas cidades norte-americanas. A teoria defende a localização no espaço como o produto dos recursos e funções de cada grupo e atividade na competição, como também um ciclo ecológico de invasão, seguido de competição, sucedendo a uma acomodação, válido não

4 Durkheim: foi um sociólogo, psicólogo social e filósofo francês (Épinal, 15 de Abril de 1858 — Paris, 15 de Novembro de 1917)

5 Robert Park : foi um sociólogo norte-americano e um dos mais eminentes pensadores da Escola de Chicago (Harveyville, Kansas, 14 de Fevereiro de 1864 — Nashville, Tennessee, 7 de Fevereiro de 1944)

6 Louis Wirth: foi um sociólogo alemão, membro proeminente da Escola de Chicago. (Gemünden, 28 de agosto de 1897 — Buffalo, 3 de maio de 1952)

7 Ernest Burgess: foi um sociólogo urbano canadense (16 de Maio, 1886 - 27 de Dezembro, 1966)

8 Rodrick McKenzie : foi um Membro do Parlamento da Nova Zelândia (1852 - 09 de outubro de 1934)

apenas para atividades e residências, mas também para grupos étnicos. Nesta época, a estruturação do espaço era um produto da luta dos indivíduos e grupos por recursos escassos. Contudo, ao longo das décadas de 1940 e 1950, Amos Hawley<sup>9</sup> desenvolveu uma análise da ecologia urbana reduzindo a ênfase na competição e evidenciou a importância da cooperação.

Durante os anos 50 e 60 do século XX, com o “rescaldo” das duas Guerras Mundiais, e sob a necessidade de repensar o desenvolvimento urbano, surgiram os *Urban Studies*<sup>10</sup>, levando a cabo estudos comparados sobre o crescimento de diferentes espaços urbanizados, recorrendo à estatística e à economia.

Mais tarde, nos anos 70, Manuel Castells<sup>11</sup>, inscrito na corrente de pensamento Marxista<sup>12</sup>, coloca no centro da sua análise as dinâmicas do sistema capitalista em contexto urbano, tomando a cidade (capitalista) como expressão das contradições desse mesmo sistema. Em resposta a esta problemática emergiu uma teoria da cidade no campo de estudos urbanos, fixada numa sociologia da planificação urbana com o objetivo de resolver os problemas urbanos consequentes do capitalismo.

---

9 Amos Hawley : foi um sociólogo Americano (05 de Dezembro de 1910 – 31 de Agosto de 2009)

10 Urban Studies : a principal revista internacional para bolsa de estudos urbanos. Desde a sua criação em 1964, a revista manteve-se na vanguarda dos debates intelectuais e políticos sobre a cidade, e já recebeu contribuições revolucionárias de toda a gama de disciplinas das ciências sociais.

11 Manuel Castells : é um sociólogo espanhol (nasceu em Hellín, 1942)

12 Teoria Marxista: Marx em O capital: matriz particular dos diversos sistemas que estão na base de uma sociedade (sistemas económico, político e ideológico)

A **estrutura** do presente trabalho procura fazer uma contextualização do conceito da segregação urbana partindo do geral para o particular. A componente teórica é constituído por dois capítulos, antecidos por uma Introdução. O capítulo 01, tendo como contributo a área disciplinar da sociologia urbana, aborda as questões da cidade e de uma forma geral os fatores que impulsionam o fenómeno da segregação urbana e as respetivas estratégias de intervenção no desenvolvimento humano, sendo os diagramas da figura 02 e 03 fundamentais na compreensão do capítulo 01.

O capítulo 02, trata o caso de estudo do bairro da Bela Vista, enquadrando numa primeira fase à escala da cidade, direcionando-se para o tema da investigação através do estudo do Bairro da Bela Vista.

O capítulo 03 refere-se ao trabalho de grupo e 04 a proposta individual na vertente prática de Projeto Final de Arquitetura articulado com o caso de estudo.

A tese é rematada pelas reflexões finais através da conclusão no capítulo 05, seguida da bibliografia e anexos, nos capítulos 06 e 07 respectivamente.

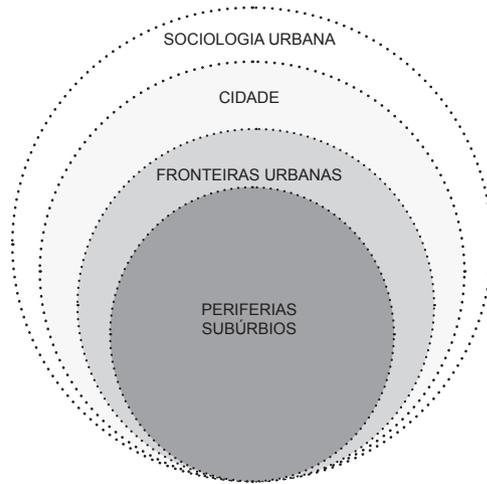


Fig. 02 - Estrura de Conceitos base (Estrelo, 2015)

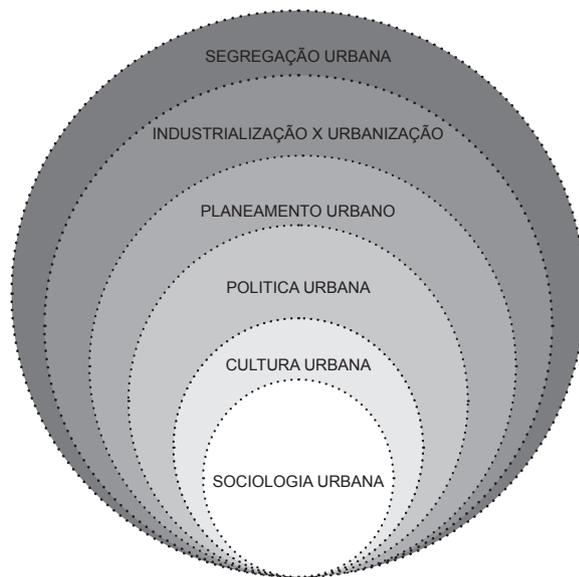


Fig. 03 - Síntese (R. Estrelo, 2015)



**PONTO DE EQUILÍBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



**REFLETE  
A CIDADE**

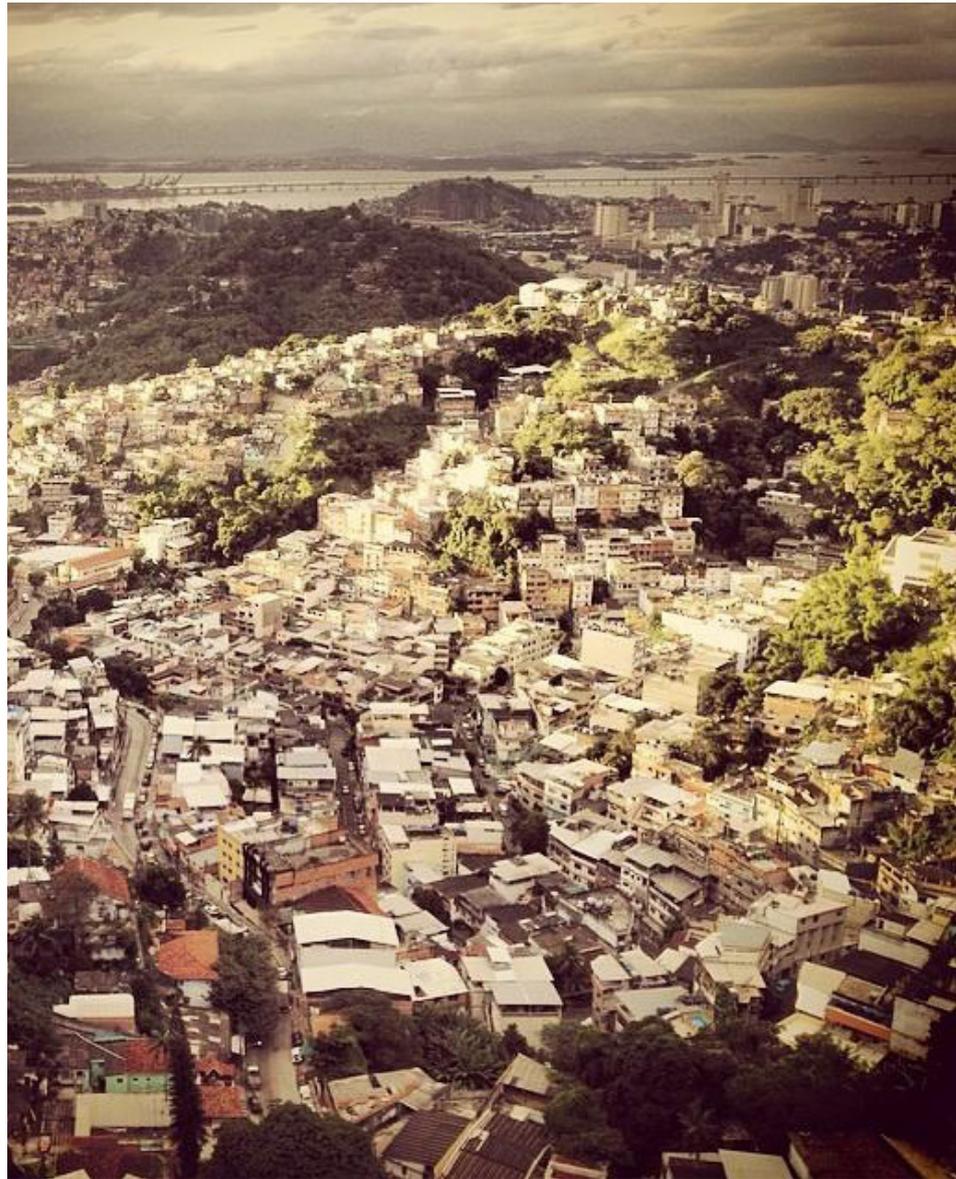


Fig. 04 - Subúrbio, Morro Santa  
Teresa Rio de Janeiro  
(Fot. R.Estrela, 2014)

*“A cidade é um estado de espírito, ... é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana.”*

(Park *apud* Najjar, Marques, 2003, P.708)

# 01. REFLETE A CIDADE

## 01.1. A CIDADE COMO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo procura, através do contributo da sociologia, compreender algumas questões que se levantam no âmbito das relações sociais e que de certo modo poderão interessar ao arquiteto para a compreensão da cidade.

A partir deste enfoque, segundo Duarte de Sousa (2011), podemos dizer que, a cidade revela-se como um palco complexo de relações sociais, que estarão na base da sua capacidade criativa e de inovação, fruto da multiculturalidade e espacialidade. Ao nível social, é nas cidades que verificamos o desabrochar de uma multiplicidade de experimentalismos, com vista à promoção da coesão, mas também da recriação dos laços sociais.

Na caracterização da cidade atual, recorreremos a Luís Mendes (2011), que refere que é incontestável que as últimas décadas têm assistido à formação de um novo tipo de cidade a que se denomina, pós-moderna. A cidade compacta, de zonamento social (cidade modernista), desenvolve-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas. Esse processo deve-se, desde os finais dos anos 60, ao mercado de habitação das cidades do capitalismo, respondendo a uma crescente fragmentação e complexidade sociais. A cidade sofreu transformações significativas, através da emergência de novos formatos de alojamento, influenciando a organização espacial urbana no sentido de uma maior segregação. De facto, a aplicação do adjetivo “pós-moderno” sugere que o fenómeno urbano assiste a uma fase de transição, em que escasseia as características e os princípios que se lhe atribuíam no “período moderno”.

Najar e Marques (2003) apoiando-se na teoria de Castells, defendem a existência de grupos sociais específicos a quem a localização central está associada a um padrão de vida específico altamente valorizado, o que tem levado os centros das chamadas “cidades globais” a um intenso processo de elitização, em que o acesso a determinados bens e serviços assume-se como um bem superior.

Duarte Sousa (2011) seguindo a teoria de Wirth, considera a dimensão, a densidade e a heterogeneidade como os critérios de definição de uma cidade. A partir destes, são exploradas as características do modo de vida urbano. No quadro de um entendimento sobre as solidariedades urbanas, será interessante perceber de que forma se podem gerar laços fortes e trocas solidárias a partir desses mesmos contactos secundários. Neste sentido, parece registar-se a paradoxo da vivência na cidade em Wirth, em que, com a individualidade parece perder-se cidadania.

Na linha de Mendes (2011) podemos assim referir que, a cidade pós-moderna tem assistido a um processo de descentralização, tornando-se num mosaico de desenvolvimento geograficamente desigual. A mistura das novas e velhas formas urbanas, desafia as definições convencionais de urbano, obrigando a repensar as premissas básicas da teoria e da análise da cidade. A fragmentação do espaço urbano encontra-se intimamente associada ao processo de globalização económica e cultural que produz modelos éticos-estéticos, e se estabelece num elemento na reprodução das relações sociais no quotidiano.



Fig.05 - Fonte de Inspiração, Morro Santa Marta, Rio de Janeiro (Fot. R.Estrela, 2014)

“A arquitetura é dependente das condições do mundo e da cultura e não é uma arte autónoma”, uma vez que “está ligada à economia, à cultura, aos conflitos e às vicissitudes”.

Eduardo Souto Moura (in [www.archdaily.com](http://www.archdaily.com))

## 01.2. O CONTRIBUTO DA SOCIOLOGIA URBANA

*“Uma problemática sociológica da urbanização deve partir da análise da mesma como processo social, como resultado da interação entre infraestrutura e forças sociais.” (Castells, 1975, P.85)*

A sociologia cedo se debruçou sobre questões associadas ao território, e à espacialização de determinados fenómenos sociais considerando, deste modo, a cidade como protagonista central nos estudos da sociologia urbana. A sociologia urbana, segundo Lemos (2012), procura assim, através da construção de um quadro estável de métodos, técnicas e conceitos surgir como disciplina especializada.

Nesta perspetiva, e segundo Najar e Marques (2003), a noção de território permite considerar uma dimensão complementar que não é apenas articulada em torno dos conceitos de tempo, distância e acessibilidade. Administrar, governar, dirigir são atividades que originam um recorte territorial, uma redefinição de espaços em relação aos quais se constroem identidades. A reflexão sobre os limites territoriais, as implicações dos recortes a que atores sociais estariam envolvidos, são questões em relação às quais a sociologia urbana tem muito a contribuir.

A sociologia urbana abordou uma grande quantidade de problemas cujo conteúdo comum pertence à esfera do consumo coletivo, isto é, tratam de processos de consumo cuja organização e gestão são coletivas, em virtude da natureza e da dimensão das questões postas: habitação, equipamentos, tempos livres, etc. (Castells, 1975)

O interesse nesta investigação dos contributos da área disciplinar da sociologia deve-se como refere Lemos (2012), ao facto da sociologia urbana, disposta a exercer a sua função de entender as dinâmicas sociais do espaço, estabelecer um conjunto de categorias sobre o território. Segundo o autor, com a sua estruturação enquanto disciplina, participou na reforma política do espaço urbano, através de um programa de investigações e participou na determinação social dos problemas urbanos.-

Dado que o nosso caso de Estudo – o Bairro da Bela Vista se inscreve na cidade de Setúbal, o conceito de cultura urbana interessa-nos para a compreensão das dinâmicas do bairro. Entende-se por cultura urbana um sistema específico de normas ou valores ou, no que se refere aos atores, de comportamentos, atitudes e opiniões. (Castells, 1975)

Na perspetiva de Castells (1975), a teoria da cultura urbana, fundamenta-se assim em dois pontos: O primeiro diz-nos que as sociedades “modernas” (sociedades industriais capitalistas) têm um sistema cultural específico. Consiste em definir os seus contornos, de estudar a sua área de difusão e de domínio e de compreender as “resistências à mudança” por parte de certas subculturas não integradas. O segundo refere que o sistema cultural é produzido a partir de uma forma ecológica particular da cidade. A sociedade rural transforma-se em sociedade urbana por causa do acréscimo de dimensão, densidade e heterogeneidade que se produz nas coletividades territoriais que a compõem. A partir de certo nível de desenvolvimento, a sociedade urbana produz e emite valores que acabam por impor-se aos aglomerados rurais.

As cidades e a cultura urbana sofreram algumas transformações devido a vários fatores, um desses fatores como refere Mendes (2011), é o individualismo contemporâneo que passa a ser mediador da nova apropriação do espaço pelos vários grupos sociais, tornando menos suscetível a tipologias de classificação e a correspondências socio-espaciais. Assim, o universo contemporâneo, passa a ser dominado pelos objetos, pelas imagens, pela informação e pela revolução do consumo, pelo culto da libertação pessoal e da descontração, motivando uma nova forma de controle dos comportamentos, uma diversificação e transformação dos estilos de vida, e uma alteração constante das crenças e dos papéis sociais assumidos. Resumindo, trata-se de uma nova fase na história do individualismo ocidental, a do processo de personalização que teve grandes reflexos na forma como as pessoas vivem nas cidades. É a partir deste princípio, da personalização pessoal, que o coletivo social se organiza, se comporta, e que

no nível das práticas, vivências, valores e representações da cidade implica uma configuração das práticas e estilos de vida da urbanidade segundo um contexto de distinção social da individualidade. (Mendes, 2011)

Na perspectiva de Acher, *“As cidades contemporâneas são assim profundamente heterogêneas, refletindo uma sociedade complexa e de indivíduos com aspirações e com práticas múltiplas. Colocam problemas de urbanismo muito diferentes e necessitam de soluções adaptadas a contextos variados. Fazem apelo à criatividade. É com esta heterogeneidade que é preciso fazer a cidade e as soluções não estão geralmente no regresso às formas urbanas antigas e em particular à continuidade do edificado e à densidade.”* (Ascher, 2008, P.105)

Ascher (2008) considera que os urbanistas devem considerar a velocidade das deslocações e o uso das telecomunicações, gerindo outras formas urbanas, embora teremos de admitir que este urbano extenso e descontínuo faz parte da cidade do séc. XXI. Esta cidade, não pode ser senão diversidade, comprometida entre as procuras e as práticas variadas de que ela é o objeto, assim, o urbanismo não pode ser uniforme. Contudo, deve ser voluntário, porque as dinâmicas sociais têm tendência a produzir naturalmente caos e injustiça. O urbanismo questiona assim os políticos, promovendo ambição e novos projetos. Porém cada aposta urbana, necessita da aprovação, influenciada por interesses variados, de acordos e de maiorias. A atratividade urbana depende assim, de variáveis que decidem escolhas residências e profissionais das camadas sociais qualificadas e jovens criativos. Estes são atraídos, evidentemente, pela qualidade de vida urbana, pela presença de certas atividades económicas que os podem empregar, pela dimensão e variedade do mercado de emprego, pela presença de equipamentos coletivos públicos ou privados de alto nível e pela imagem dos territórios que habitam e frequentam.

A estrutura social na cidade é um conceito que nos interessa porque apesar do foco do nosso trabalho ser a segregação, todos sabemos que os habitantes das cidades não vivem isolados. Segundo Acher (2008), a sociedade é estruturada e funciona como uma série de redes interligadas que asseguram uma mobilidade acrescida às pessoas, aos bens e à informação

*“Esta organização em rede gera de facto uma nova solidariedade, no sentido em que cria um sistema de interdependências entre indivíduos. ..., a solidariedade comutativa, que põe em contato indivíduos e organizações pertencentes a uma multiplicidade de redes interligadas. O desafio para a democracia é, portanto, o de transformar esta solidariedade comutativa, de facto, numa solidariedade “reflexiva”, isto é, numa consciência de pertença a sistemas de interesses coletivos.” (Ascher, 2008, P.107)*

### 01.2.1. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

Castells (1975), afirma que o estudo do processo de urbanização vinha ao encontro da descrição das novas formas de implantação, das atividades da população e da delimitação das relações entre estrutura social e organização do espaço. Neste sentido, a sociedade não se “reflete” no espaço, a sociedade não se situa nem pode situar-se como algo exterior ao próprio espaço. Assim, a formação de regiões metropolitanas nas sociedades industriais deve-se à articulação entre o espaço e o resto dos elementos materiais da organização social. Castells, propõe uma metodologia de análise das formas sociais que exige uma reconstrução da estrutura das relações entre os elementos que compõem a sociedade, entre os quais se encontra o espaço.

Assim, o que nos interessa a partir da abordagem sociológica de Castells é, o facto de não ficarmos ao nível das estruturas (espaço), mas passarmos à

análise dos atores. Deste ponto de vista, deveremos tomar três perspetivas, a história, o funcionalismo e a semiológica<sup>1</sup>, aplicando-as respetivamente a cada um dos três níveis correspondentes, a personalidade, os grupos ou coletividades e a sociedade global. O estudo do espaço e do processo coletivo de consumo, a estes três níveis, em relação aos atores e às estruturas, e seguindo as três perspetivas indicadas, constitui um campo teórico que nos ajuda a compreender as questões da organização social. (Castells, 1975)

Uma vez que a transformação de uma unidade espacial é determinada pelas variações nos elementos do sistema urbano e nas relações que eles mantêm entre si. Segundo Castells, os elementos do sistema urbano são:

“- P (produção): dimensão espacial do conjunto de atividades produtoras de bens, serviços e informações (por ex.: a indústria, os escritórios, os mass media);

- C (consumo): dimensão espacial das atividades que têm por objeto a apropriação social, individual e coletiva do produto (por ex. a habitação, os equipamentos coletivos, culturais e recreativos, etc.);

- I (intercâmbio): dimensão espacial dos intercâmbios que têm lugar quer entre P e C, quer no seio de P ou de C (por ex.: a circulação, o comércio, etc);

- G (gestão): Processos de regulação das relações em P, C e I (por ex.: organismos de planeamento urbano, instituições municipais, etc.).”

(Castells, 1975, 226)

### 01.2.2. ELEMENTOS DA ESTRUTURA URBANA

Segundo a perspetiva de Castells (1975), uma aglomeração é algo mais do que um conjunto de atividades, volumes e instalações unidos por uma simples coincidência espacial. A coexistência de uma série de elementos no espaço, a sua interação com o meio geográfico e as suas relações internas determinam a formação de vínculos entre os fatores básicos de um grupo humano localizado.

A compreensão da evolução e da problemática de um conjunto urbano

---

<sup>1</sup> Semiológica Ciência dos modos de produção, de funcionamento e de receção dos diferentes sistemas de sinais de comunicação entre indivíduos ou coletividades.

deve partir da análise da sua estrutura. Na perspectiva deste autor, a estrutura urbana define uma organização relativamente estável dos elementos básicos de uma unidade urbana, regida por uma lei determinada. Ou seja, os vínculos estabelecidos entre os fatores de base da estrutura urbana não são meramente conjunturais, mas correspondem à formação social da qual provêm. A cidade mais que imagem da organização social, é parte integrante dessa organização social e, por conseguinte, rege-se pelas leis da formação social a que pertence. A estrutura urbana considera-se assim, como o sistema socialmente organizado dos elementos básicos que definem uma aglomeração urbana no espaço. Uma cidade é uma coletividade social multifuncional territorialmente delimitada. As suas formas históricas, geográficas, técnicas, sociais, podem ser tão diferentes que, de facto, o mesmo termo cobre realidades sociais e ecológicas profundamente distintas. Assim, o conjunto urbano define a unidade socioespacial multifuncional suscetível de consideração específica, mesmo partindo da base de que toda a coletividade territorial faz parte de uma rede mais ampla, articulada e hierarquizada. A estrutura de base de um conjunto urbano é assim determinada pela interação destes quatro processos e também os intercâmbios que cada um realiza com o exterior do sistema num conjunto urbano específico, sendo inseparável da dinâmica social. (Castells, 1975)

Esta perspectiva ajuda-nos a compreender as questões da segregação nas cidades, uma vez que, este esquema analítico da estrutura urbana parece superar a descrição em termos de ocupação do solo, como reflexo da estrutura social na Carta de Atenas<sup>2</sup>, que a divide em diferentes funções: trabalho, habitação, lazer e circulação, levando-nos a pensar que um conjunto urbano possui uma dinâmica própria que não está à margem da dinâmica social geral, mas goza da combinação do estado de cada um dos processos citados e da sua relação com o espaço. (Castells, 1975)

---

<sup>2</sup> Carta de Atenas: é o manifesto urbanístico resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), realizado em Atenas em 1933.

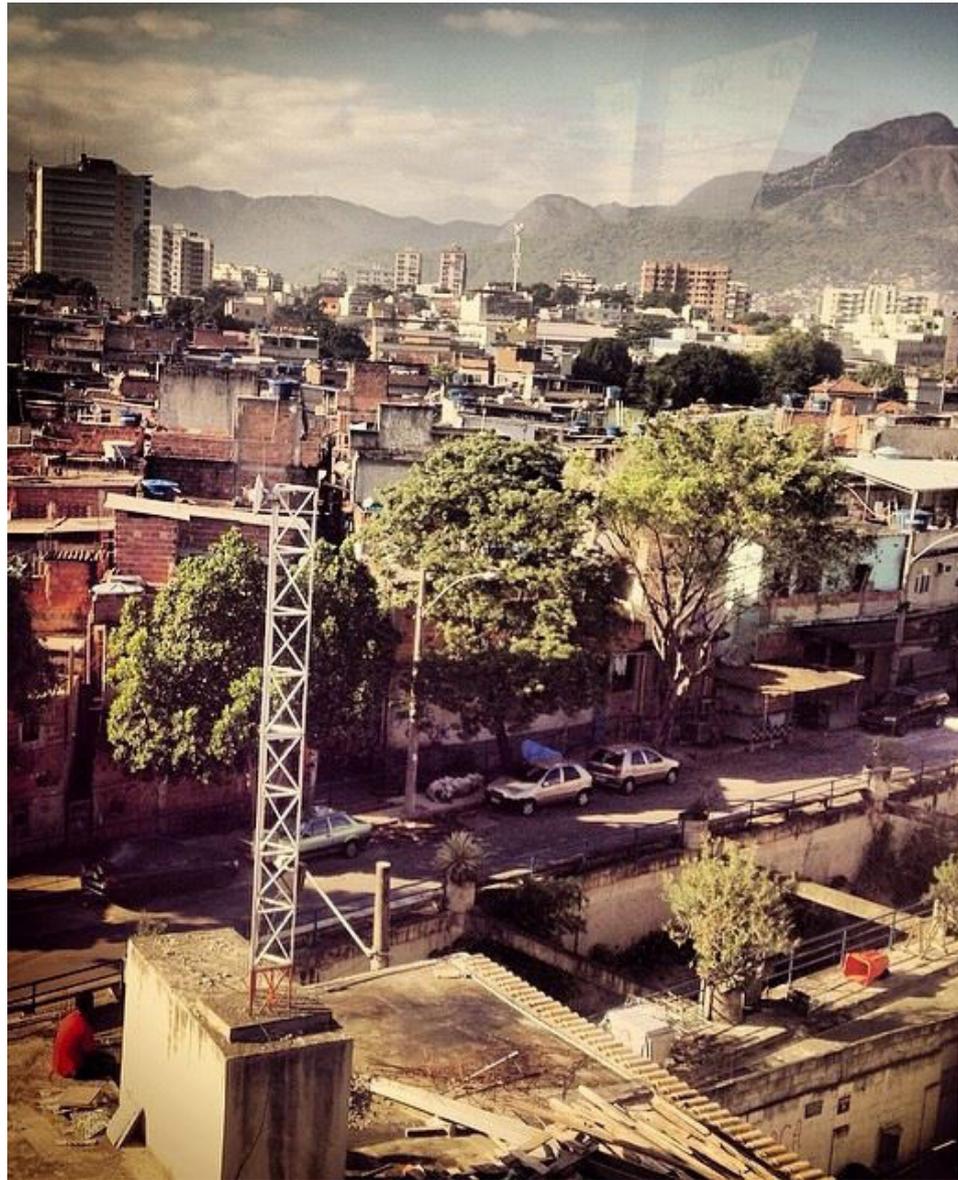


Fig. 06 - Cidade de Contrastes,  
Zona Norte, Rio de Janeiro  
(Fot. R.Estrela, 2014)

*“Você tem de pensar na política, política é importante, a própria vida, pensar na miséria, curar e colaborar, que a coisa está ruim demais, a esperança fugiu do coração dos homens, ai há a revolução. “*

Oscar Niemeyer - A vida é um Sopro (Documentário realizado por Fabiano Maciel, 2010)

### 01.3. PLANEAMENTO URBANO

No âmbito da perspetiva da sociologia urbana, o planeamento urbano consiste na intervenção do sistema político sobre o sistema económico, a nível de um conjunto socioespacial específico. (Castells, 1975)

Assim, as cidades passaram a ser planificadas através de estruturas e de procedimentos para predefinir e impulsionar as expansões periféricas e as renovações de forma mais racional. Neste sentido, Acher (2008) afirma que, as formas urbanas certamente que variaram conforme as cidades e os países. Mas todos os países fundadores do urbanismo, pelas suas práticas e pelo seu pensamento, foram conduzidos pela adaptação das cidades à sociedade industrial. As cidades e o urbanismo conheceram assim uma verdadeira revolução, conduzindo à expressão de uma racionalidade simplificadora com o seu planeamento urbano, os zoneamentos monofuncionais, as estruturas urbanas hierárquicas, adaptado à produção e ao consumo de massas, com os seus centros comerciais, as zonas industriais e as circulações rápidas, com a concretização da Cidade-Providência<sup>3</sup> através dos seus equipamentos coletivos, serviços públicos e habitação social.

---

<sup>3</sup> Cidade-Providência: “A cidade-providência enquanto novo experimentalismo socioeconómico e democrático é o exemplo da luta pela conquista de direitos e da vontade em construir uma outra vida urbana, que vise a desmercadorização da vida quotidiana, que procure a interculturalidade, que incentive as relações de vizinhança, que transforme a cidadania em condição de partida para o viver coletivo.” (Duarte de Sousa, 2011)

### 01.3.1. NEO-URBANISMO COMO RESPOSTA À SEGREGAÇÃO

*“Nas teorias da condição urbana pós-moderna, a cidade é hoje apreendida como um “sistema complexo”, irredutível à separação em funções elementares e em zonas estanques. Ela deve ser concebida como uma realidade flexível que se pode adaptar e modificar ao longo do tempo, ao contrário da produção massificada dos grandes conjuntos habitacionais, ilustração dramática da rigidez do período moderno. O urbanismo deve ser “ágil” e realizar-se mais a partir de projetos urbanos estratégicos do que de planos diretores.”*  
(Mendes, 2011, P.477)

Segundo Ascher (2008), o urbanismo moderno passou a ser administrado pelo poder público, assegurando a aplicação das leis, dos planos e dos regulamentos, das missões de interesse geral e funcionamento dos serviços no plano urbano. “Esta administração era coerente com um urbanismo que proibia e controlava ao mesmo tempo que projetava, que aplicava princípios e soluções.” (Ascher, 2008, P.90)

Admite-se assim, que a seletividade dos investimentos favorável à reprodução do capital provoca o esquecimento das áreas mais carenciadas onde se concentram os mais desfavorecidos. (Mendes, 2011)

Em contrapartida, o neo-urbanismo esforça-se por resolver os problemas caso a caso, e por elaborar as respostas específicas para cada situação, com vista a aumentar as suas potencialidades de adaptação a contextos particulares, mutáveis e incertos. Atua num sistema complexo de atores cujas lógicas são variadas e funcionam num meio crescentemente heterogêneo, onde é necessário regras que se adaptem às lógicas dos atores, e as utilizem em benefício dos seus próprios projetos de coesão. (Ascher, 2008)

Vivemos numa sociedade urbana em pleno processo de evolução. A necessidade de uma relação mais direta com os cidadãos e de novas formas democráticas de representação das metrópoles, sendo a escala a que se devem tomar decisões urbanas estruturantes e estratégicas. A autonomia crescente dos indivíduos e a força crescente da economia de mercado podem agravar as desigualdades sociais atuais ou mesmo suscitar outras novas. Os cidadãos precisam de adquirir a consciência de que as suas sortes estão ligadas, que o futuro da gestão da cidade passa por desenvolver esta solidariedade reflexiva, necessária em todas as escalas, da mais local à mais global, e da qual depende o futuro das nossas sociedades. (Ascher, 2008)

*“A governância urbana implica um enriquecimento da democracia representativa com novos procedimentos deliberativos e consultivos. (...) Este nivelamento da democracia local é um dos elementos-chave do futuro das cidades e mais alargadamente das sociedades ocidentais. (...) Digo de outra forma, o neourbanismo é portador de uma atitude particularmente ambiciosa que necessita de mais conhecimentos, de mais experiências e de mais democracia.”*  
(Ascher, 2008, P.94 e P.95)

Na perspectiva de Ascher, (2008), os bons desempenhos urbanos são frequentemente baseados na colaboração e na coordenação de várias potências localizadas, do que na massificação. As economias de variedade predominam sobre as economias de escala, ou seja, criando uma maior diversidade funcional das zonas urbanas, uma multidentalidade e conseqüente polivalência de uma parte dos equipamentos e serviços e o inevitável reforço dos transportes e das diversas redes. “Os lugares de conexão entre as diferentes redes ganham uma importância acrescida e fazem da intermodalidade dos transportes uma aposta-chave das dinâmicas urbanas.” (Ascher, 2008, P.83)

Assim, Castells (1975) defende que o estudo da urbanização ao nível das formas espaciais e do modo de produção numa sociedade determinada, está na base do estudo dos problemas urbanos. Trata-se, pois, de investigar o processo de urbanização como um dos elementos básicos daquilo a que a sociologia chamaria de mudança social, e conseqüentemente, desenvolvimento. Por outro lado, associa-se geralmente urbanização com industrialização, ao tornar equivalentes os dois processos ao nível dos indicadores utilizados para construir a oposição entre rural/urbano e ocupação agrícola/ocupação industrial.

### 01.3.2. CIDADES E DESENVOLVIMENTO DESIGUAL

Ascher (2008) considera o crescimento interno das aglomerações, por expansão para as suas periferias dá lugar a um crescimento externo. Os limites e as diferenças físicas e sociais entre cidade e campo tornam-se cada vez mais ténues. A expansão dos territórios urbanos diminui a importância da proximidade na vida quotidiana, em que o bairro é cada vez menos o lugar de integração das relações de amizade, familiares, profissionais, cívicas; e os vizinhos mais próximos são cada vez menos. (Ascher, 2008)

*“A apropriação e utilização do espaço urbano torna-se num processo conflitual, não só entre utentes e proprietários da cidade, mas entre os próprios agentes capitalistas cujos interesses são concorrenciais. Assim, muitas das ações que se desenrolam nas áreas urbanas não representam uma intervenção consensual e coerente do Poder, mas o resultado de lógicas e estratégias em concorrência dos diversos agentes urbanos (grandes ou pequenas empresas de serviços e indústrias, grandes ou pequenos proprietários de terrenos, promotores imobiliários, empresas de construção, etc.).” (Mendes, 2008, P.67)*

Segundo Mendes (2008), a cidade capitalista consiste no funcionamento eficaz dos mecanismos de controlo, regulação e acumulação de capital, invés do bem-estar da generalidade da população.

Os estudos realizados em cidades que apresentam um desenvolvimento desigual são sensíveis à consideração de aspetos do ponto de vista histórico e têm identificado a forma como diferentes lugares podem ser diversamente afetados pelo desenvolvimento urbano, não sendo um processo evolutivo comum a todas as cidades. As cidades nascem e decaem, decaem e nascem, fruto da instabilidade das condições urbanas. (Savage e Warde, 1993)

*“A uniformização de uma massa crescente da população quanto à posição que ocupam na produção e quanto à sua estratificação económica segundo o sistema dominante, conduz à segregação social, (...). A consequência é a hierarquização social em termos de consumo (tipo de residência e de serviços), (...)”*  
(Castells, 1975, P.102)

#### 01.3.2.1. DESIGUALDADES E SEGREGAÇÃO SOCIAL

Segundo Ascher (2008), a modernização é um movimento que surgiu antes do período que consideramos de moderno. Este movimento deve-se à interação de três dinâmicas cujas marcas encontramos em diversas sociedades, a individualização, a racionalização e a diferenciação social. “A diferenciação social é um processo de diversificação das funções dos grupos e dos indivíduos no seio de uma mesma sociedade.” Estimulada pelo desenvolvimento da divisão técnica e social do trabalho, provocando assim uma dinâmica da economia de mercado. A diferenciação produz a diversidade e desigualdades entre grupos e indivíduos e origina uma sociedade cada vez mais complexa. (Ascher, 2008, P.24)

Os processos de segregação social na cidade não atuam exclusivamente no campo do emprego, havendo várias formas de produzir desigualdades sociais. Na área da segregação urbana identificamos dois fenômenos que se ligam a formas mais amplas de desigualdade social, a suburbanização e a nobilitação<sup>4</sup>. (Savage e Warde, 1993)

O conceito “segregação” gerou um crescente número de análises referentes a desenvolvimentos urbanos específicos, a suburbanização e a nobilitação em especial. Estas análises provocaram especulações sobre as implicações culturais da concentração social. Por efeito da segregação, o subúrbio, o gueto e o enclave nobilitado são expressões da desigualdade. Nessa área, determinadas comunidades exibem características culturais distintas nas suas atividades quotidianas, as quais constituem a reprodução da identidade social e, em alguns casos, da solidariedade social. (Savage e Warde, 1993)

No âmbito dos estudos urbanos o conceito de segregação urbana, emprega o termo para qualificar as formas mais evidentes da divisão social no espaço urbano. “A cidade é a configuração socio-espacial que corresponde às formas mais manifestas desta diferenciação das atividades e dos indivíduos”. (Mendes, 2008, P.57)

O fenómeno da segregação do espaço urbano surge devido ao território limitado na cidade. Nas cidades capitalistas a posse da terra é privada, sendo que cada parcela de terra tem um valor diferente em função da sua localização, dimensão e uso. (Savage e Warde, 1993)

*“Para a sociologia urbana, mais importante do que a segregação do uso da terra é a segregação de grupos sociais. A desigualdade social tem expressão no espaço. De facto, é raro encontrar milionários que vivam porta a porta com trabalhadores não especializados.”* (Savage e Warde, 1993, P.65)

---

<sup>4</sup> Nobilitação: significa a deslocação das classes médias de regresso aos centros das cidades (Savage e Warde, 1993, P.82)

As áreas urbanas centrais, tendencialmente, são ocupadas por famílias nucleares, provocando assim a segregação espacial. Assim, as análises da segregação das cidades revelam-nos muito sobre desigualdade social, sobre o modo como diferentes tipos de desigualdade estão relacionados, sendo que as tendências de segregação urbana podem ser lidas como prova de alterações sociais. (Savage e Warde, 1993)

O ambiente construído tornou-se o cenário de altos e baixos cíclicos no mercado imobiliário, variando entre a degradação e a superconstrução. Estes dois fenómenos são produzidos pelo processo de construção na cidade sob relações sociais capitalistas e têm implícito a ideia de que o crescimento urbano desigual é próprio da natureza capitalista de desenvolvimento. Consagra-se assim o ciclo da valorização e da desvalorização do espaço urbano nos mercados regionais de solo, com início no processo de suburbanização. Quando temos a formação de bairros onde prevalecem determinados grupos étnicos minoritários, geralmente caracterizados por condições habitacionais degradadas, subentende-se a formação de um gueto, que se revela enquanto espaço marginalizado e relativamente fechado à envolvente, reforçando uma organização social do espaço urbano cada vez mais fragmentada, com a perda de permeabilidade entre as várias áreas sociais, reduzindo a coesão social e territorial, e consequente, acentuação de conflitos. (Mendes, 2008)

A segregação social é produzida por diferentes mecanismos económicos, sociais e políticos. O desenvolvimento dos meios de transporte oferece novas possibilidades na escolha das localizações residenciais provocando aglomerados de populações que podem pôr em causa a coesão social e urbana. Em alguns casos, a formação de bairros privados rodeados por muros alimenta a fragmentação social e o isolamento espacial, que sustentam a rutura do pacto social e dos laços de solidariedade. O aumento das velocidades de deslocação é também responsável pelo fenómeno da segregação social. (Ascher, 2008)

Luis Mendes (2011) seguindo a teoria de Sposito, defende que se devem ler as geografias das áreas, dos eixos, das redes e dos fluxos não apenas como continuidades na sua totalidade, mas também como ruturas, como fragmentos que podem não compor uma unidade coesa.

*“Na cidade pós-industrial assiste-se a uma perda gradual de importância do fator “proximidade territorial” na estruturação das relações sociais. As relações sociais dos novos moradores estão cada vez menos focalizadas no espaço do bairro e nos vizinhos. Cada indivíduo pode combinar à sua maneira a relação de proximidade e a relação de distância, numa diversificação profusa de relações com os mais diversos círculos sociais.”* (Mendes, 2011, P.483 e 484)

A importância dos bairros na cidade industrial, a partir dos anos 90, começam a surgir posições divergentes na sociologia sobre a existência ou não de bairros na cidade. Também Ascher defende uma visão mítica da «cidade industrial», onde o bairro tinha um lugar central de aprendizagem e de solidariedade, mas também de encontros e conflitos. Trata-se de uma visão nostálgica da cidade industrial que tem subjacente uma postura crítica em relação à cidade atual, aos novos elementos que caracterizam o espaço urbano, como é o caso do transporte individual, dos “não lugares” e espaços de fluxos, em oposição aos antigos, respetivamente, os transportes coletivos, os lugares de convívio e as interações de proximidade. (Sá, 2012)



Fig.07 - O Céu é o limite, Morro Santa Marta, Rio de Janeiro (Fot. R.Estrela, 2014)

*“O mundo pode melhorar, mas o ser humano não! A gente tem que se adaptar ao mundo que a gente vive, é rir e chorar o tempo todo, o resto é lutar pelo mundo ser melhor, a preocupação pela igualdade, a vida se fazer mais decente para todos...”*

Oscar Niemeyer - A vida é um Sopro (Documentário realizado por Fabiano Maciel, 2010)

## 01.4. ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO

Segundo Teobaldo (2010), as “estratégias atuais de desenvolvimento entendem a cidade como uma comunidade onde exista uma vida local e lugares requalificados”. Requalificação essa, através da arquitetura-espetáculo, com encenação em lugares públicos, provocando uma verdadeira teatralização da vida pública. As relações sociais urbanas foram substituídas por uma seleção de imagens da arquitetura cenográfica onde os indivíduos são meros contempladores por força da renovação urbana, iludindo tratar-se de uma comunidade. Os espaços públicos outrora destinados às trocas de sociabilidade passam à condição de representação de um espaço artificial, separando os residentes e usuários sem considerar as tradições e as identidades locais. (Teobaldo, 2010, P.145)

Implantada em áreas reestruturadas, a arquitetura-espetáculo contribui funcional e esteticamente para formatar os ambientes urbanos, ambicionando projetos imobiliários e retorno de uma ocupação rentável para a área, admitindo os paradigmas de um processo de urbanização neoliberal. Neste processo a valorização do solo e a própria arquitetura transformam a cidade em espaço cenográfico. As imagens repetitivas das cidades produzidas por essa fórmula do planejamento estratégico levam a uniformização das identidades, gerando a possibilidade da existência de multiplicidade no espaço, onde prevalece o encontro e as trajetórias. A partir do momento em que há a uniformização do espaço, as diferentes formas de vida social e múltiplas identidades são simplificadas. (Teobaldo, 2010)

A cidade perde a sua diversidade de leituras através das imagens produzidas, constituem-se na negação da possibilidade de existência de outras imagens e, conseqüentemente, de outras leituras, retirando da cidade a multiplicidade e o conflito. Os urbanistas estratégicos consideram os efeitos da globalização sobre as políticas de ocupação do território urbano, num dado essencial para transformar uma cidade em uma mercadoria competitiva. Esse mercado de cidades baseado nos processos de reprodução da economia global, evidencia a produção

global do espaço social, e mostra a importância cada vez maior do espaço no capitalismo, levando a cidade a perder o sentido de comunidade, e consequentemente os locais de encontro. (Teobaldo, 2010)

*“As práticas ideológicas que produzem um objeto a partir do discurso e da imagem faz com que a produção de um objeto material pertencente à cidade esteja diretamente relacionada com a produção de consumo deste objeto, tornando esse simbolismo parte da realidade social. Tal fato demonstra como o poder das representações são parte fundamental da arquitetura e do urbanismo e constantemente concretizadas”.* (Teobaldo, 2010, P.146)

#### 01.4.1. INTERVENÇÕES FACE À EXCLUSÃO SOCIAL URBANA

Isabel Guerra (2001) afirma que, “continuamos a produzir cada vez mais riqueza e, simultaneamente, cada vez mais pobreza.” (Guerra, 2001, P.48) Os problemas não podem ser pensados separadamente, sendo a própria modernização a produtora da integração/exclusão, da riqueza e pobreza, das redes internacionais e fragmentação no interior das cidades.

A modernização globalizada para além das relações económicas, expande-se a todos os níveis da vida social, através de transformações nos “modos de produzir, de organizar o trabalho ou a intervenção pública, mas também, nas famílias, nas solidariedades locais, nos vínculos e contratos sociais que articulam a trama e o tecido social que estão em grande mutação.” (Guerra, 2001, P.48).

Com a crise produtiva surge a crise do sujeito e a crise das instituições tradicionais de inserção social alterando-se os valores, fragilizam-se as instituições de integração social. Desde a década 80 do século XX, em todas as grandes cidades europeias, fruto de uma diversidade de fenómenos económicos e sociais Guerra (2001) enumera algumas disparidades sociais:

*“– Mutação do sistema econ mico com a mundializa o dos mercados e a emergência da nova economia com a marginaliza o crescente de grupos sociais de menor “empregabilidade”;*

*– Transforma o das estruturas públicas com impactes nas formas de interven o;*

*– Desenvolvimento de fen menos migratórios que desarranjam as identidades nacionais e lhes trazem novos contributos culturais, mas também políticos e econ micos;*

*– Mudanças nas estruturas sociais, e nas formas de organiza o familiar e fen menos de individualiza o e de enfraquecimento dos laços familiares;*

*– Agravamento do fosso material e simbólico, entre os mais pobres e classes m dias-altas com consumos ostensivos.” (Guerra, 2001, P.48)*

Segundo Isabel Guerra (2001), a complexidade dos processos de desenvolvimento gera processos contraditórios de integra o/exclusão, trabalho/desemprego, segurança e desprote o. Os vários grupos sociais inseridos nas cidades sofrem com as transforma es que envolvem oportunidades e riscos, benefícios e incertezas. O espaço pode contribuir para aprofundar as dimensões de exclusão social sendo a sua localiza o espacial fulcral. A segrega o social e espacial surge em simultâneo, e os modos de precariedade das condi es de vida urbana, de socializa o negativa, intensificam as dimensões de pobreza e de exclusão social.

As no es de “território” e “projeto” surgiram no centro de várias iniciativas de interven o no esforço da coesão social da cidade. O território urbano   considerado como revelador das tensões sociais, e o projeto o vetor de transforma o, sendo responsáveis por resolver os problemas sociais e renovar a

ação pública. “Esta renovação caracteriza-se por abordagens integradas que se enraízam num trabalho de paciência e utopia, tecida pelos atores locais. São projetos, situados em territórios bem localizados, com atores claramente identificados, que acionam as sinergias através de uma lógica de resolução de problemas.” (Guerra, 2001, P.50)

Os projetos decorrem numa grande diversidade de domínios de intervenção, em que poucos se situam no campo tradicional de ação social, como equipamentos de infância ou de idosos. As dimensões económicas e culturais estão omnipresentes, em que muitas das intervenções convocadas emergem no campo da saúde, atividades económicas, cultura, desporto, formação qualificante e prevenção da delinquência. Tais projetos são considerados estruturantes para aumentar as oportunidades e repensar as práticas sociais integradoras das cidades. Com estes projetos, pretende-se a assistência de sujeitos que têm identidades e necessidades individuais, sendo reconhecidas as capacidades de ação inseridos num processo de desenvolvimento de dimensão mais coletiva. “Estes projetos geram novas interações, estruturam novos espaços de ação, constroem novas respostas, dão origem a novos serviços e mobilizam novos atores.(...) Nesta perspetiva, as políticas sociais inscrevem-se no campo das estratégias de desenvolvimento, integrado e participado.” (Guerra, 2001, P.52)

*“Os projetos mais inovadores apresentam formas de uma efetiva participação dos cidadãos na vida da cidade. Participação, nas formas de organização das comunidades locais com uma clara descentralização de meios e de competências incluindo meios financeiros. Estas formas de participação estão sobretudo ligadas à animação dos cidadãos, cujas características económicas e sociais, tradicionalmente os excluía das verdadeiras formas de participação na cidade.”* (Guerra, 2001, P.52)

A reflexão sobre as novas formas de “governância urbana” está na complexidade e na diversidade das formas de viver a cidade, e de manifestação de necessidades face ao espaço urbano, adaptadas às necessidades de eficácia, de transparência e de legitimidade da ação pública. “As questões que se colocam à reforma da administração para o aprofundamento da democracia na gestão das cidades são as seguintes:” (Guerra, 2001, P.54)

*“– Na maioria dos países a “divisão social do trabalho político” com a distribuição das competências entre os diferentes níveis (local, regional, nacional) não estão claras nem integradas e solidárias. A sucessiva descentralização de competências e de poderes para os níveis locais não conseguiram ainda estruturar “políticas locais integradas” (de saúde, de educação, de segurança social e emprego);*

*– A organização solidária dos “poderes locais” é difícil devido à fragmentação das estruturas administrativas locais e à crescente competição entre cidades e regiões.” (Guerra, 2001, P.54)*

#### 01.4.2. PROMOÇÃO DO BAIRRO

“A fragmentação da cidade, dá lugar a fronteiras de um conjunto de abordagens específicos sobre o espaço urbano. A delimitação de fronteiras, na medida em que, os especialistas reconvertem a delimitação de um eixo de análise numa visão fraturada do território urbano.” (Lemos, 2012, P.59)

A maioria das áreas urbanas é dominada por infraestruturas que criam descontinuidades nas unidades de gestão e planeamento territorial, adquirindo uma identidade comum, que se poderão definir como bairros. O bairro corresponde à dimensão de território ideal para a recuperação coletiva, tornando-o

numa unidade politicamente importante. O bairro é um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de uma organização, unindo grupos e por vezes classes sociais diferentes. (Crespo, 2012)

A análise das práticas sociais com atenção particular aos “efeitos de vizinhança”, em que medida a concentração de categorias sociais pobres em determinados bairros podem ser consideradas como vítimas de processos de exclusão social, neste caso na estruturação das práticas no domínio da saúde. Considerando uma dupla definição dos agregados residenciais, uma definição sociológica, por meio de análises da divisão social que permitam colocar em evidência os perfis sociais dos bairros populares e uma definição institucional dos bairros, focalizando as políticas urbanas e sociais. Um aspecto importante desse tipo de abordagem seria o de estabelecer relações “multiétnicas” ou “multiculturais” e de discriminações raciais que contribuam para a eventual especificidade desses bairros e de suas relações com os outros espaços urbanos. (Najar e Peres, 2006)

“A consideração das práticas urbanas leva os criativos a integrarem cada vez mais fortemente os condicionalismos de exploração e de gestão dos espaços e dos equipamentos urbanos. Isto contribui para redefinir as fronteiras e as modalidades de exercício dos diversos ofícios do urbanismo porque este deve integrar mais diretamente as exigências da gestão futura dos espaços que ele próprio contribui para produzir.” (Ascher, 2008, P.87)

As análises estatísticas da divisão social evidenciam a existência de espaços intermediários, caracterizados por uma grande mistura social. Esses espaços são pouco conhecidos e pouco estudados, já que a maioria das pesquisas se concentra nos espaços mais polarizados. A análise comparativa deverá permitir caracterizar as particularidades desses tipos de espaços, tanto em seu

perfil social específico quanto em termos de sua localização na cidade. (Najar e Peres, 2006, P.681)

“Nesses espaços médios, interessam particularmente as relações entre a mobilidade residencial e a mobilidade social; as condições de vida e práticas residenciais, particularmente no domínio da educação e da saúde; as relações sociais locais entre as diferentes categorias sociais que coabitam esses espaços, para analisar os efeitos sociais concretos das diferentes situações de ‘mistura social’.” (Najar e Peres, 2006, P.681)

A promoção da saúde vem se consolidando contra todas as dificuldades, com a imprecisão e banalização dos usos e práticas em torno do conceito, como um dos campos mais promissores e de maior destaque nos últimos anos na saúde pública. (Najar e Peres, 2006)

Seguindo esta reflexão, a análise das desigualdades sociais, a problemática conceituação de segregação, a promoção da saúde e o problema da pobreza urbana, seguem uma lógica racional. Generalizando, a pobreza urbana não se distribui de forma homogênea e uniforme no espaço urbano, da mesma forma que também não se concentra em alguma área vizinha definida; ou seja, a segregação social no espaço não é “perfeita”. (Najar e Peres, 2006, P.679)

*“Afinal, a produção social da saúde insere-se nas cidades, nos bairros, nas relações e unidades de vizinhança, em “ambientes” ou “comunidades”, que constituem espaços sociais e físicos onde as pessoas vivem, participam e “constroem” a sociedade ou, em outras palavras, onde a sociedade se “realiza”.”* (Najar e Peres, 2006, P.679)





**PONTO DE EQUILIBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



**CASO DE  
ESTUDO**



Fig.08 - Vista da Frente Ribeirinha  
(Fot. R.Estrela, 2014)

*“Tudo acaba por recair sobre a população local, sobre a cidade, sobre o bairro”*

(Bauman *apud* Sá, 2012, P. 22)

## 02.Caso de Estudo - CIDADE DE SETÚBAL / BAIRRO DA BELA VISTA

### 02.1. Cidade de Setúbal

Com base no estudo de Luís Mendes (2008), sobre urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea, admitimos as últimas quatro décadas do século XX como tempos de profundas transformações políticas, económicas e sociais na sociedade portuguesa. Alterações essas, tiveram efeitos tremendos nos aspetos da distribuição e de estrutura social na população portuguesa. Neste quadro de mudança, o heterogéneo território da Área Metropolitana de Lisboa surge como a unidade espacial onde se verificaram fenómenos, tal como em toda a generalidade do país, com o envelhecimento da população, a perda de população dos meios rurais, a terciarização da estrutura ativa e a melhoria dos níveis de instrução.

Segundo este autor, (Mendes, 2008), em função do seu cariz urbano, registaram-se os fenómenos demográfico-espaciais próprios de uma grande urbe em crescimento e em consolidação. Consequência destas transformações, a Área Metropolitana de Lisboa assistiu a sucessivos e diversificados fluxos de



Fig.09 - Mapa Acessibilidades da Área Metropolitana de Lisboa (R.Estrela, 2015)

imigrantes, dando lugar a fenómenos como a suburbanização, a nobilitação e a reabilitação urbanas dos bairros históricos. Posteriormente, a desindustrialização e relocalização industrial, e consequente, desconcentração das atividades económicas e uma litoralização ligada ao turismo e lazer por via da grande rede de acessibilidades, como podemos constatar na Figura 09.

A localização privilegiada de Setúbal, situada entre a Grande Lisboa e o Polo Industrial-Portuário de Sines, como a Figura 10 representa, promoveu o investimento produtivo, tirando vantagem da concentração espacial dos meios de produção e de consumo, dentro de uma economia de escala. O desenvolvimento económico assistido a partir dos anos 60 no país, encontrou em Setúbal uma das áreas privilegiadas, uma vez que poderia tirar partido dos equipamentos produtivos já existentes (o porto e as boas comunicações) em que a força de trabalho proveniente do êxodo rural alentejano veio usufruir dessa aposta. (Faria, 1981)



Fig.10 - Mapa de relação com a Grande Lisboa e o complexo urbano-industrial de Sines (Faria, 2015, P.70)

Partindo do estudo de Ana Roxo (2013), a cidade e o concelho de Setúbal inserem-se num contexto natural bastante rico e diversificado, integrado em área classificada como Reserva Natural do Estuário do Sado. As manifestações da cultura alentejana são uma evidência sempre sublinhada e omnipresente bem como a sua ligação ao rio e ao mar, fazendo parte do repositório de influências da Cidade de Setúbal.

Segundo a mesma fonte, a estrutura do distrito de Setúbal é uma referência memorial mais vincada sobre organização do território nacional, assumindo um peso significativo no sistema urbano nacional e uma referência do território português. Vários organismos da estrutura política e administrativa, tal como um vasto conjunto de organizações públicas, associativas e privadas localizaram-se igualmente na Cidade. (Roxo, et al., 2013)

Luís Mendes (2008) refere que a partir dos anos 50, o elevado crescimento demográfico da Área Metropolitana de Lisboa, inclusivé em Setúbal como

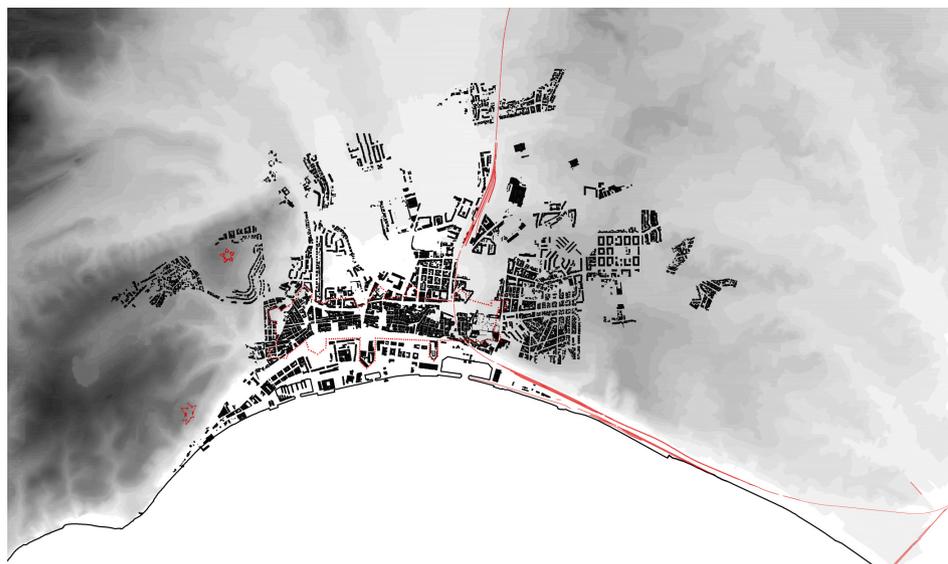


Fig.11 - Mapa da Evolução Urbana de Setúbal, 1968 (R.Estrela, 2015)

representam as Figuras 11 e 12, provocado pelo desenvolvimento simultâneo de diferentes tipos de movimentos migratórios, com origem nas áreas rurais do interior do país até ao regresso dos retornados das ex-colónias africanas (1975-76) e o aumento de imigrantes oriundos dos PALOP (meados dos anos 80), fez com que, este crescimento populacional em Portugal, se refletisse no aumento da procura de habitação.

Vieira de Faria, (1981), assume que a descontinuidade e desordem do tecido da cidade de Setúbal, deveu-se à ausência de política de solos, juntamente com o papel o desempenho do Município no processo de urbanização. Tanto a estratégia de implantação das empresas como os proprietários fundiários desempenharam um papel particularmente negativo no crescimento urbano, traduzindo-se no desenvolvimento desigual da cidade. Os promotores privados eram os responsáveis pela construção de novas zonas urbanas, aproveitando a facilidade na autenticação pela administração pública na passagem do uso do

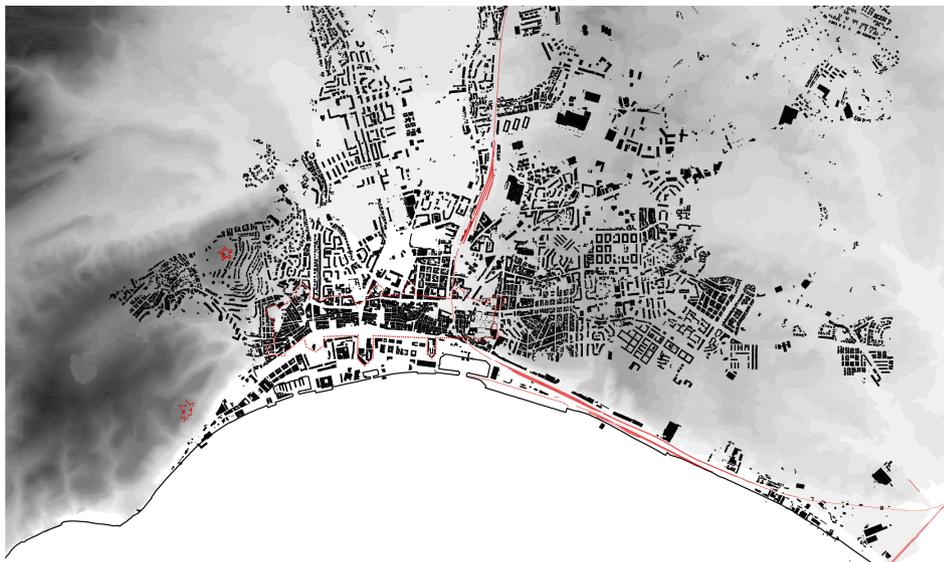


Fig.12 - Mapa da Evolução Urbana de Setúbal,1983 (R.Estrela, 2015)

solo rural a urbano. Este processo de urbanização, legal ou clandestina, desencadeou-se em diferentes zonas da periferia da cidade, como foi o caso do Bairro Santos Nicolau, ilustrado na Figura 13.

Segundo este mesmo autor, as áreas rurais junto à “cidade” acolherem novas unidades industriais assistindo às transferências de títulos de propriedade e respetivo loteamento e urbanização destes terrenos, levando ao abandono da atividade agrícola. Entre 1970 e 1974, a procura e oferta de alojamento não suportavam o ritmo a que a expectativa crescia, muito por culpa do nível baixo de rendimento familiar. Nasceu assim o loteamento clandestino. Este processo de ocupação clandestina dá origem aos bairros de lata e loteamento das áreas rurais. (Faria, 1981)

Neste âmbito, surge as operações SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), fundado por Nuno Portas enquanto secretário de Estado da habitação do II Governo Provisório, entre Julho de 1974 e Agosto de 1976, que abrangiam as



Fig.13 - Bairro Santos Nicolau, década 90 (in <http://fontedolavra.blogspot.pt>)

famílias desfavorecidas. (Milheiro, 2009)

O conceito de habitar não se resume apenas em dispor de uma casa, morada ou domicílio, mas compreende também, um certo numero de equipamentos coletivos disponíveis ao serviço dos habitantes satisfazendo as suas exigências de carácter social. É a nível de equipamentos coletivos que melhor se poderá aferir a crise urbana e a estrutura de segregação social que caracteriza Setúbal, como comprova a Figura 14. Esta situação resulta de um regime Político onde dominavam os objetivos lucrativos dos promotores e onde as Câmaras Municipais lutavam com falta de meios financeiros e de poder de decisão. (Faria, 1981)

O Plano Estratégico de Setúbal Nascente seguindo a teoria de Louis Wirth, considera a cidade caracterizada pela aglomeração populacional, os serviços, as atividades e construções, caso estes se localizem desigualmente evidenciando diferenças e divisões nítidas sobre o seu território, a cidade assemelhar-se-ia, portanto, a um mosaico de mundos sociais distintos. (PESN, 2009)



Fig.14 - Mapa de Serviços  
(R.Estrela, 2015)

### 02.1.1. Planeamento Urbano

Segundo Faria (1981), Setúbal atravessou uma estagnação provocada pela crise da indústria conserveira durante 30 anos, retomando o seu crescimento urbano provocado pela concentração acelerada de indústrias modernas, na zona Este da cidade. “Essas indústrias atraíram uma nova massa de trabalhadores, provocando a transformação da estrutura urbana e as formas de vida da cidade.” (Faria, 1981, P.16) Este crescimento acompanha a evolução do país no qual, durante os anos 70 e 80 a sociedade portuguesa assiste a uma acelerada evolução, provocando transformações políticas, estruturais, económicas e sociais, com incidências espaciais urbanas, ou seja, cada tipo de formação social corresponde a uma determinada forma de espaço urbano, presente na Figura 15 essa variedade.

Porém em 1974, as contradições sociais e a situação política que o país atravessava, induziram à revolução de 25 de Abril. Os sectores da habitação,



Fig.15 - Morfologia Urbana entre Santos Nicolau (à esquerda) e a Bela Vista (à direita) (in <http://fontedolavra.blogspot.pt>)

dos equipamentos, da urbanização em geral, provocaram o surto de lutas urbanas, tanto nos locais de trabalho como em suas residências. De facto, a revolução de 74 foi um ponto de viragem para o país, sobretudo a nível de planeamento urbano, onde o Município de Setúbal realizou uma experiência-piloto na sua elaboração de um Plano Diretor Municipal. (Faria, 1981)

Segundo Faria (1981), Setúbal teve quatro planos de urbanização até à revolução de Abril. O PGUS, Plano Geral de Urbanização de Setúbal de 1944, ilustrado na Figura 16, realizado numa época de intensa atividade da indústria conserveira e de grande movimentação de exportações dado o período subsequente à Guerra Civil Espanhola e ao final da segunda Guerra Mundial. O plano carece de vários aspetos fundamentais à sua elaboração, pecando na análise sociodemográfica, no estudo económico da indústria existente e na gestão da habitação e equipamentos sociais. Os planos de 1955 e 1962, limitaram-se a pequenas revisões que correspondiam à época de crise com o encerramento de várias fábricas conserveiras de peixe. E por fim, o plano de 1971 retratava a

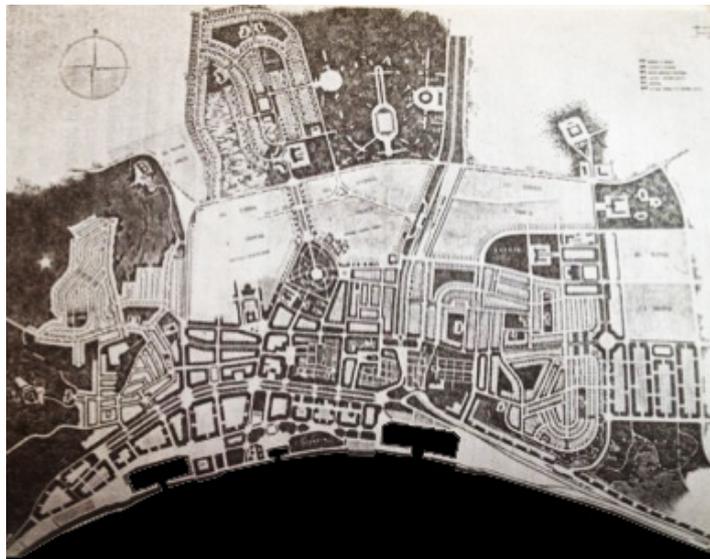
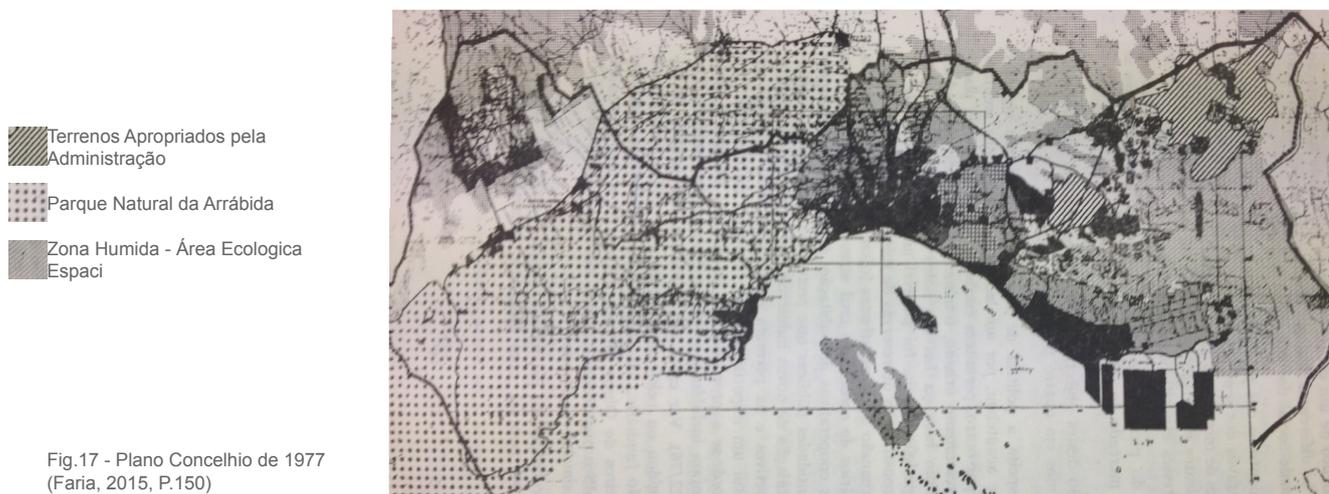


Fig.16 - Plano Geral de Urbanização de Setúbal, 1944 (Faria, 2015, P.140)

grave crise habitacional. Tratava-se do Plano Diretor da Cidade de Setúbal, que confirmou a necessidade de revisão do Plano antecedente.

Após a Revolução de Abril, realizou-se em Setúbal uma experiência-piloto de elaboração de um plano de Urbanização. Decorreram várias transformações profundas nas relações sociais, económicas e políticas, em que o Plano Concelhio de 1977, ulustrado na Figura 17 desempenhou um papel determinante, não só a nível da eficácia técnica e espacial, mas também a nível da eficácia social. O Plano assumiu-se como instrumento de intervenção e de negociação, e como expressão política e ideológica de uma nova correlação de forças em que os habitantes da “cidade” estavam organizadas. (Faria, 1981)

Apesar disso, no estudo de Carlos Vieira de Faria (1981), enumera a ausência de vários objetivos e linhas de força a adotar durante o planeamento urbano em Setúbal: 1. Uma análise das relações estruturais entre atividades e o uso do solo; 2. Um estudo das estratégias dos agentes urbanos; 3. Uma elaboração e fundamentação das propostas alternativas; 4. Uma avaliação dos programas de acordo com os recursos disponíveis; 5. Uma definição das medidas de política



de solos a efetuar pelo Município; 6. Um controlo da produção, distribuição e gestão de alojamento, equipamentos coletivos e infraestruturas urbanas.

Mais recentemente, a cidade de Setúbal foi incluída no programa POLIS (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental de Cidades), aprovado em 2000, que visava promover intervenções urbanísticas, em busca de uma melhor qualidade de vida nas Cidades, melhorando a atratividade e competitividade dos polos urbanos. No caso de Setúbal, o programa retificou o Plano Estratégico inicial, que sofria algumas carências e desajustes, intervindo na requalificação das seguintes obras: - A revitalização do Parque José Afonso; - A construção do Parque Urbano de Albarquel; - A reabilitação e revitalização da Avenida Luísa Todi e dos espaços urbanos envolventes; - Relocalização dos estaleiros e oficinas situados na Praia da Saúde. Tal como comprova o mapa da da Figura 18, o programa abrangia a zona ribeirinha junto do centro histórico de Setúbal. (POLIS, 2003)

Em 2009, foi publicado o Plano Estratégico de Setúbal Nascente (PESN), no qual se baseia a estratégia da componente prática, aprofundada posterior-



Fig.18 - Estratégia de Intervenção do Programa POLIS (POLIS, 2003)

mente no trabalho da vertente prática, foi promovido pelo Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e pela Câmara Municipal de Setúbal (CMS). O PESN incide sobre uma zona periférica de Setúbal, como a Figura 19 enquadra, ocupada por bairros sociais e globalmente designada por Bairro da Bela Vista, abrangendo uma área com cerca de 350 hectares correspondentes à parte sul do anterior Plano Integrado de Setúbal (PIS). O Plano assumiu como objetivo a elaboração de propostas de políticas integradas, mediante ações e meios devidamente programados, que permitam a progressiva recuperação e integração desta parcela do território na Cidade de Setúbal, através da realização de um completo e detalhado diagnóstico. Este diagnóstico visa entender o território, designadamente nas suas vertentes social, educacional, cultural, habitacional, económica e urbanística. (Roxo, et al., 2013)

Em 2011, após a sua aprovação pelas entidades promotoras (IHRU e CMS), deu lugar a um protocolo com vista ao lançamento de um Concurso para a ela-

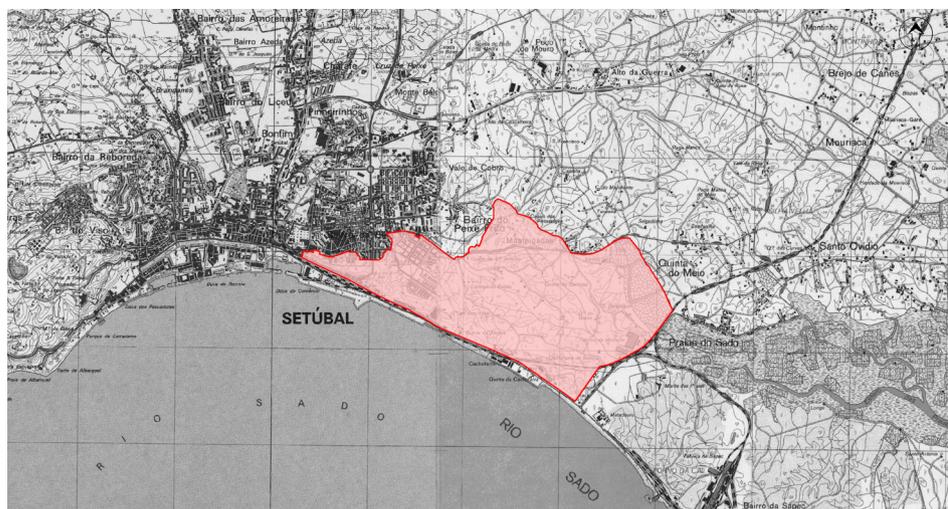


Fig.19 - Área de Estudo do PESN (PESN,2009, P.5)

boração do Plano de Urbanização de Setúbal Nascente (PUSN), com intuito de dar continuidade a uma estratégia consensual. A leitura crítica da área do PESN, presente na Figura 20, baseia-se na descrição das componentes identificadas como fundamentais, focalizando a azbordagem nos seus atributos positivos e negativos. Identificado os atributos, entendemos as oportunidades que apontam novas linhas de reflexão através de dinâmicas de evolução, clarificando aquelas que resultam de uma lógica tendencial. (Roxo, et al., 2013)

O facto de o PESN assumir-se como uma das escassas zonas de expansão da Cidade, faz emergir, o seu carácter estratégico. Apesar disso, há que avaliar realisticamente as dinâmicas de crescimento expectáveis da Cidade, assim como, questionar modelos de desenvolvimento urbano extensivos. (Roxo, et al., 2013)



Fig.20 - Vista aérea da zona poente do PESN (R.Estrela, 2015)

### 02.1.2. Crescimento Urbano

É inevitável associar o crescimento da cidade à época de expansão industrial referido anteriormente. Setúbal, até meados do séc. XX, assumia a linha de costa e a relação com o rio como principal influência na sua estrutura urbana, em que as principais vias se orientavam paralelamente à linha de costa. A aposta na indústria conserveira levou ao crescimento da cidade para nascente, ultrapassando a barreira física do caminho de ferro, como podemos comparar entre as Figuras 21 e 22. Apesar da crise na indústria conserveira, entre 1930 e 1960, o crescimento do espaço urbano continuou devido a programas de obras públicas, considerado pelo Estado Novo uma alternativa para minimizaram a crise do desemprego, assegurando emprego aos moradores na construção civil. O Boom industrial de 60, provoca “um novo desenvolvimento urbano e agravamento das carências habitacionais da população vinda do meio rural. A expulsão da mão-de-obra para a periferia com a expansão industrial fora da “cidade”, ca-

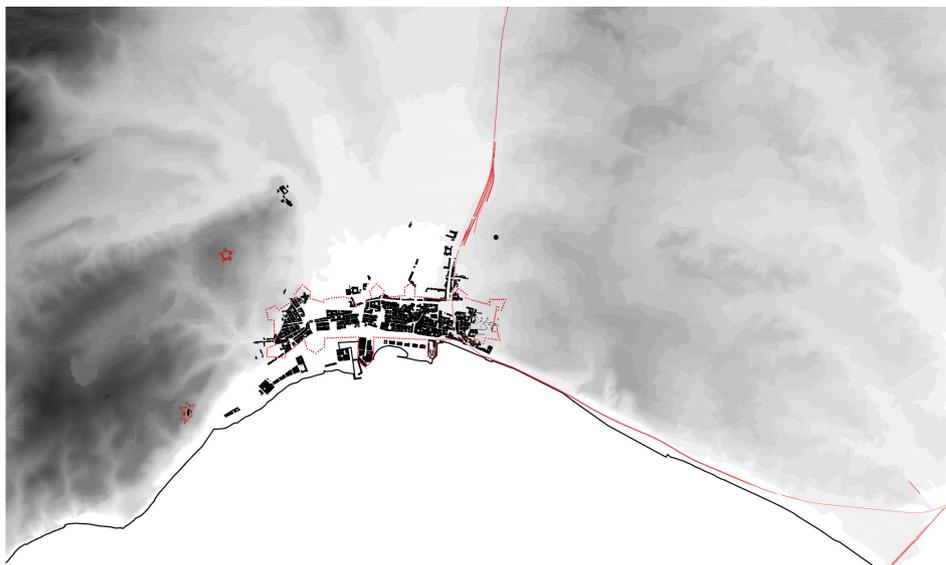


Fig.21 - Setúbal, 1900  
(R.Estrela, 2015)

racteriza este novo desenvolvimento urbano, com o crescimento da cidade no sentido Norte ocupando áreas rurais desenvolvendo aglomerados suburbanos. Esta transformação provocou a especulação nas transações agrárias e imobiliárias, além de uma relativa estratificação social do espaço. Setúbal apresentava assim um crescimento desordenado e descontínuo, diminuindo a sua densidade. (Faria, 1981)

Segundo o estudo de Carlos Faria (1981), Setúbal assistiu a três fases distintas na sua evolução demográfica, variando consoante o desenvolvimento das forças produtivas. Durante as primeiras três décadas do século XX, Setúbal assistiu ao desenvolvimento das indústrias conserveiras, e conseqüentemente o desenvolvimento do sector terciário, a nível de comércio e transportes. Entre 1930 e 1960, Setúbal passa de área atrativa a uma zona de repulsão demográfica, sendo uma fase de estagnação induzida pela crise na indústria de conservas, provocada pela crise económica mundial dos anos 30, originando a falta de abastecimento e de mercados. Por fim, nos anos 60 devido ao “surto da grande

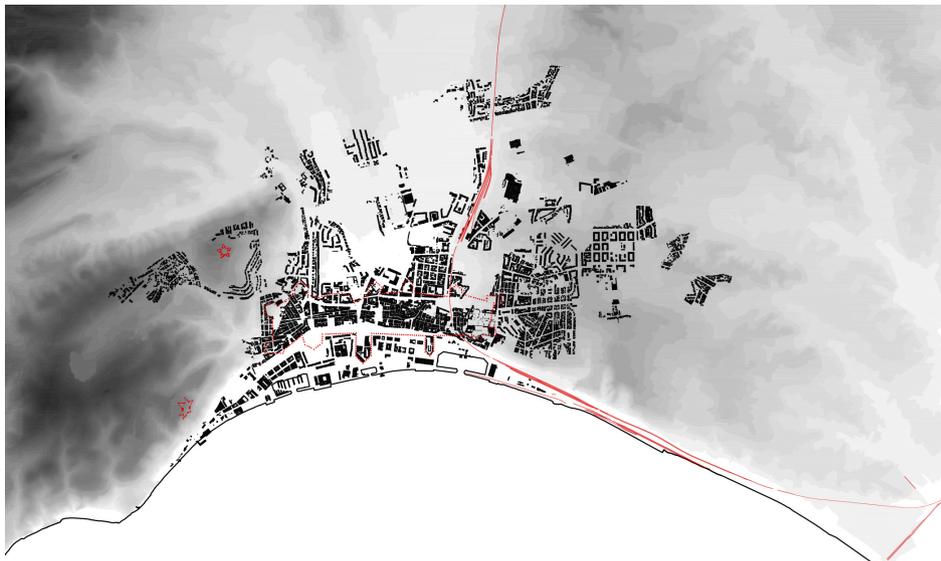


Fig.22 - Setúbal, 1968  
(R.Estrela, 2015)

indústria (sobretudo metalúrgica, metalomecânica, material de transporte, papel e química) deu-se um elevado desenvolvimento demográfico. Assim, como justifica as Figuras 23 e 24, verificou-se um crescimento desordenado e disperso, que levou a quebras no tecido urbano, com grandes espaços vazios entre os bairros, provocando problemas vários na deslocação de pessoas (tempo e custo de transportes).

Vieira Faria (1981) afirma que, o desenvolvimento desigual da aglomeração urbana de Setúbal não se deve somente à lógica da implantação industrial, mas sobretudo ao desempenho da pequena e média burguesia proprietária do solo urbano. Não admira que tais factos fossem consequência da segregação social do espaço, sendo esta classe detentora do controlo do aparelho local do Estado até à década de 60. O explosivo crescimento urbano nas décadas de 60 a 70, juntamente com a especulação desenfreada nas transações imobiliárias, com a construção de bairros operários pela iniciativa pública e privada, contribuiu decisivamente para o agravamento do carácter segregativo do espaço urbano de Setúbal, entre o eixo periferia Este-Oeste e o eixo centro-norte.

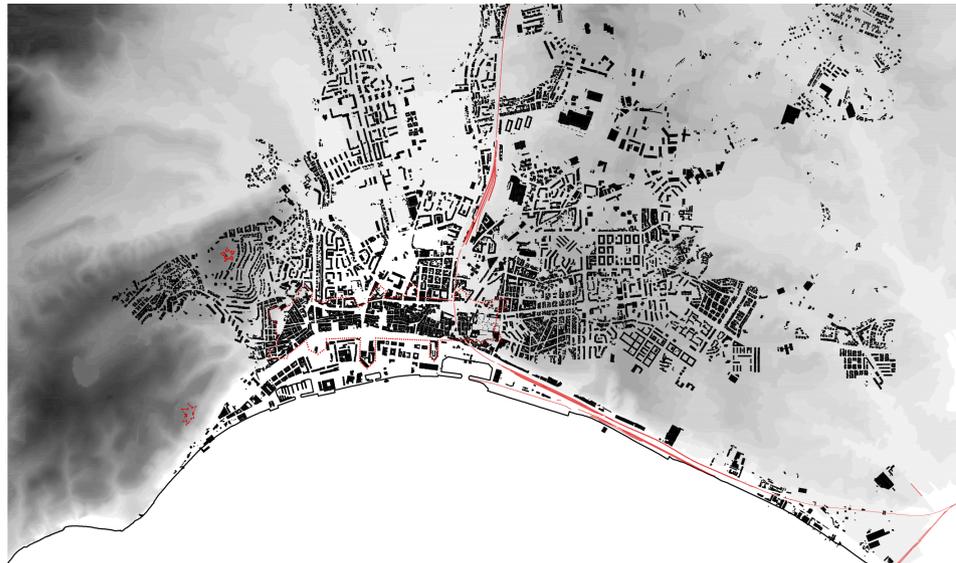


Fig.23 - Setúbal, 1983  
(R.Estrela, 2015)

A periferia é ocupado por conjuntos residenciais coletivos, onde habitava a classe operária, sem equipamentos coletivos de apoio, provocando conflitos sociais nas empresas e movimentos dos moradores logo após a Revolução de 1974. Juntamente a esta periferia surgiu outra periferia, a dos pobres ou marginalizados, onde em barracas se albergaram os trabalhadores não qualificados. Trata-se de estratos sociais cuja presença era ideologicamente indesejável para as zonas residenciais da classe dominante, e cuja integração tornava demasiado dispendioso para a iniciativa pública no processo de alojamento em condições aceitáveis. (Faria, 1981)

A transição da década de 60 para a de 70 traz para Portugal um novo entendimento sobre as estruturas urbanas e a conceção de grandes áreas residenciais. Nesse sentido, o programa SAAL vem atuar com vários planos de urbanização como resposta à falta de habitação. Setúbal também fez parte do programa, através do Conjunto da Bela Vista, a cargo dos alunos de Aldo Rossi, José Charters Monteiro e José Sousa Martins. (Milheiro, 2009)



Fig.24 - Setúbal, 1997  
(R.Estrela, 2015)

## 02.2. Estudo do Bairro da Bela Vista

Partindo do que foi referido anteriormente, passamos à análise do Bairro da Bela Vista, em relação à sua escala, função, limites, homogeneidade e a sua vivência. Esta análise clarifica os aspetos e as relações que surgem após a construção do bairro. (Crespo, 2012, P.66)

Segundo José Nogueira (2007), o Bairro da Bela Vista surge da expansão industrial dos anos 60 e 70. Esta, impulsionou a procura de emprego originando um grande movimento migratório, surgindo assim a necessidade de realojar um conjunto de famílias. O forte aumento demográfico induzido pelo elevado fluxo migratório acentuou a dificuldade em dar respostas habitacionais, proliferando a coabitação e o abarracamento. Após a Industrialização, emergiu em Portugal a habitação dirigida à população mais desfavorecida, a chamada habitação social.

Em 1973, como resposta às carências habitacionais detetadas na cidade de Setúbal, a instituição encarregada de promover e projetar soluções era o então extinto Fundo de Fomento da Habitação (FFH). Este tinha a seu cargo



Fig.25 - Plano Integrado Setúbal Nascente (Figueira, 2009)

a elaboração dos designados Planos Integrados de Setúbal (PIS), ilustrado na Figura 25, que aposta em Setúbal Nascente onde surge o Bairro da Bela Vista. (Crespo, 2012)

Os objetivos seriam de inserir o fomento de habitação social na política de equipamento e integrar a política nacional de habitação com o planeamento urbano. Projetado para alojar os operários da fábrica da MITRENA, localizada como plano de fundo da Figura 26, o bairro amarelo recebeu os seus primeiros habitantes em 1980. Posteriormente, a fábrica faliu havendo necessidade de realojar uma grande quantidade de habitantes desalojados, em que, a Câmara Municipal de Setúbal julgando ter encontrado a solução “perfeita”, tornou o conjunto da Bela Vista num “barril de pólvora”, com a mistura de raças, atualmente sendo considerado um dos bairros mais problemáticos de Portugal. (Milheiro, 2009)

Os arquitetos definiram duas premissas base, a relação com o traçado envolvente e uma organização tradicional. Traduzindo, o bairro deveria ter uma



Fig.26 - Porto Industrial de Setúbal e Fábrica MITRENA como fundo (in, <http://www.mun-setubal.pt>)

relação entre a rua e o edifício, evitando a construção de edifícios isolados, segundo quarteirões ocupados periféricamente. (Milheiro, 2009)

A estratégia consistiu em projetar espaços fechados de forma a dar uma hierarquia espacial, distinguidos em três momentos: O espaço público engloba os parques e as principais vias de circulação; O espaço coletivo que faz o acesso ao interior das praças; O espaço privado é acedido através de galerias de distribuição. (Milheiro, 2009)

Localizado num território elevado em relação à frente rio, Crespo (2012) caracteriza o conjunto da Bela Vista, como três unidades urbanas que se distinguem tanto pelas suas cores como pela tipologia de construção:

O Bairro Amarelo foi construído entre 1976 e 1989, sendo organizado por uma malha ortogonal, constituída por vários blocos retangulares que delimitam amplos pátios interiores, como compravam as Figuras 27, 28 e 29, permitindo a comunicação e a convivência entre os moradores. O acesso às habitações é feito a partir de escadas nas extremidades dos blocos que dão acesso a corredores comuns aos 3 andares que compõem cada bloco. Atualmente, grande parte destas caixas de escadas estão fechadas, tendo sido ocupados por sedes de organizações socioculturais e por equipamentos sociais de várias instituições que ali se localizaram ou simplesmente fechadas pelos moradores. O Bairro Amarelo é ocupado por sensivelmente 2.941 indivíduos distribuídos por 837 fogos. (Crespo, 2012)



Fig.27 e 28 - Bairro Amarelo (<http://odesproposito.blogspot.pt/>)

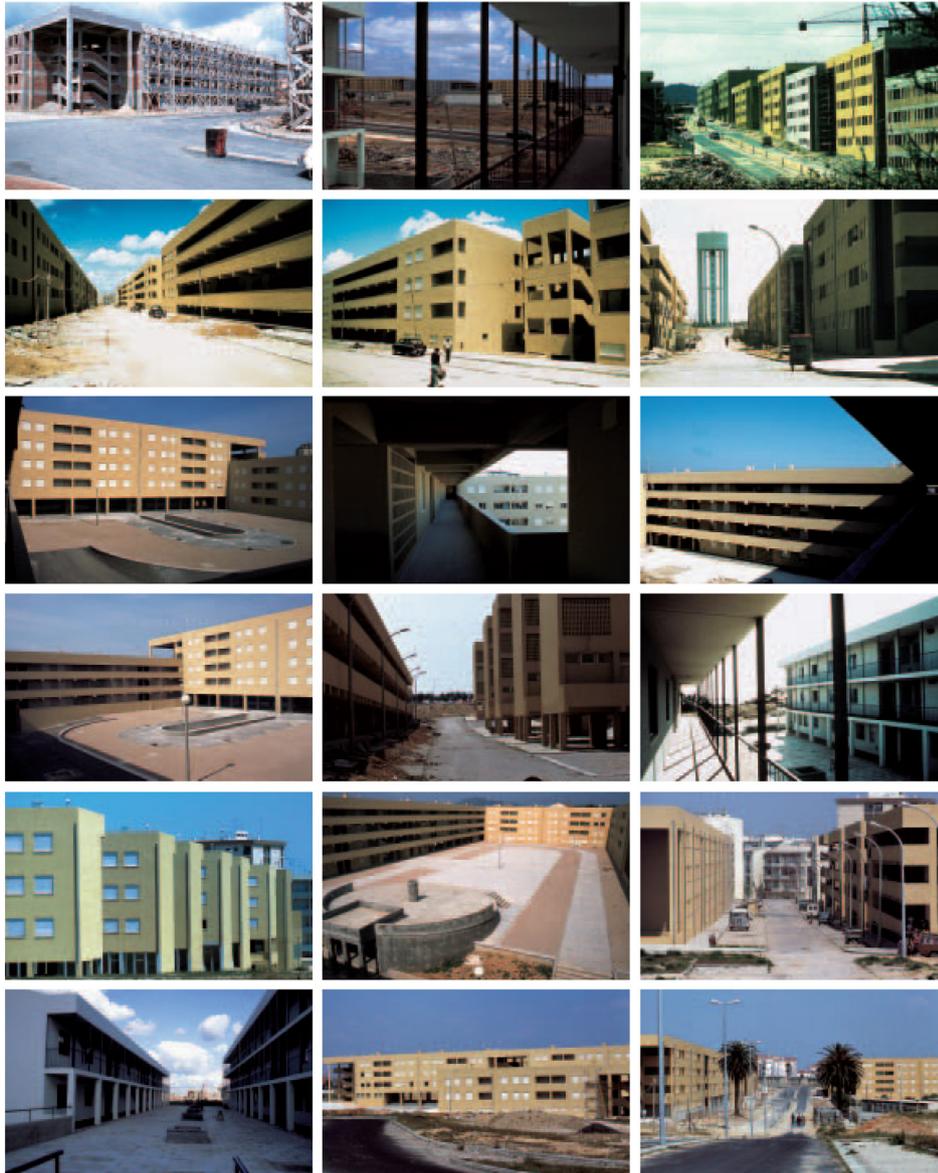


Fig.29 - Construção do Bairro Amarelo, 1974 e 1981 (J.Figuera,2006)



Fig.30 - Bairro Azul  
(<http://odesproposito.blogspot.pt/>)



Fig.31 - Vista Aérea do Conjunto  
(<http://www.skyscrapercity.com>)

O Bairro Azul foi construído entre 1984 e 1989 pelo FFH. É constituído por seis blocos de dois lotes cada, num total de 12 lotes, separados por pátios, como ilustra as Figuras 30 e 31. Este Bairro é o que se apresenta maior degradação tanto físico como social. O Bairro Azul alberga 654 indivíduos distribuídos por 167 fogos. (Crespo, 2012)

O Bairro Rosa, localizado entre o Bairro Amarelo e o Bairro Azul como marca a Figura 32, é o conjunto de construção mais recente sendo construído em duas fases, em 1992 resultou da promoção de habitação pela Câmara Municipal de Setúbal e em 2001 no âmbito do Programa Especial de Realojamento (PER). É constituído por blocos de cinco lotes, tratando-se do conjunto habitacional mais aberto e funcional, expresso na Figura 29, sendo considerado o melhor dos três bairros que constituem o bairro da Bela Vista. O Bairro Rosa contém 827 indivíduos distribuídos por 252 fogos. (Crespo, 2012)



Fig.32 - Bairro Rosa  
(R.Estrela, 2015)

Com o choque petrolífero da década de 60, o Plano Integrado de Setúbal ficou desajustado relativamente às suas ambições, alterando a dinâmica económica em Setúbal. Já na década de 80, com o programa SAAL, o bairro da Bela Vista começou a receber a população carenciada. O bairro acolheu famílias provenientes dos bairros degradados e abarracados de Setúbal, de culturas e modos de vida muito diferentes. (Nogueira, 2007)

O bairro da Bela Vista passa a fazer parte das “áreas críticas urbanas” consideradas pelo PRO-AML (Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa), sendo consideradas áreas que apresentam uma elevada desqualificação urbanística e social. (PESN, 2009)

Com a extinção do FFH em 1982, é nomeada uma Comissão liquidatária que permanece em funções até à criação do Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE) em 1987. O IGAPHE administrou o bairro da Bela Vista até 1994, data em que passou para a administração da Câmara Municipal de Setúbal. (Crespo, 2012)

Em Outubro de 2001, tal como expressa a Figura 33, o Bairro foi incluído no Plano Estratégico de Intervenção para as áreas abrangidas pelo PROQUAL (Plano Integrado de Requalificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa). No âmbito do PROQUAL de Setúbal, estavam previstas obras de recuperação dos bairros da Bela Vista, ficando apenas por 25% da realização inicialmente prevista. A degradação e a necessidade de reabilitação persistem, num território de várias famílias à procura de habitação social e que não têm capacidade de arrendar/comprar habitação. (PESN, 2009. P.37)

Algumas áreas foram reabilitadas recentemente, designadamente, os espaços exteriores e o ambiente físico envolvente do Bairro. Contudo, a maioria dos problemas persistem, devido à falta de alguns equipamentos, a atos de vandalismo, ou à má e difícil gestão de recolha e limpeza dos resíduos sólidos no bairro. (Crespo, 2012)

A Bela Vista foi sujeita a diversos diagnósticos e estudos sociológicos, na

tentativa de “inverter tendências de desintegração social e promover a inclusão sócio-territorial”. Devido ao desemprego e à falta de ocupação, a mobilidade fica comprometida tendo em conta que se trata de uma classe social economicamente desfavorecida, mas também limitada nos recursos de informação e formação. Acentua-se os problemas sociais e a degradação da vida em sociedade. “É evidente a transição de alguns traços específicos dos bairros degradados, como o fechamento sócio-especial do bairro e a adoção de práticas desviantes do ponto de vista comportamental.” (PESN, 2009. P.11)

Setúbal tem-se assumido como a “outra” Cidade na dimensão metropolitana, podendo, todavia, ser alternativa que passa pela possibilidade de “fazer cidade” na zona nascente. A dimensão da resistência urbana confronta-se com as dificuldades do contexto em que se insere. A Cidade de Setúbal perdura e “faz-se” apesar das dificuldades enunciadas, em que o PESN aposta em visionar e empreender políticas urbanas, com vista a criar espaços para viver, procurando ultrapassar uma matriz penalizadora e gerar energias transformadoras. (Roxo, et al., 2013)

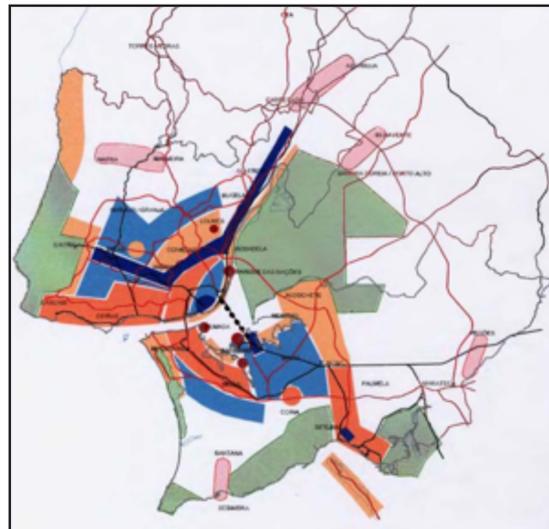


Fig.33 - Plano Integrado de Requalificação das Áreas Suburbanas da Área Metropolitana de Lisboa (Ministério do Planeamento, 2001)

### 02.2.1. Caracterização Sociodemográfica

Partindo dos vários estudos elaborados ao Bairro da Bela Vista, José Luís Crespo (2012), averiguou que o bairro tem uma população com cerca de 4.422 indivíduos com uma média de idades de 34 anos. Maioritariamente com população de origem nacional, sendo mais expressiva no Bairro Amarelo. A população africana (21%), maioritariamente representada no Bairro Rosa (35,6%). O Bairro Azul tem uma maior representatividade da comunidade cigana (24,5%), atingindo 10,4% no contexto do conjunto. Quanto às habilitações literárias, a maioria da população (30,4%) possui o 1º Ciclo do Ensino Básico, seguindo-se 18% os indivíduos com o 2º Ciclo do Ensino Básico e 14% os que apesar de não terem grau de ensino sabem ler e escrever, a maioria moradores do Bairro Azul (18,1%). Cerca de 10% da população considera-se analfabeta, verificando a sua maioria no Bairro Rosa (15,4%).

Relativamente à perceção do bairro pelos moradores da Bela Vista, admitem na sua maioria, cerca de 60%, gostar de morar no bairro. É no Bairro Amarelo que os residentes se consideram mais satisfeitos, com uma percentagem de 41,7%, a afirmar que “gostam muito” de morar na Bela Vista. O Bairro Azul é o que apresenta uma maior percentagem de pessoas que afirmam “gostar” do bairro onde moram (69%). Em contrapartida os moradores do Bairro Rosa são os que apresentam com maior frequência a resposta “não gosto”(43%). Os aspetos considerados mais negativos pelos residentes no Bairro da Bela Vista são os desacatos e as brigas, o alcoolismo, os problemas da droga, a insegurança, barulho, lixo e o estado degradado das habitações. (Crespo, 2012)

Em contrapartida, a perceção do bairro pelos atores exteriores ao bairro, foca-se na imagem negativa do bairro que se deve, essencialmente, à degradação do tecido edificado e dos espaços exteriores, à acumulação abundante de lixo, ao estigma generalizado de que este é um bairro inseguro, alimentada sobretudo pela comunicação social. (Crespo, 2012)

Os principais problemas do bairro da Bela Vista estão sobretudo relacionados com questões familiares e sociais, com situações de exclusão social e

de abandono, com problemas económicos e de emprego, com atitudes de desilusão e desalento. Quanto às causas destes problemas, devem-se sobretudo, ao desemprego, poucas oportunidades e perspetivas sentidas pelas pessoas, a grande heterogeneidade cultural e a exclusão social, o facto de existirem promessas de várias entidades que raramente são cumpridas, assim como, a degradação física e ambiental do meio envolvente e das próprias habitações. Os diversos estudos sobre o bairro da Bela Vista consideram o Bairro Azul como o mais degradado, tanto a nível físico como social, onde se concentra a maior parte da população cigana. No entanto, o Bairro Rosa é considerado como o mais problemático devido aos jovens pela falta de ocupação, se envolverem no tráfico e na criminalidade, devido a desemprego ou abandono escolar. Resta destacar o que de bom apresenta o bairro. Como é o caso da existência de vários equipamentos recentes, como a criação do Gabinete da Bela Vista e do Projeto Integrado da Bela Vista e a realização de várias atividades no âmbito de projetos enquadrados nas ações imateriais do PROQUAL. A localização do bairro da Bela Vista numa zona privilegiada da cidade de Setúbal, com excelentes vistas panorâmicas e bons acessos rodoviários ao centro da cidade. (Crespo, 2012)

### 02.3. Pontencialidades de Setúbal Nascente

Ana Roxo (2013), considera que as crescentes necessidades de espaço, acessibilidades e visibilidade obrigam a reflexão de funções urbanas localmente, exigindo soluções fora do centro tradicional. Setúbal não escapa ao contexto generalizado de esvaziamento funcional, demográfico e imobiliário dos centros tradicionais. A área do Plano Estratégico de Setúbal Nascente encontra-se numa posição chave face às polaridades na sua envolvente, com a proximidade do Instituto Politécnico de Setúbal, do Porto e da Área Industrial. Setúbal Nascente tem todas as condições de se tornar uma centralidade forte, diversa e agregadora, capaz de articular todas as polarizações circundantes, em respeito pelos centros pré-existentes e novos que possam surgir.

A área de intervenção do PESN apresenta importantes relações visuais com a envolvente, oferecendo vistas panorâmicas singulares dominadas pelo ambiente natural ou urbano/portuário/industrial, sendo possível a perceção desta parte da Cidade a partir de diversos pontos do exterior. (Roxo, et al., 2013)

Ao nível das infraestruturas viárias a área de intervenção do PESN destaca-se por se localizar num sector da Cidade que se encontra delimitado por três radiais e uma circular. “Internamente, a zona de estudo apresenta ainda um troço de uma futura circular da Cidade que marca aproximadamente a transição entre as zonas mais e menos urbanizadas. Existe ainda um eixo radial que se desenvolve junto à encosta que, pela sua continuidade, tem alguma relevância como percurso alternativo. No que respeita aos transportes públicos estruturantes, na periferia da área de intervenção existe a linha de caminho-de-ferro (linha do Sado, de via única) que estabelece a ligação de Setúbal à linha do Sul que atravessa a área do PESN e é utilizada pelos serviços ferroviários “intercidades” entre Lisboa e Faro, com paragem na Estação de Setúbal, assim como pelos serviços regionais entre Setúbal e Faro.” (Roxo, et al., 2013, P.6)





**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

**VERTENTE  
PRÁTICA**



# ÍNDICE

## VERTENTE PRÁTICA

### **03. REQUALIFICAÇÃO DE SETÚBAL NASCENTE**

03.1. Introdução	106
03.2- Contexto Histórico de Setúbal	108
03.3- Análise Urbana	112
03.4- Plano Estratégico de Setúbal Nascente	124
03.5- Proposta de Requalificação de Setúbal Nascente	126

### **04. Centro Social da Bela Vista**

04.1. Zona de Intervenção	130
04.2. Levantamento Fotográfico	132
04.3. Memória Descritiva	138
- Desenhos Técnicos	142
- Maquetas	164
- Esquiços	178
04.4. Cidade, Saúde e Arquitetura	186



**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

**TRABALHO  
DE  
GRUPO**

### 03.1. INTRODUÇÃO

O Projeto Final de Arquitetura do presente ano é baseado numa estratégia de intervenção urbanística apresentada pelo Plano Estratégico de Setúbal Nascente. Setúbal Nascente tem uma inserção territorial privilegiada a diversas escalas e tem grande potencial estratégico que lhe é conferido por diversos fatores funcionais e mesmo de caráter político-institucional. O PESN inscreve-se neste quadro de oportunidade, constituindo-se por isso como um momento em que Setúbal se repense enquanto Cidade. Setúbal Nascente espelha a falência de um conjunto de conceções que marcam a política de desenvolvimento urbano e do ordenamento do território, em particular na intervenção do realojamento, em que a estratégia a adotar obriga a uma mudança de paradigma no pensar do território de Setúbal. A área abrangida pelo PESN é detentora de enorme riqueza, a nível dos seus recursos naturais e paisagísticos, pelo que, se for aproveitada devidamente, em conjugação com a promoção dos valores da Cidade, contribuirá para a reposição de Setúbal enquanto centro metropolitano de relevo. (Roxo,et.,2013)

A nossa visita a Setúbal, que esteve na origem deste trabalho, permitiu uma aproximação e melhor compreensão da cidade, levando-nos a reconhecer os problemas e potencialidades aí existentes.

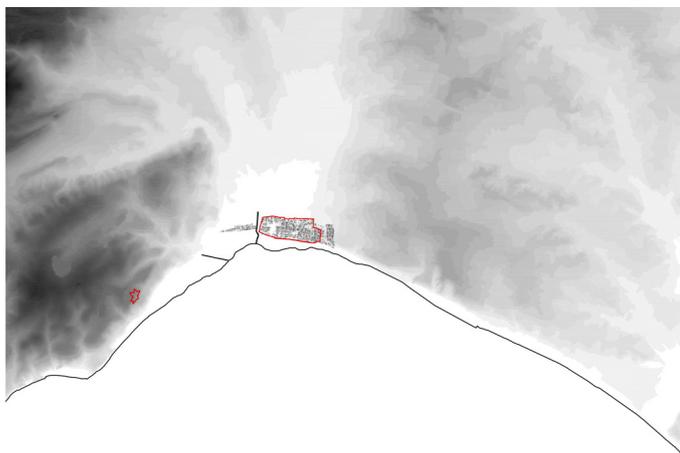
Assim, o presente trabalho que tem como objetivo desenvolver, em grupo, uma leitura crítica do território de Setúbal, partindo da compreensão da estrutura urbana da cidade nas suas três principais componentes: os espaços – requalificação e criação; a rede de transportes – reestruturação da distribuição de fluxos (vias de atravessamento, zonas pedonais, ciclovias, zonas de trânsito não motorizado); as massas de construção existentes – requalificação de espaços de habitação, de comércio, de serviços.

Com base nas peças desenhadas, nas pesquisas teóricas e na observação direta, concluímos que a cidade se desenvolveu bastante condicionada pela topografia e impulsionada pela indústria da conserva, fortemente abastecida pelos recursos marítimos existentes, o que resulta em sucessivos aterros portuários, redesenhando o contato desta com o mar, ao longo dos séculos. A construção da linha de comboio vem beneficiar a indústria, contribuindo em muito para expansão da cidade. No entanto, a linha férrea criou uma rotura no crescimento da cidade, dividiu-a em duas partes com crescimentos díspares, dificultando a relação entre as partes, devido à difícil acessibilidade.

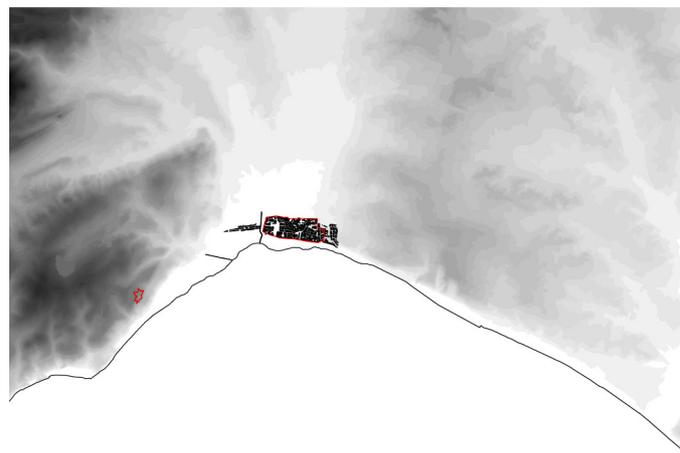
Mais recentemente, com a mecanização da indústria da conserva, a cidade sofre novo grande crescimento populacional, a qual se fixa essencialmente na parte Este da cidade, beneficiando dos fáceis acessos e da colocação da indústria a Nordeste, dando origem a um crescimento desequilibrado do todo e dificultando a relação entre as partes.

Assumindo que este é um dos principais problemas encontrados, e estando proposta a alteração da linha férrea para o Tram/Train, o grupo assumiu como principal objetivo estratégico tirar benefício dessa transformação para melhorar a relação entre as partes. Constatamos haver um forte desequilíbrio na distribuição dos principais serviços, comércio, indústria e também da estrutura rodoviária da cidade. Verificamos uma forte desertificação no centro histórico, contrapondo-se ao lado Este, que serve na sua maioria a zona habitacional, fortemente promovida pela autoestrada e presença da zona industrial na sua periferia. Assim, as duas partes “viram-se” para lados opostos – o lado oeste, o centro histórico, relaciona-se diretamente com o mar, através da sua frente marítima integrada na malha urbana, enquanto, o lado este se desenvolve com base no tecido industrial situado na periferia.

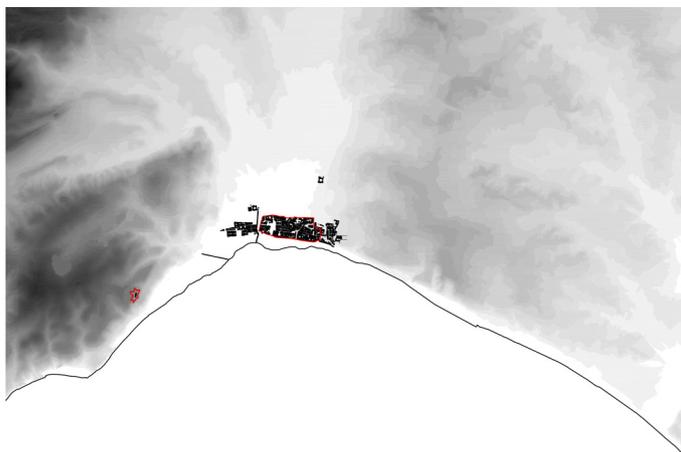
## 03.2. CONTEXTO HISTÓRICO DE SETÚBAL



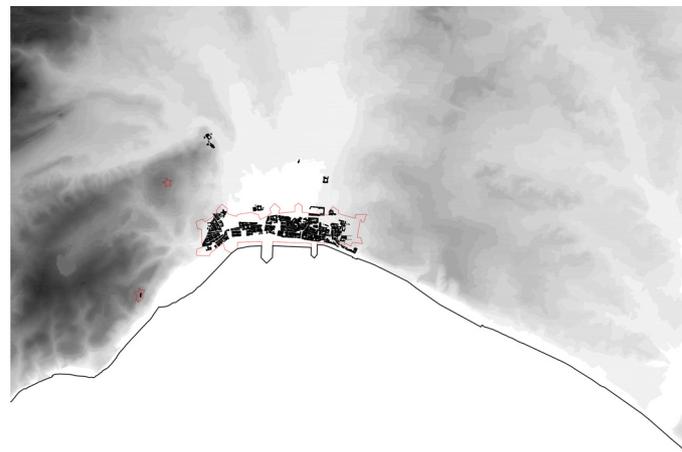
1350



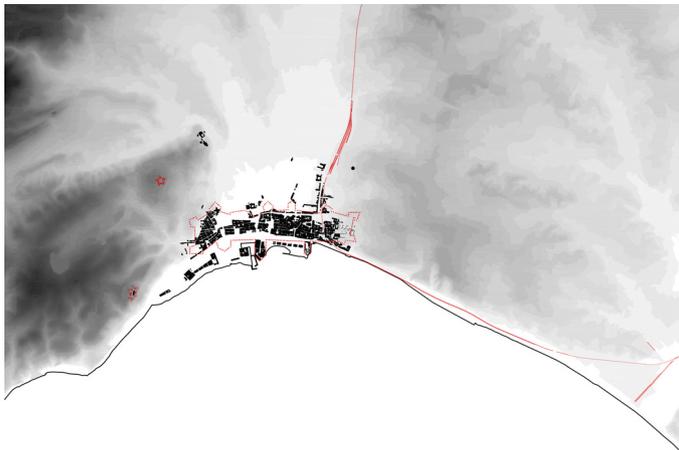
1600



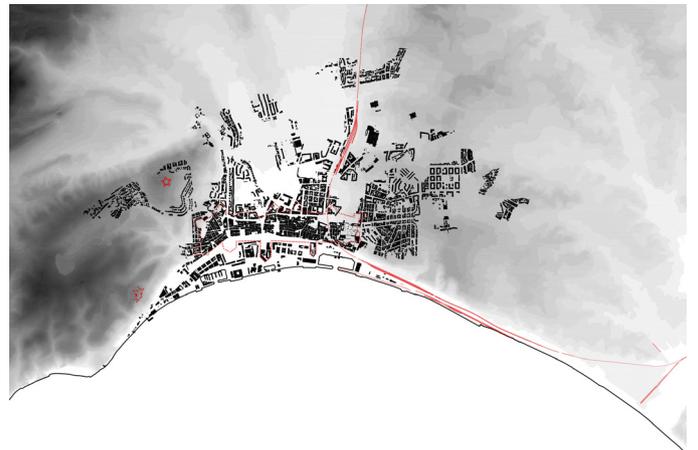
1700



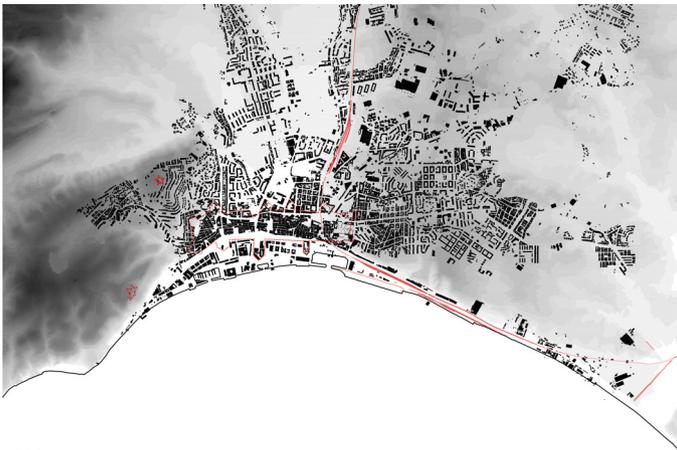
1800



1900



1968



1983



1997

### 03.3. ANÁLISE URBANA

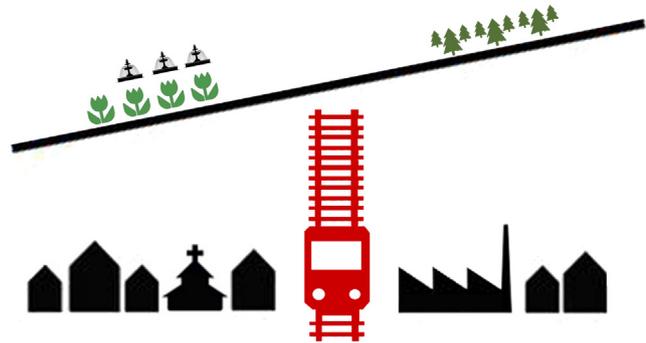
# ESTRUTURA VERDE







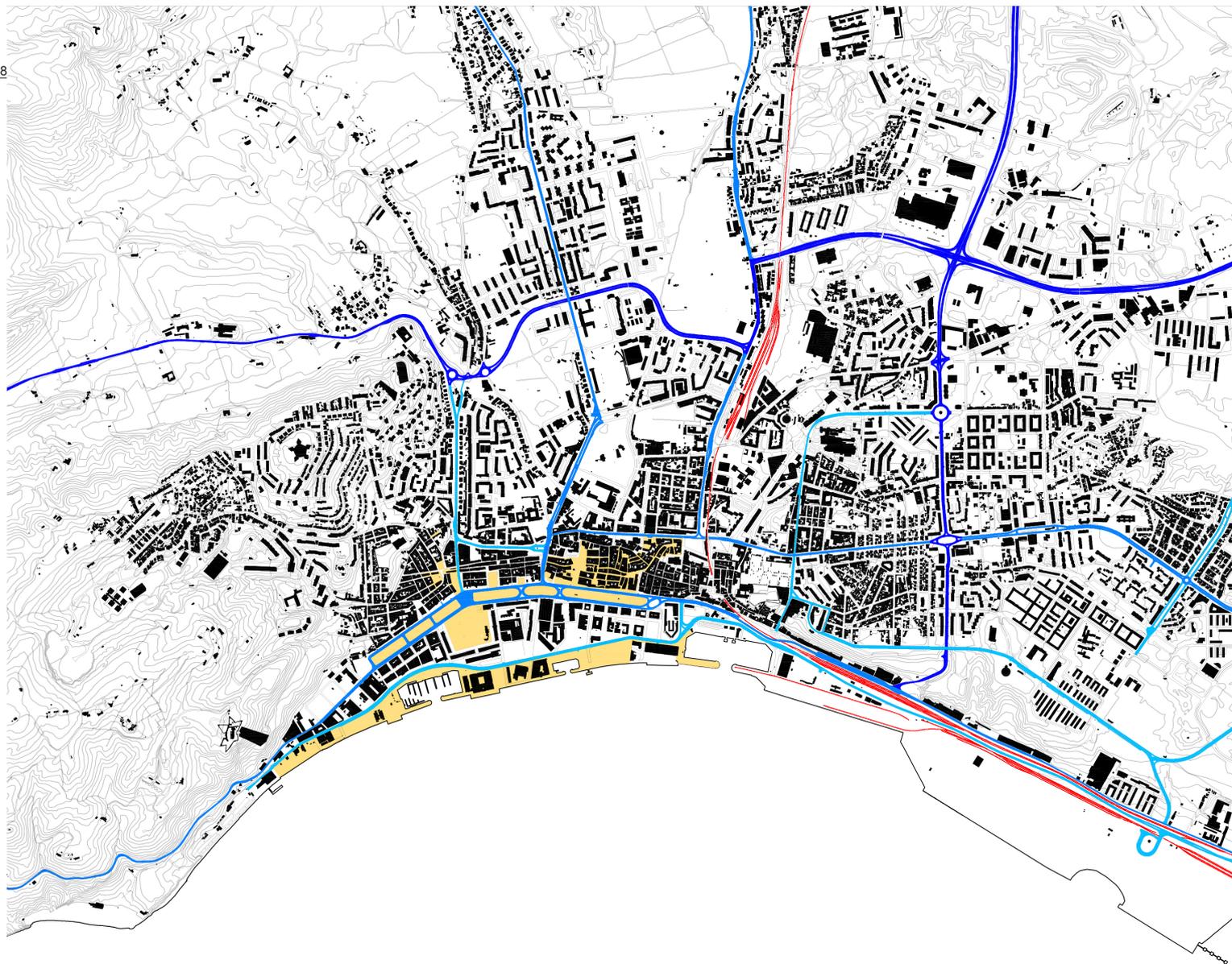
■ Reserva Natural ■ Baldio ■ Quintas ■ Verdes públicos ■ Verdes húmidos

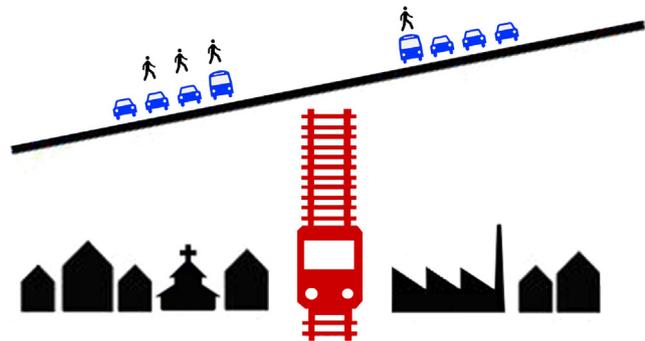
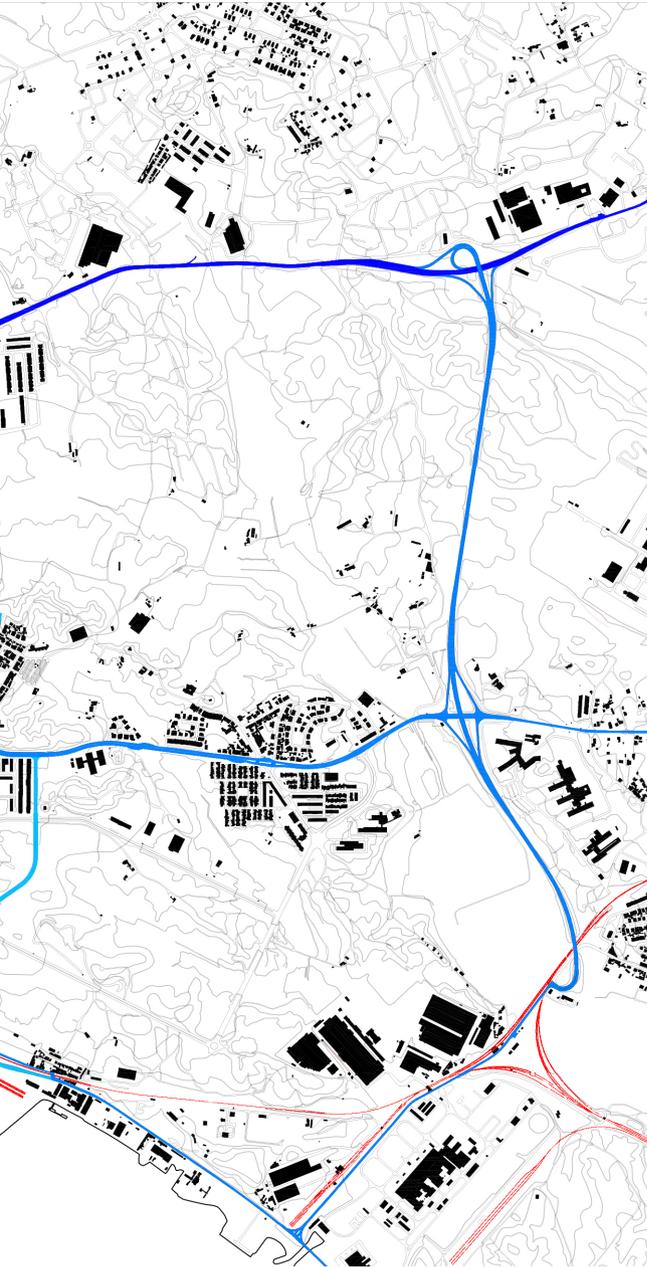


# REDE VIÁRIA



■ Caminho de ferro ■ Via rápida ■ Estradas nacionais



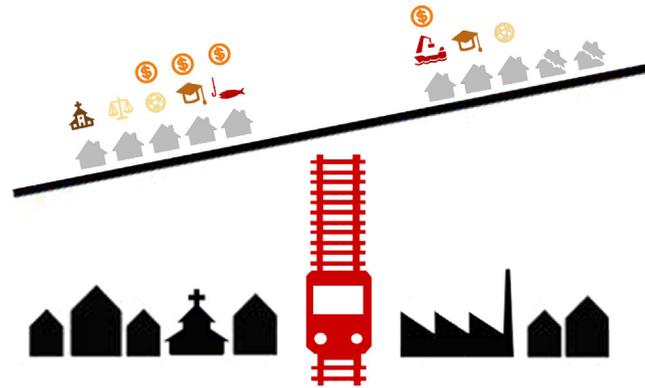


# SERVIÇOS/ EQUIPAMENTOS









### 03.4. Plano Estratégico de Setúbal Nascente

Setúbal Nascente ambiciona uma requalificação e diversificação das formas de habitar, o que irá favorecer a criação de novos e atrativos espaços residenciais, no seu território. As grandes linhas de atuação e os objetivos discutidos são definidos através de cinco grandes sistemas de sustentação estratégica: Sistema de Equipamentos; Sistema de Mobilidade; Sistema de Qualificação Urbana; Sistema de Ambiente e Paisagem; Sistema de Sustentabilidade Socioeconómica (Roxo, et., 2013).

Um dos vetores de desenvolvimento do Sistema de Mobilidade é a promoção das ligações ao exterior, quer criando outras infraestruturas de apoio aos novos polos propostos, quer potenciando a utilização da rede existente. A proposta sugere a adaptação e criação de vias para velocípedes, que fomentem e facilitem a utilização da bicicleta e propõe a criação de vias pedonais. Na tentativa de minimizar a dependência do automóvel e estimular a utilização do transporte público, propõe a criação de uma ambiciosa infraestrutura para metro ligeiro de superfície e a integração do interface de Setúbal, a implantar na frente ribeirinha, de forma a criar uma nova dinâmica de mobilidade na cidade (Roxo, et., 2013).

O Sistema de Qualificação Urbana é consolidado através do tecido existente e do nascimento de novas áreas urbanas, dinamizando a estrutura numa rede de polos e eixos de desenvolvimento urbano. A adaptação das diferentes malhas e tipologias de ocupação tenta compatibilizar as vantagens da diversidade com objetivos de unidade e coerência. "A lógica para a estratificação das densidades e volumetrias está associada à proximidade do transporte público por sua vez articulado com a rede de praças a implantar. Procura-se, no fundo, um sistema que integre o desenho urbano, a mobilidade e a vivência do espaço público." (Roxo, et., 2013 , p.9-10).

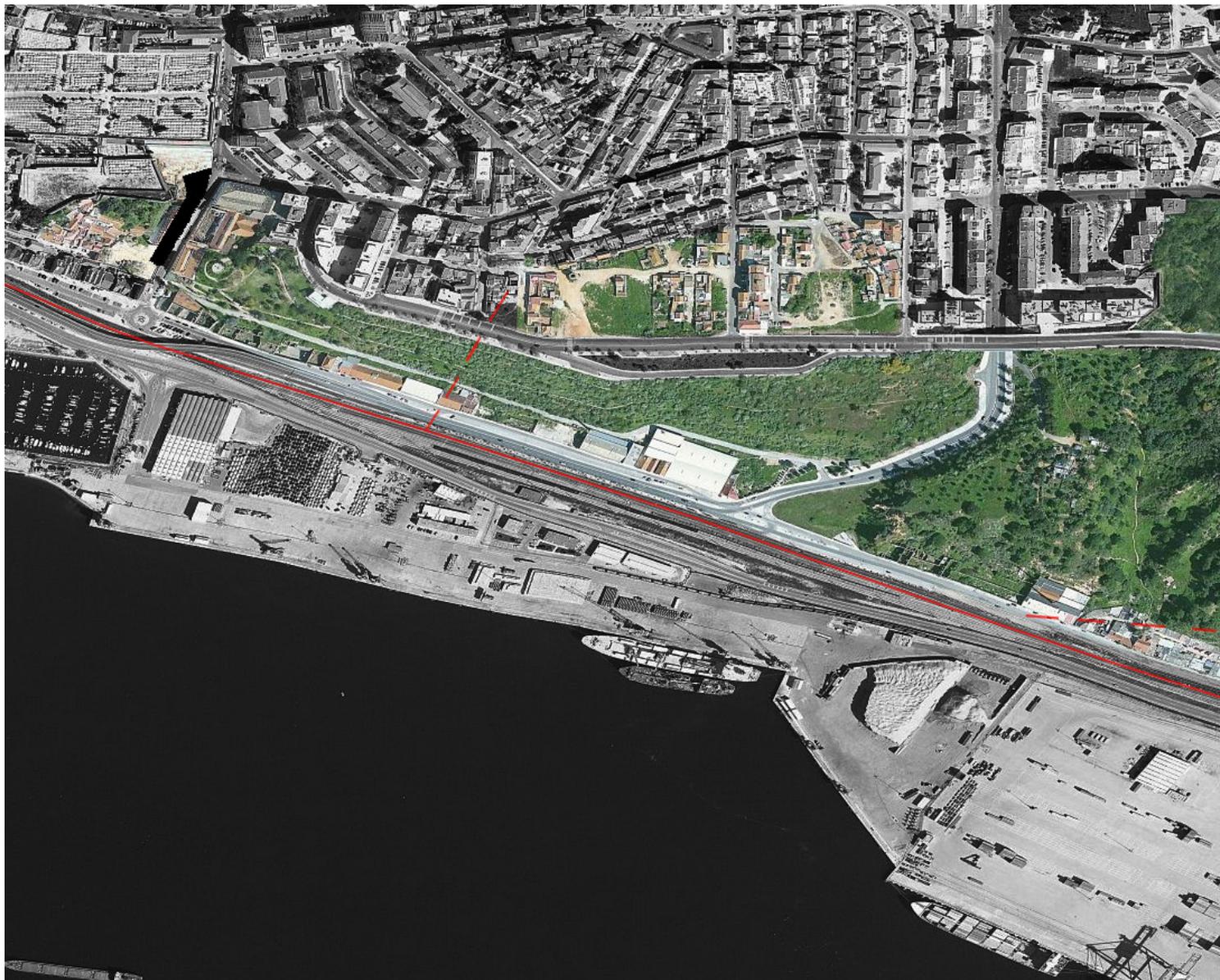
O Sistema de Ambiente e Paisagem aponta para a existência de um sistema verde, com vista à estruturação e consolidação ecológica e paisagística, sistema esse que se articule através de um conjunto de corredores de continuidade ecológica interligados entre si (Roxo,et.,2013).

No âmbito do Sistema de Sustentabilidade Socioeconómica, a intervenção social e urbana e a promoção territorial são os programas que materializam o investimento numa nova matriz de gestão socioterritorial (Roxo,et.,2013).

A nível do Sistema de Equipamentos, refere-se a importância para os territórios urbanos da variedade de funções privadas e públicas, que possam gerar emprego e oferta de bens e serviços diversificados, o que permitiria transformar uma área residencial numa área mais equilibrada. O objetivo passa pela integração, não só urbana como também social, criando um espaço mais vivido, diverso e tolerante (Roxo,et.,2013).

### 03.5. Proposta de Requalificação para Setúbal Nascente

126





- Linha Train.Train
- Edifícios Propostos
- - - Ligações cota alta à cota baixa

Com base no plano estratégico desenvolvido pelo grupo de trabalho, foi possível identificar a falência de um conjunto de concepções que marcam a política de desenvolvimento urbano e do ordenamento do território, em particular na intervenção do realojamento. A estratégia adoptada pelo grupo permitiu a ocupação em diferentes parcelas territoriais cuja requalificação se considera urgente, explorando desta forma as múltiplas articulações possíveis desde a escala do território às do projecto de arquitectura e vice-versa. Desta forma, foi possível estabelecer um fio condutor entre as partes, resultado de uma mudança de paradigma na forma de pensar a cidade, e que se reflectiu nas intervenções realizadas por cada elemento do grupo.



**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

**CENTRO SOCIAL  
DA  
BELA VISTA**

## 04.1. ZONA DE INTERVENÇÃO

Seguindo a lógica da estratégia de grupo e o interesse geral desta dissertação, no modo como a arquitetura rompe as fronteiras sociais presentes na cidade, a implantação do projeto responde às intenções iniciais da investigação. Intervindo, como já foi referido, em Setúbal Nascente, sítio onde se inscreve um dos bairros mais problemáticos de Portugal, o projeto vem abrir uma nova porta ao bairro.

Trabalhando no âmbito sobretudo social, com o intuito de quebrar esse estigma que a cidade tem do bairro, a estratégia passou por oferecer um novo espaço público, um novo centro social. Tal como o local de intervenção indica, a Bela Vista, é uma zona da cidade privilegiada, com uma vista panorâmica sobre o estuário do Sado, a Península de Tróia e toda a zona ribeirinha de Setúbal, com a Arrábida a poente como plano de fundo, sem dúvida uma vista postal da cidade. Atualmente, muitas são as cidades a apostar em espaços públicos que ofereçam vistas sobre a cidade, como é o caso da vizinha Lisboa. Estes espaços não possuem um carácter exclusivamente turístico, mas também local. Assim surge a intenção de criar um miradouro na entrada do bairro.

A área de intervenção é constituída por um vazio expectante no limite do bairro social com a Rua do Monte como fronteira física a noroeste, para além da Rua do Antigo Olival, a Sudeste, que envolve uma das frentes de rua com a Escola EB1/JI de Setúbal – Bela Vista.

A Avenida Belo Horizonte define o limite Sudoeste da zona de intervenção, sendo uma das artérias principais de acesso, que faz a ligação nascente ao centro da cidade, quase como uma marginal com vista panorâmica sobre o rio.

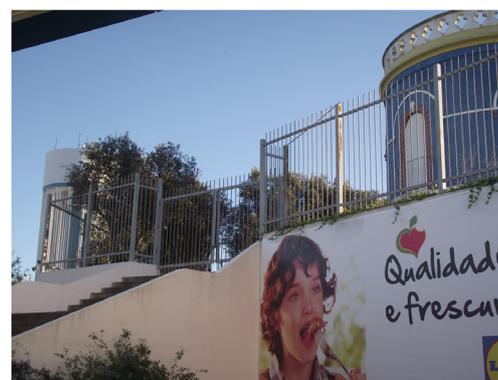
Atualmente este espaço expectante, tem como limite a poente, a Avenida da Bela Vista, ligando a Rua do Monte com a Avenida Belo Horizonte, servindo uma superfície comercial. No âmbito urbanístico esta superfície e o seu acesso assumem-se como fronteiras físicas do bairro com a envolvente, e consequentemente, exclusão urbana na continuidade do tecido urbano de Setúbal Nascente.

A estratégia de grupo visa reposicionar esta superfície comercial ao longo da Avenida Belo Horizonte. Uma vez excluída este equipamento da área de intervenção, automaticamente a Avenida da Bela Vista perde a sua importância, sendo diluída no contexto do novo projeto. Esta avenida passa a fazer o acesso ao estacionamento subterrâneo, sob o qual nascerá uma nova centralidade, uma nova praça, um novo miradouro.

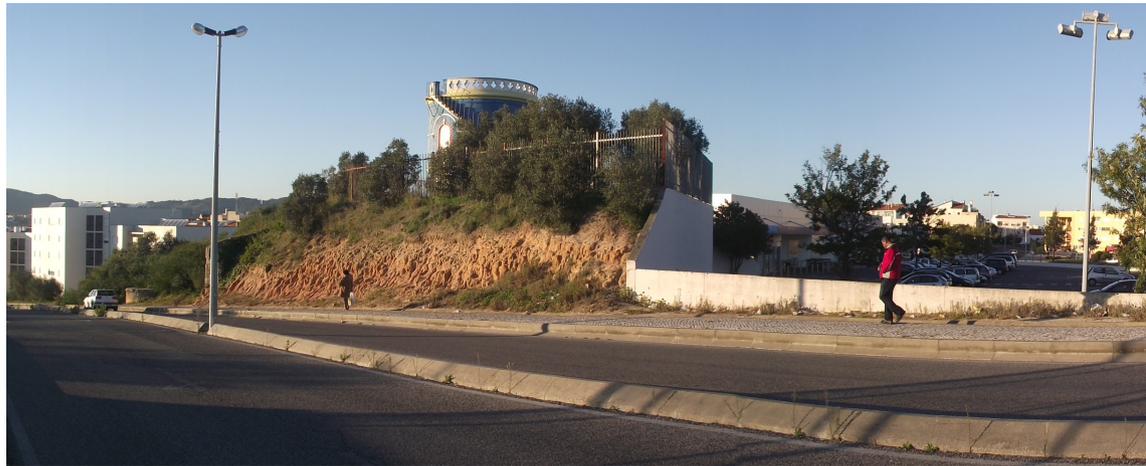
Este novo espaço público nasce consoante múltiplas trajetórias usadas no atravessamento da área a intervir. Para além de funcionar como distribuidor de fluxos pedonais este espaço só garante a sua eficácia e concentração de indivíduos através da associação de um equipamento com múltiplas funcionalidades mantendo a ocupação do mesmo durante 24 horas por dia.

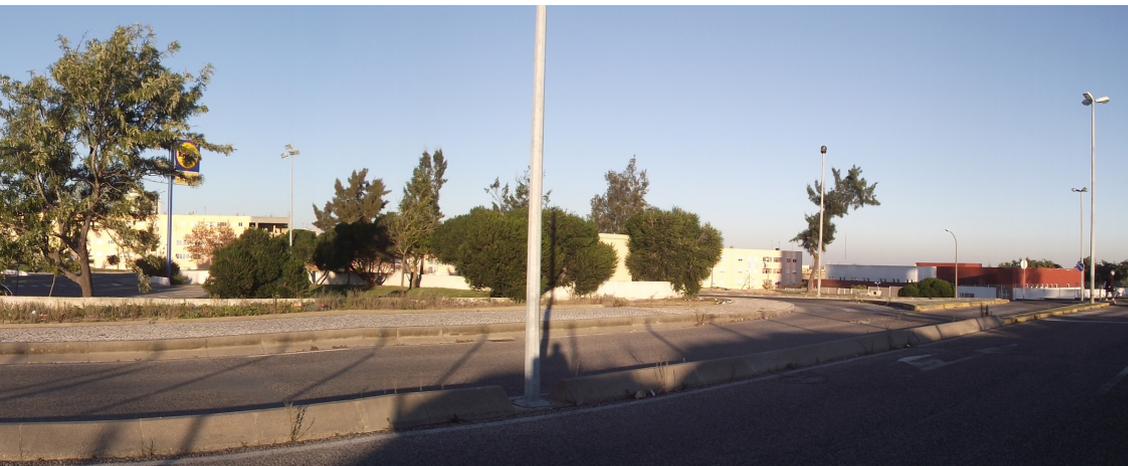


## 04.2. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO













### 04.3. MEMÓRIA DESCRITIVA

No âmbito do Plano Estratégico de Setúbal Nascente é proposto um novo equipamento de Saúde nesta área de intervenção, respondendo à falta de assistência médica. A falta de unidades de vanguarda ao hospital de Setúbal referida no Plano Nacional de Saúde, levou a apostar não só num Centro de Saúde, mas também numa Unidade Básica de Urgências e uma Unidade de Apoio à Comunidade, tendo em conta o contexto em que se insere, focado numa faixa etária mais idosa, com a residência sénior (lar de idosos). O edifício desenvolve-se em dois pisos, definindo dois sectores distintos, funcionando independentes um do outro embora com relação visual e acessível no seu interior.

No piso 0, tem como particularidade de se fechar para o exterior. Assumindo como o embasamento ao piso superior, recuado em relação à frente de rua. A esquina foi o grande elemento a explorar de todo o projeto, considerado o local de encontros, de espera, com maior percepção e uma vista periférica, as entradas prevalecem nestes momentos do edifício. Assumindo a esquina como geradora de fluxos, o cruzamento entre a rua do Monte e a rua do Antigo Olival é o primeiro contato entre o Conjunto da Bela Vista e este equipamento. No embasamento à cota da rua do bairro abre-se com uma rampa oferecendo um acesso direto à cota do piso superior, com o refeitório comunitário de apoio à população e o respectivo espaço público. A rampa é alinhada segundo um marco território da antiga Quinta da Bela Vista. O Mirante da Bela Vista, camuflado nas imediações da atual superfície comercial, ganha um novo esplendor nesta nova intervenção. Fazendo parte da história do local, ele traduz a identidade de uma antiga extração de água potável que era comercializada e utilizada mesmo em terapias.

O seu alinhamento com a esquina cria um cenário emblemático neste momento de entrada na área de intervenção. Com as entradas do Centro de Saúde e da Unidade Básica de Urgências localizadas nas imediações da abertura do embasamento. Aqui as pessoas passam, sobem ou descem, aqui as pessoas entram ou saem, aqui as pessoas esperam ou simplesmente permanecem, re-

sumindo, uma esquina repleta de vida.

Especificamente ao Centro de Saúde, organiza-se de uma forma triangular. O seu hall de entrada, apoiado por instalações sanitárias e respectiva zona de espera para a receção, oferece um duplo pé direito com uma luz zenital. Um dos vértices do triângulo referido, distingue duas zonas de assistência médica através de corredores públicos interiores, dando acesso às respectivas sub-esperas ao longo de um pátio acessível. Paralelamente a este corredor, temos um corredor semiprivado utilizado maioritariamente por técnicos de saúde, mas também utilizado pelos utentes para aceder aos gabinetes médicos. Por ultimo, o braço que completa o triângulo fica na continuidade desse corredor onde se localiza a zona restrita aos funcionários, com uma zona de cargas e descargas de apoio à esterilização, produtos médicos e higiene com várias salas de apoio e acesso à zona administrativa no piso superior. Esta zona é facilmente acedida pelos funcionários localizando-se junto da entrada do estacionamento privado. Aqui é efetuada a transição entre o Centro de Saúde e a Unidade Básica de Urgências, através da receção a utentes com pequenas mazelas, também com acesso direto ao piso superior através de elevador.

A Unidade de Urgências Básicas, tal como referido, tem a sua entrada junto da esquina de interseção com o bairro, com uma zona de espera no hall de entrada e a respectiva receção faz a transição para uma sub-espera para exames de Imagiologia, com um duplo pé direito oferecendo uma luz zenital. Esta zona de espera é acompanhada por um bar de apoio a toda a Unidade de Saúde, com as instalações sanitárias a fazer essa transição. O acesso às salas de exame é efetuado a partir de um corredor, que nos guia através de uma luz natural do pátio inscrito entre a rampa exterior, referida anteriormente, e este volume de urgências, levando-nos à receção da entrada do estacionamento. Nesta zona podemos aceder a uma área de refeição restrita aos funcionários, servida por uma cozinha que serve para além deste refeitório, o bar de apoio aos utentes. O abastecimento desta cozinha é efetuado no piso inferior, ao longo do emba-

mento temos uma zona de cargas e descargas tanto para os produtos alimentares como farmacêuticos, distribuídos em arrumos distintos com acesso exclusivo a cozinheiros ou farmacêuticos respetivamente.

No piso superior, considerando a malha do conjunto do Bairro Amarelo, o equipamento segue os mesmos enquadramentos. Sobre o embasamento recuado do seu limite, o volume superior dá uma ideia de suspensão em relação à frente de rua. Considerando a Rua do Monte, este distancia-se de forma considerável, possibilitando a rua respirar e ter mais insolação, por se localizar a Nordeste da área de intervenção. Nesta fachada, prevalece a ideia do edifício se fechar para dentro, para os seus pátios. Este piso tem uma relação com o espaço público, criando vários pontos de paragem, mais uma vez nas esquinas dos volumes que abraçam a zona verde. Este espaço verde é uma mera indicação, pois seria necessária a colaboração de arquitetos paisagistas para se conseguir um espaço exterior verdadeiramente qualificado. Prevalece a forma redonda um pouco por toda a zona pública, partindo não só do Mirante mas também do Depósito de Água que são pontos marcantes, que marcam a história do bairro.

Considerando este volume paralelo ao Bairro Amarelo, o estacionamento responde não só ao complexo de saúde do piso inferior, como também à Farmácia que faz o remate do piso superior. Com a cozinha no seu seguimento, entre estes temos uma caixa de escadas juntamente com um elevador para transportar os produtos das dispensas que se encontram na “cave”. A cozinha distribui-se assim em dois pisos, para além do refeitório dos funcionários, fornece o refeitório comunitário e as refeições dos idosos da residência sénior. Resume-se assim, a um elemento de charneira de dois volumes perpendiculares que se intersectam na cozinha.

Na continuidade da zona de refeição dos idosos, encontramos a sala de estar com as instalações sanitárias e um espaço exterior de apoio aos idosos, brindada entre a sombra de dois pátios. A transição da zona de convívio para a zona privada, e respetivamente para o volume que faz frente com a Rua do An-

tigo Olival, é marcado por um cheio cilíndrico no piso superior, embora ao nível do piso térreo se assumia vazio, marcando a entrada no quarteirão com um foco de luz.

Ao longo desta zona privada, temos o acesso aos vários quartos, com capacidade máxima de 3 pessoas, através de um corredor que percorre todo o volume. De forma a este corredor não ser monótono, a estratégia passou por tornar uma dinâmica nas paredes que envolviam o corredor alastrando-se por todo o edifício através da lógica do cheio X vazio, como também criar relações com o piso 0 através de duplos pés direitos e pátios.

Sensivelmente a meio deste volume temos as instalações sanitárias que equilibram com uma zona de estar junto do pátio que rompe o volume e o acesso ao exterior, aproveitando a sombra que o pátio do Centro de Saúde pode vir a oferecer ao piso superior. No fundo do corredor existe um elevador para qualquer urgência, terminando o volume com uma zona administrativa de apoio à comunidade.

Esta zona administrativa estende-se em outro volume diagonal ao anterior, sobrepondo-se à zona de esterilização do piso 0. Surge assim, na intersecção destes dois volumes a entrada para a Unidade de Cuidados à Comunidade, dando vida à esquina de intersecção entre a Rua do Antigo Olival e a Avenida Belo Horizonte. Esta zona é para serviço administrativo do complexo de saúde estando diretamente relacionada com a zona administrativa de apoio à comunidade. Para melhor compreensão do projeto, é fundamental a leitura dos desenhos.

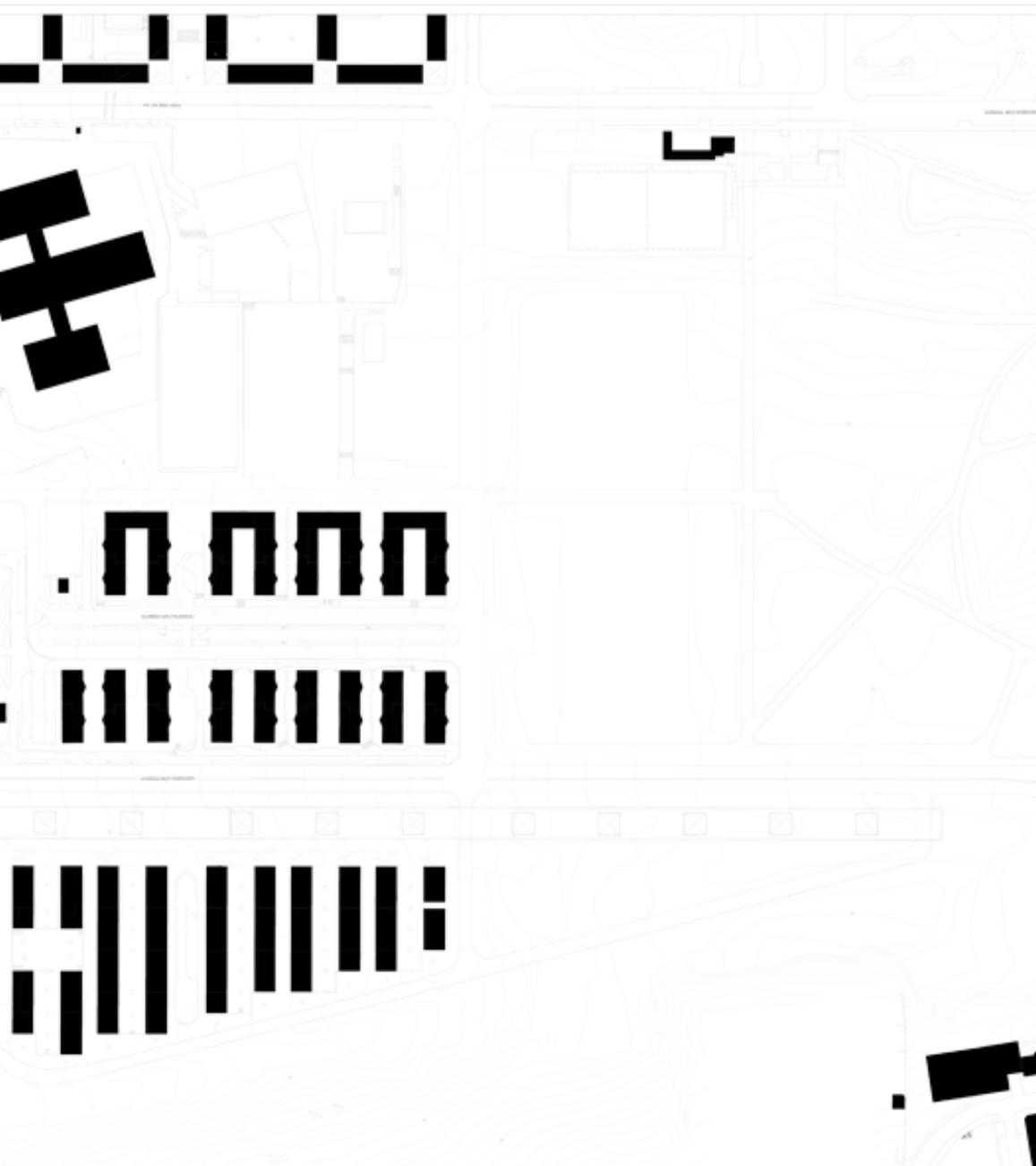
Considerando o conjunto podemos definir esta nova centralidade como o Centro Social da Bela Vista, com capacidade para albergar uma variedade de grupos sociais e faixas etárias, com uma variedade de funcionalidades capaz de atrair uma heterogeneidade de indivíduos promovendo essa mistura cultural capaz de abstrair a tensão e pertença do território por parte de certos grupos sociais. Sem dúvida um “PONTO DE EQUILIBRIO NUMA CIDADE DE CONTRASTES”.



**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

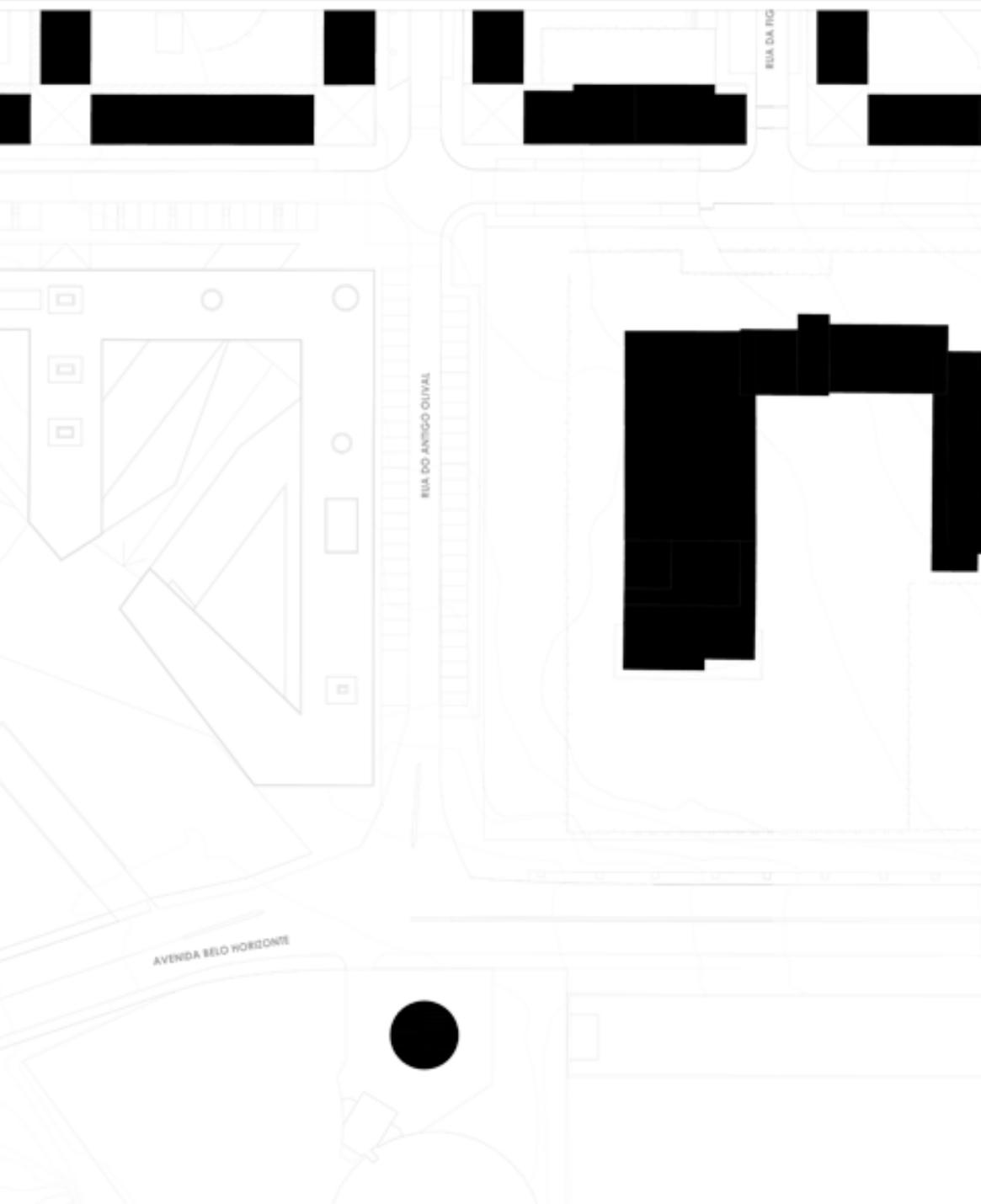
**DESENHOS  
TÉCNICOS**

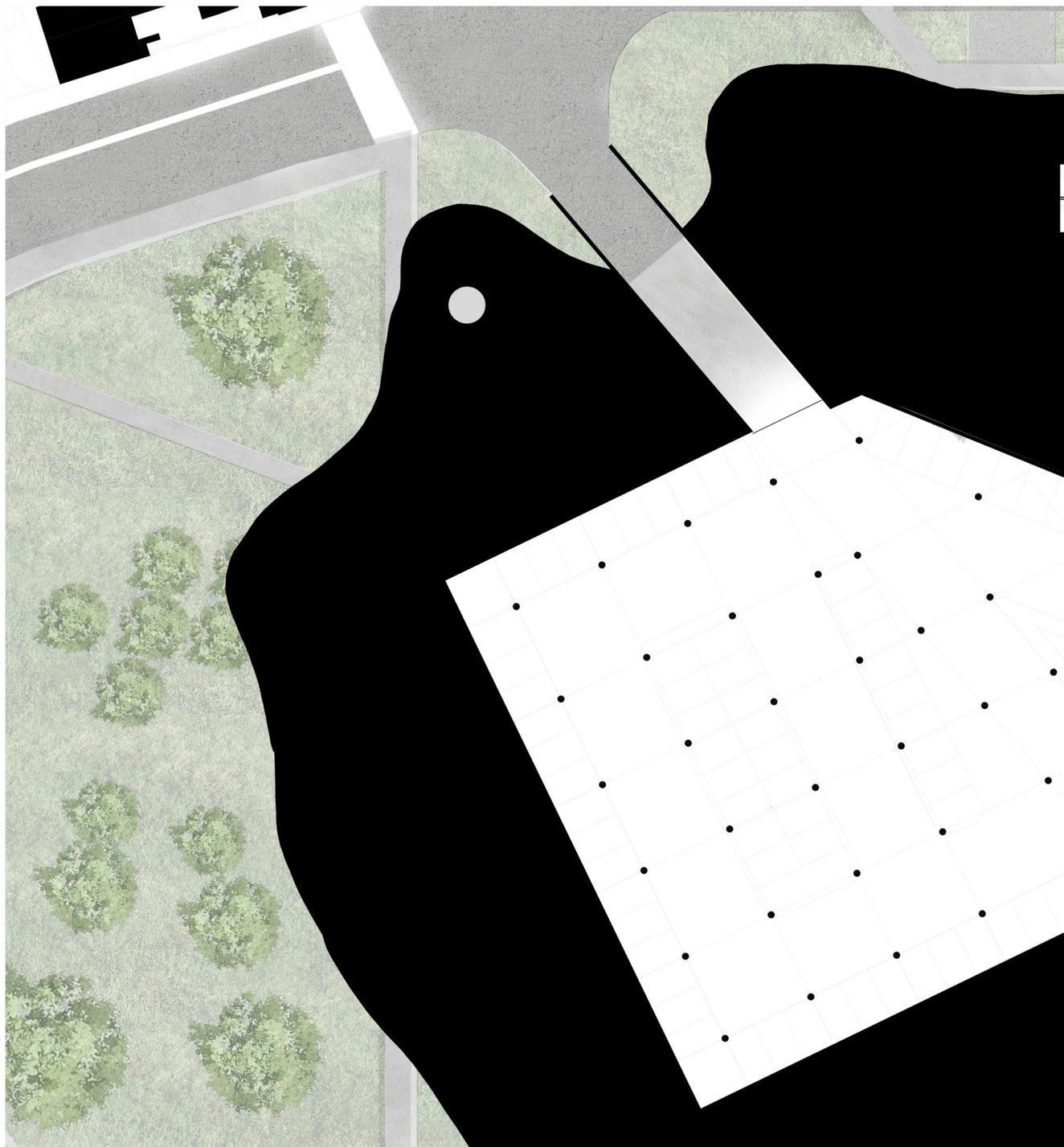




Planta Localização







**Legenda:**

**A. Unidade Básica de Urgência (Imagiologia)**

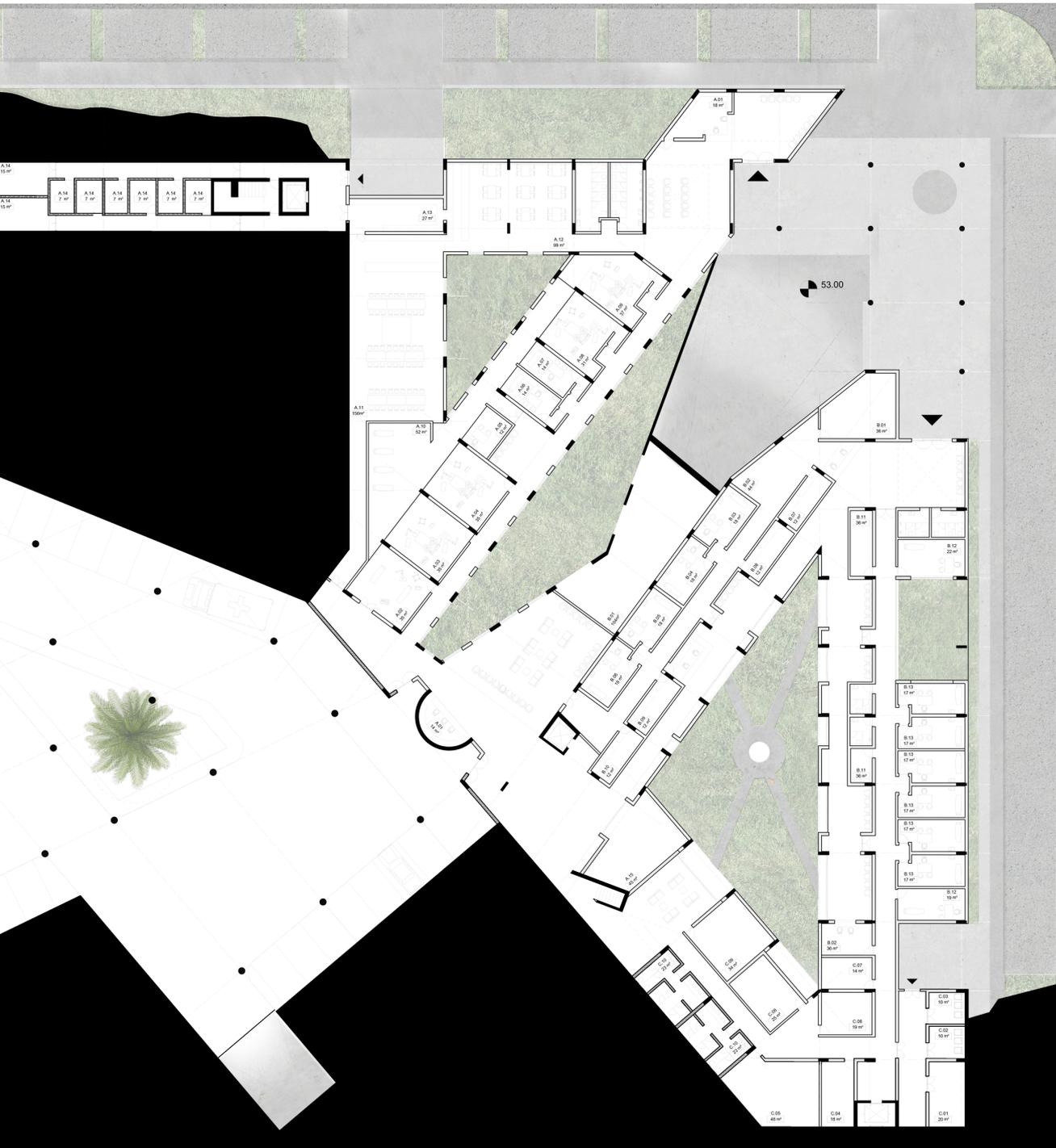
- A.01 Recepção
- A.02 Sala de Observação
- A.03 Zona Auxílica Primária
- A.04 Sala Iloa X
- A.05 Sala de Comando
- A.06 Posto de Enfermagem
- A.07 Sala de Ecografia
- A.08 Sala de Mamografia
- A.09 Sala de TAC
- A.10 Box
- A.11 Referência Funcionários
- A.12 Cafeteria
- A.13 Cozinha
- A.14 Armazém (Cozinha/Farmácia)
- A.15 Espaço Lúdico

**B. Unidade de Saúde Familiar**

- B.01 Sala Técnica
- B.02 Recepção
- B.03 Gabinete Saúde Infantil
- B.04 Sala de Tratamentos
- B.05 Gabinete de Saúde Materna
- B.06 Gabinete Enfermagem
- B.07 Gabinete Domiciliares
- B.08 Material Consumo Clínico
- B.09 Gabinete Higiene de Bebés
- B.10 Gabinete de Vacinas
- B.11 Sala Apoio
- B.12 Gabinete Polivalente
- B.13 Gabinete Médico

**C. Apoio Administrativa (Higiene/Esterilização)**

- C.01 Despensa e Depósito
- C.02 Lixo de Recolha Comunitária
- C.03 Lixo Infectados
- C.04 Embalagem e Esterilização
- C.05 Armário
- C.06 Lavandaria
- C.07 Consumo Clínico
- C.08 Armazém de Roupa Limpa
- C.09 Copa
- C.10 Vestibulos / I.S. (Bainheiros)



Planta Piso 0



Legenda:

A. Unidade Básica de Urgência (Imagiologia)

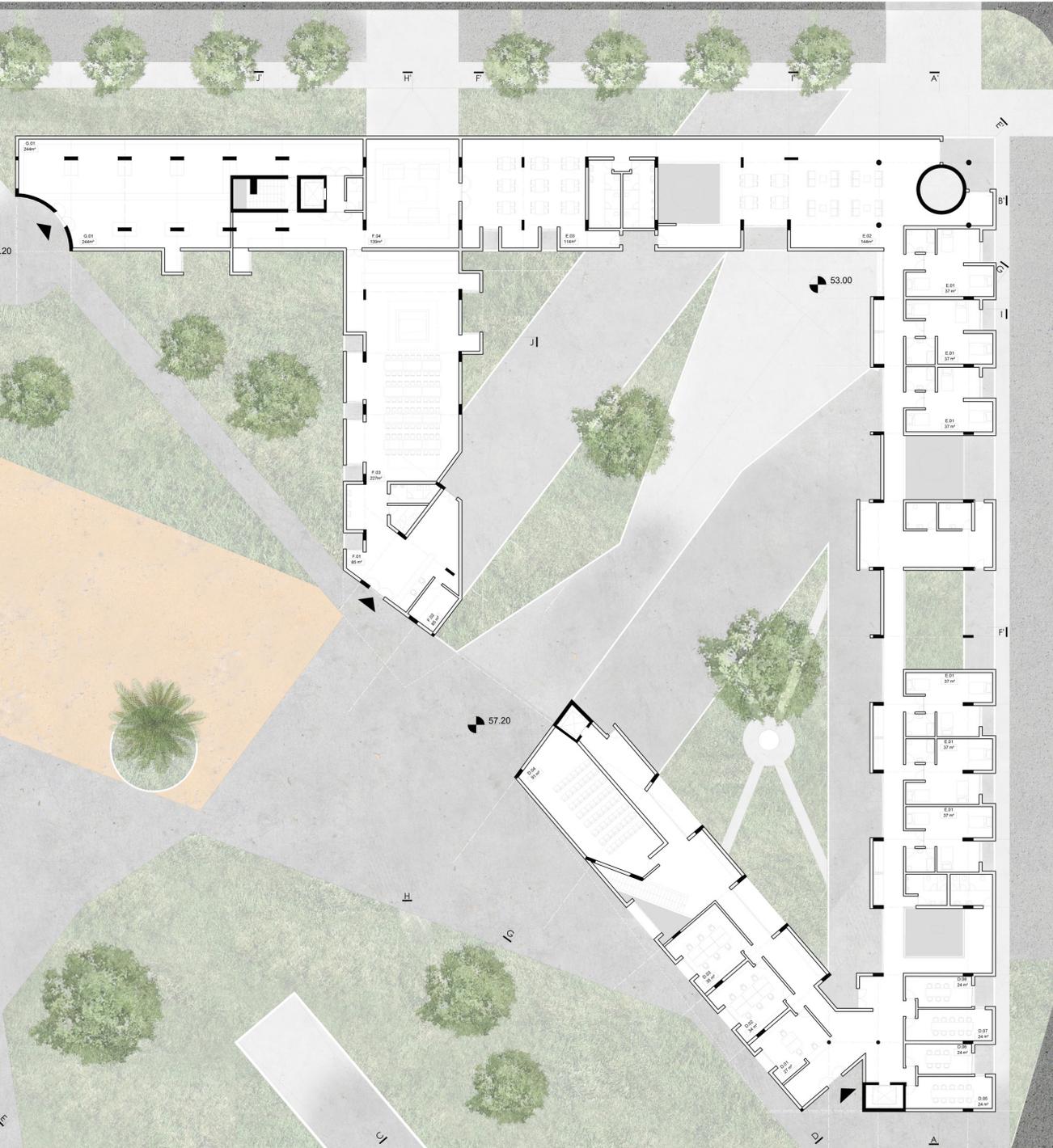
- A.01 Recepção
- A.02 Sala de Observação
- A.03 Zona Asséptica Primária
- A.04 Sala Sala 1
- A.05 Sala de Comando
- A.06 Posto de Enfermagem
- A.07 Sala de Ecografia
- A.08 Sala de Mamografia
- A.09 Sala de TAC
- A.10 Box
- A.11 Releatório Funcionários
- A.12 Cozinha
- A.13 Cozinha
- A.14 Armazém (Cozinha/farmácia)
- A.15 Espaço Lúdico

B. Unidade de Saúde Familiar

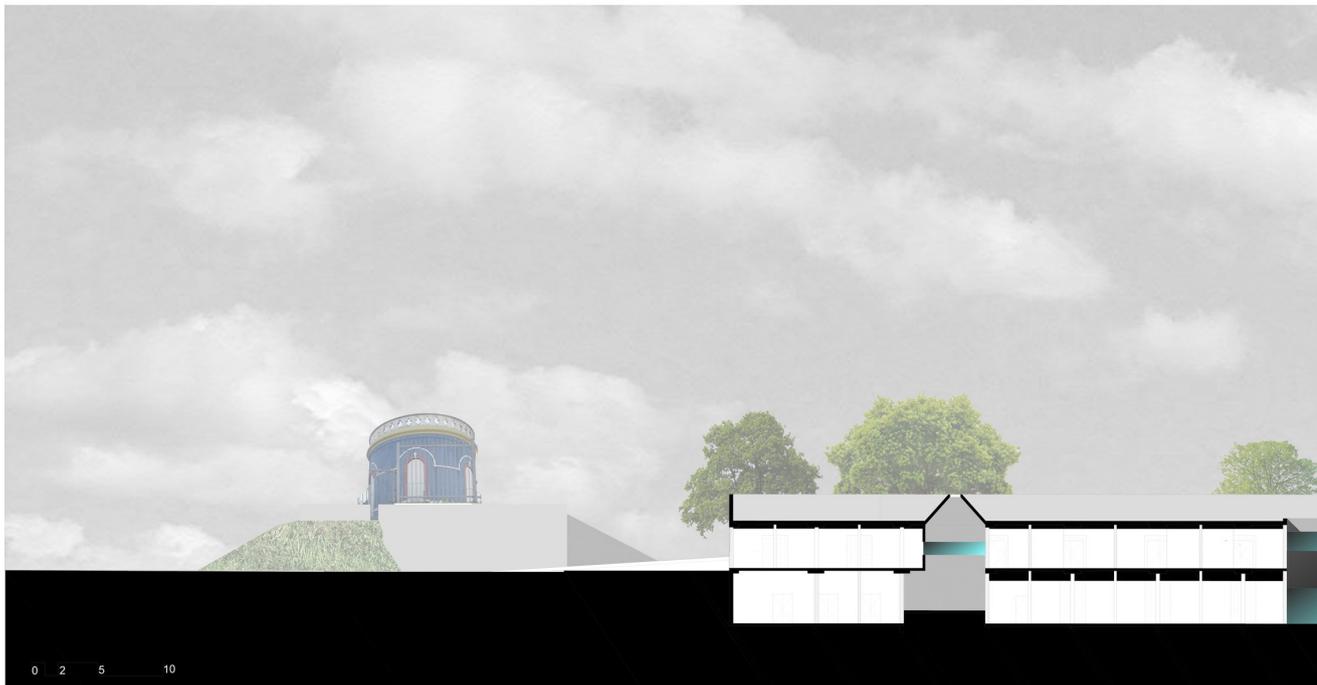
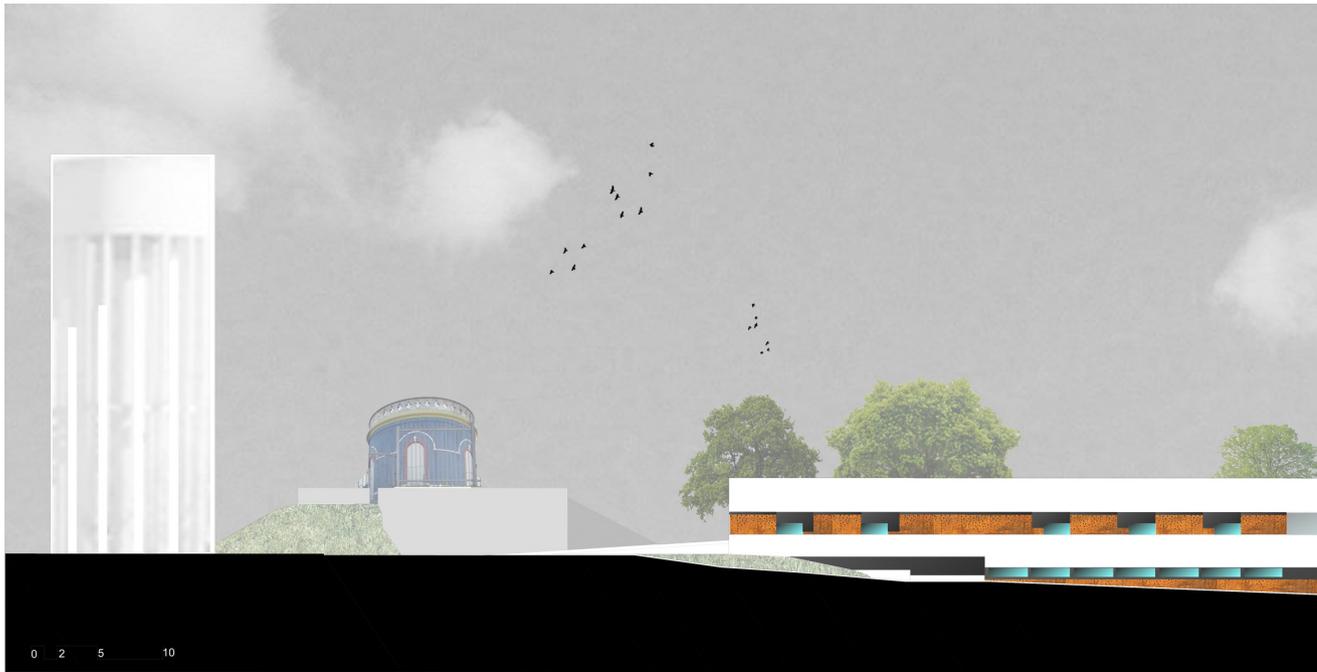
- B.01 Sala Técnica
- B.02 Recepção
- B.03 Gabinete Saúde Infantil
- B.04 Sala de Tratamentos
- B.05 Gabinete de Saúde Materna
- B.06 Gabinete Enfermagem
- B.07 Gabinete Domiciliares
- B.08 Material Consumo Clínico
- B.09 Gabinete Higiene de Bebés
- B.10 Gabinete de Vacinas
- B.11 Sala Apoio
- B.12 Gabinete Polivalente
- B.13 Gabinete Médico

C. Apoio Administrativa (Higiene/Estérilização)

- C.01 Despacho e Depósito
- C.02 Lixas de Recolha Camarária
- C.03 Lixas Inteliadas
- C.04 Embalagem e Esterilização
- C.05 Armário
- C.06 Lavandaria
- C.07 Consumo Clínico
- C.08 Armazém de Roupa Limpa
- C.09 Cuias
- C.10 Vestuários / L.S. (Banheiros)

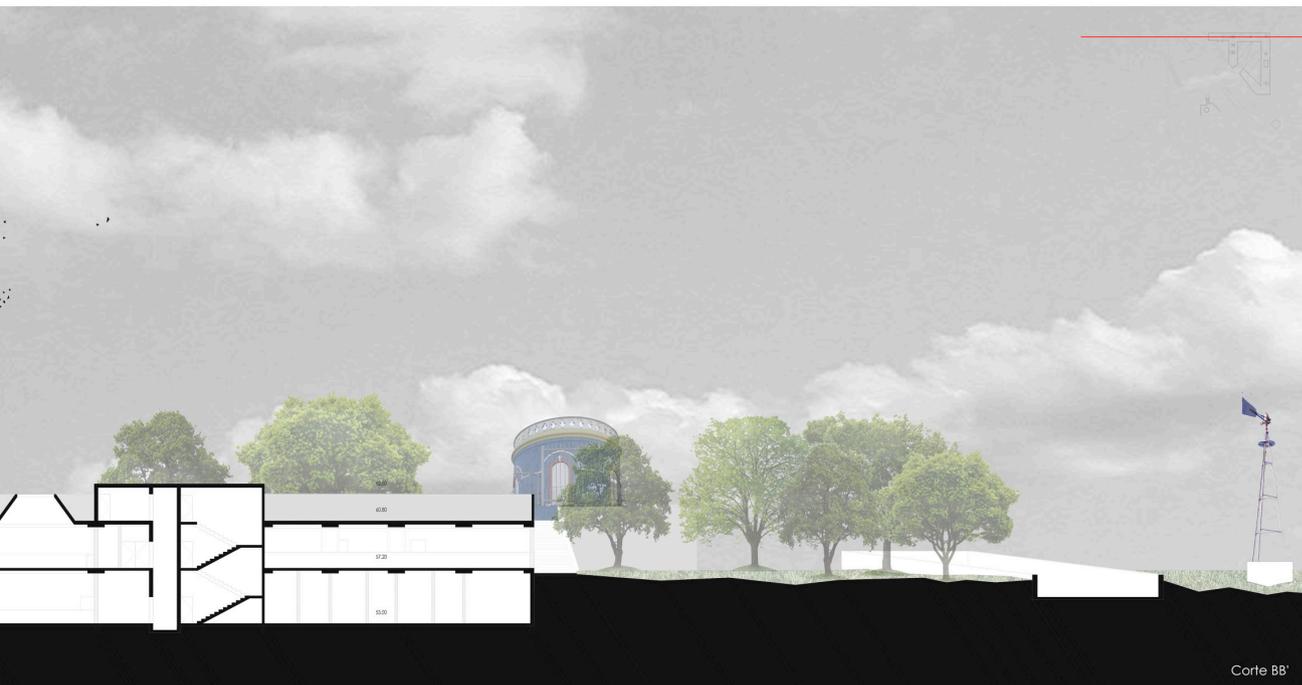
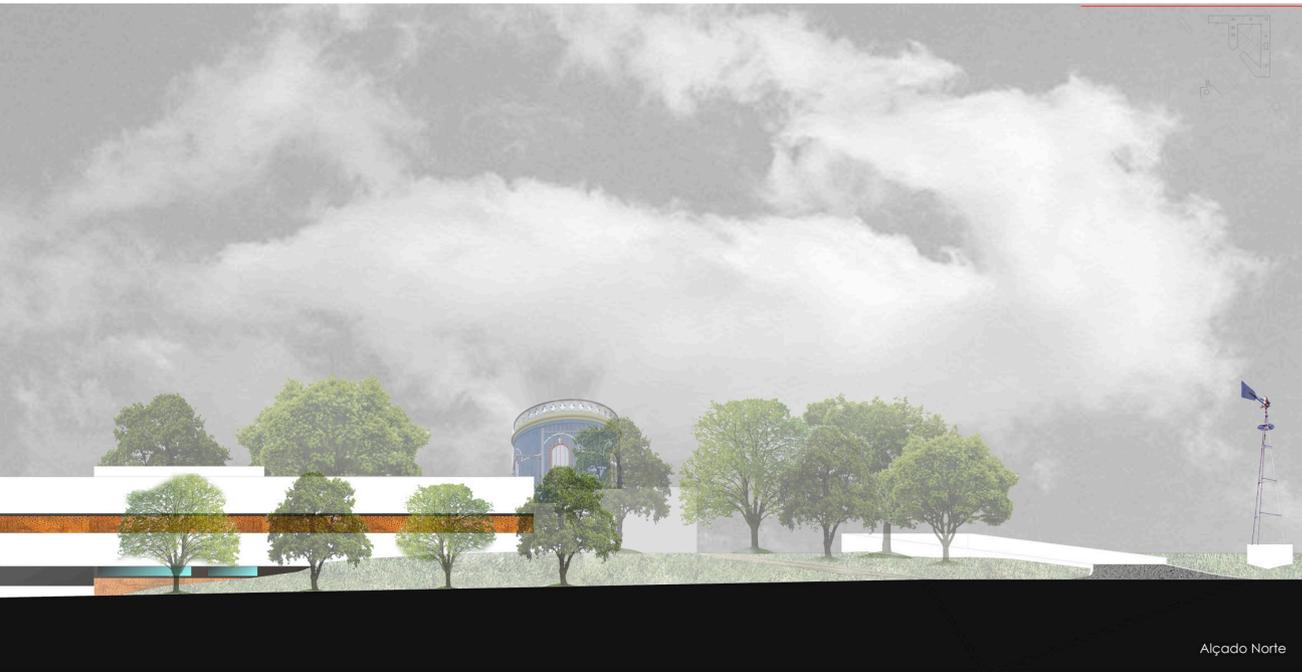


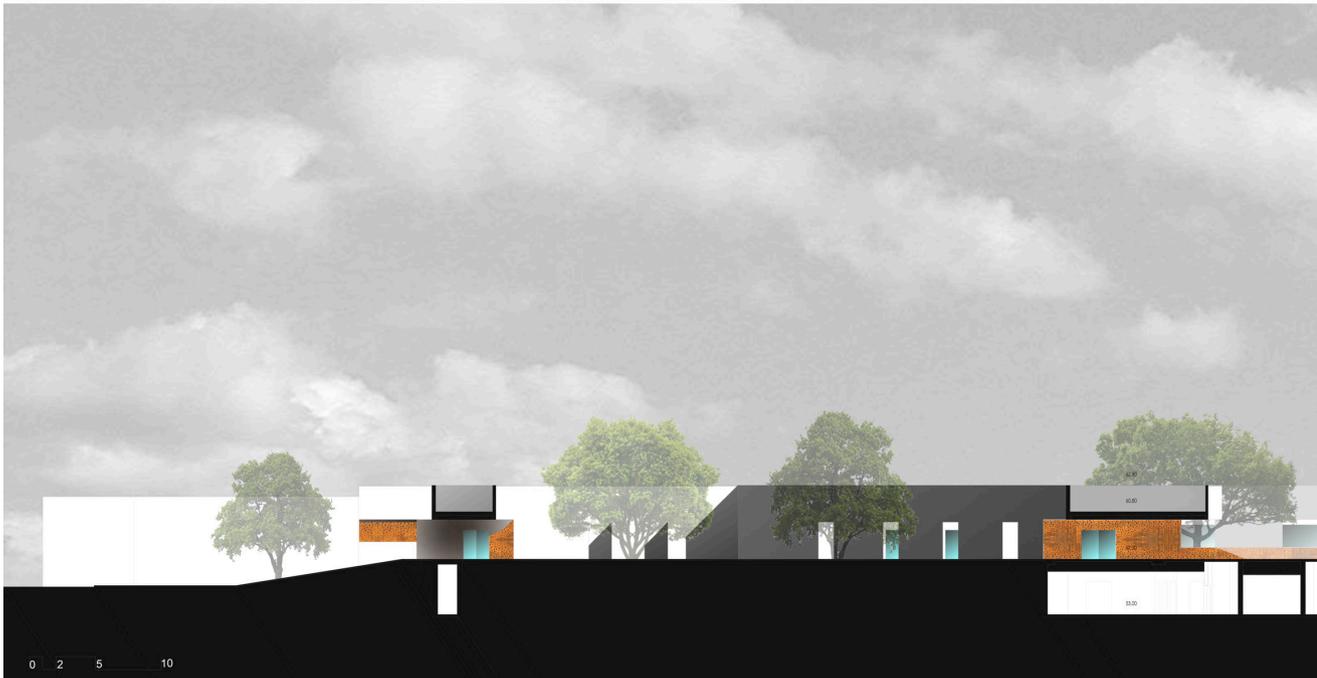
Planta Piso 1

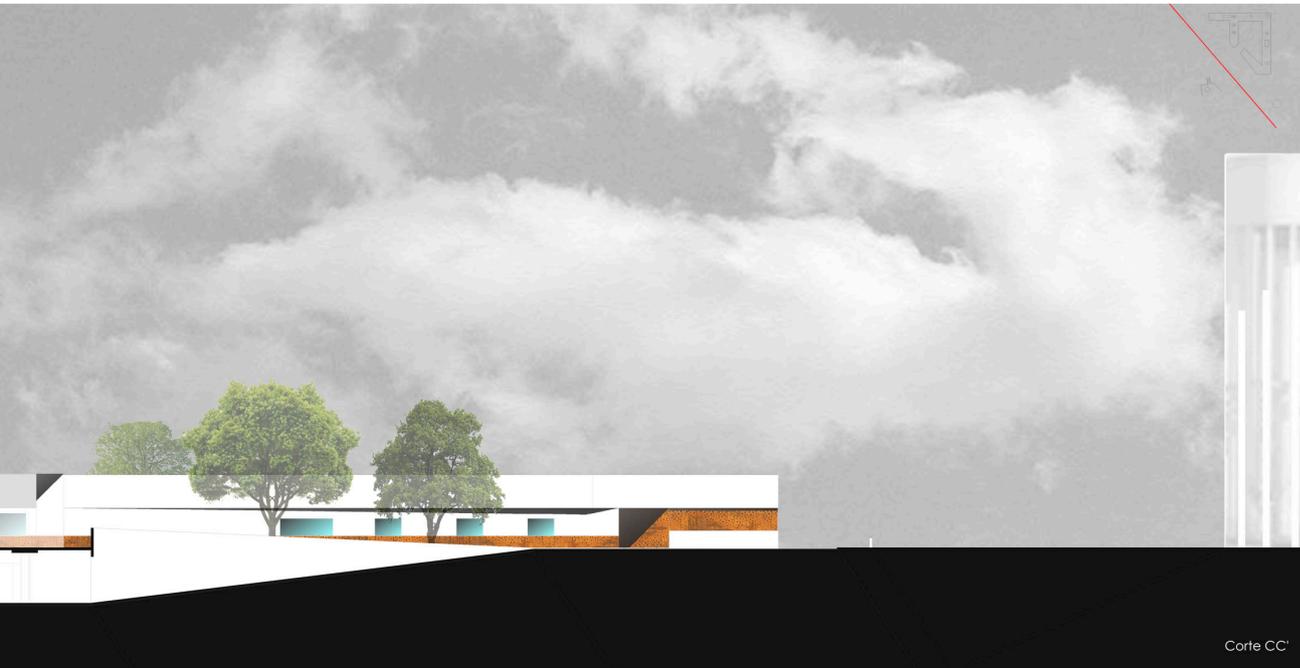




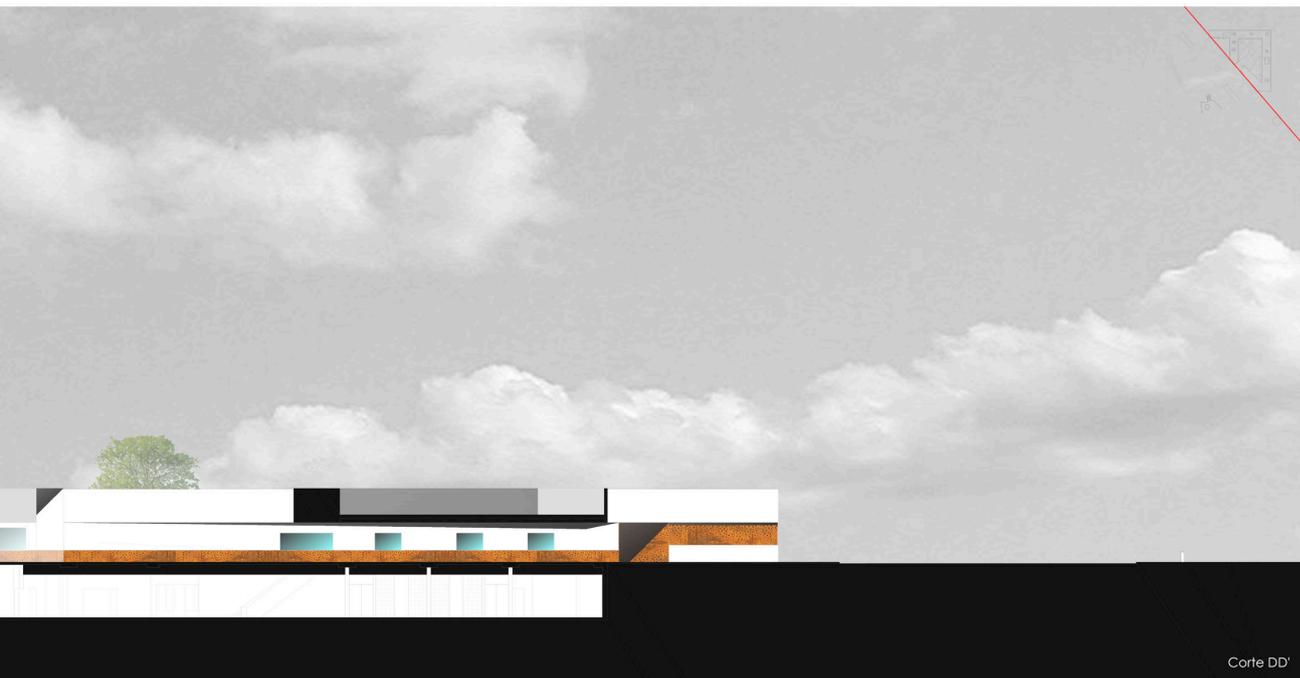








Corte CC'



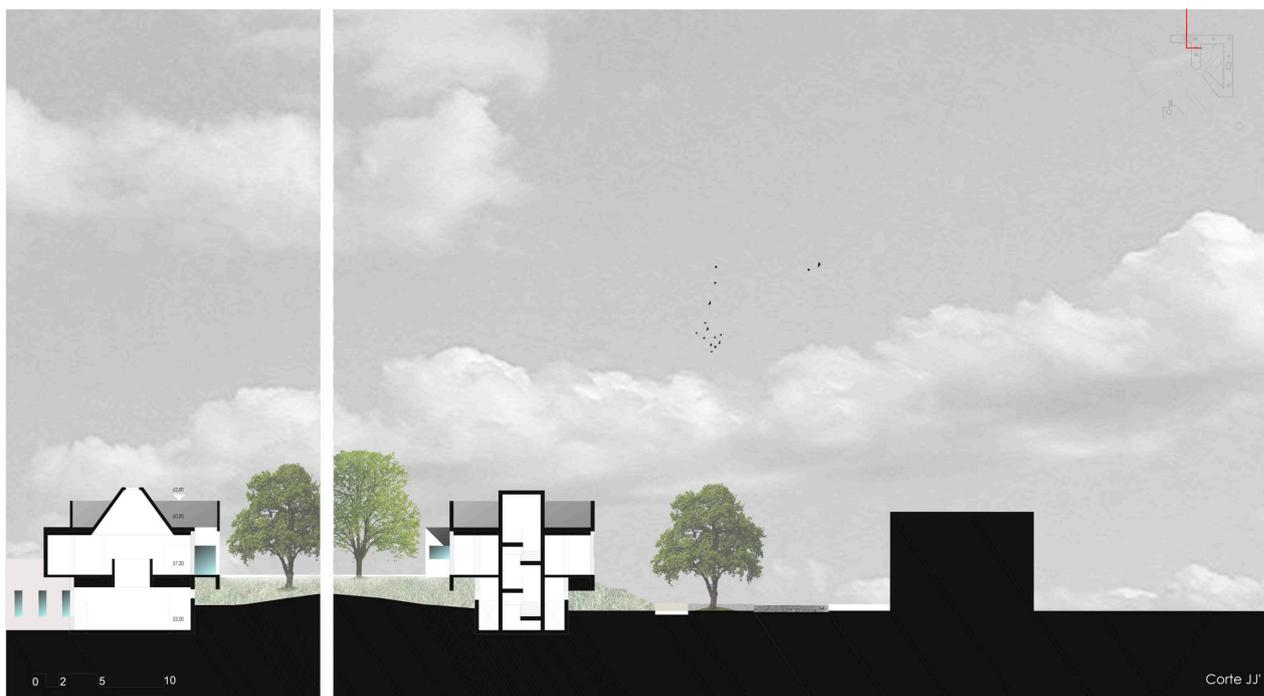
Corte DD'









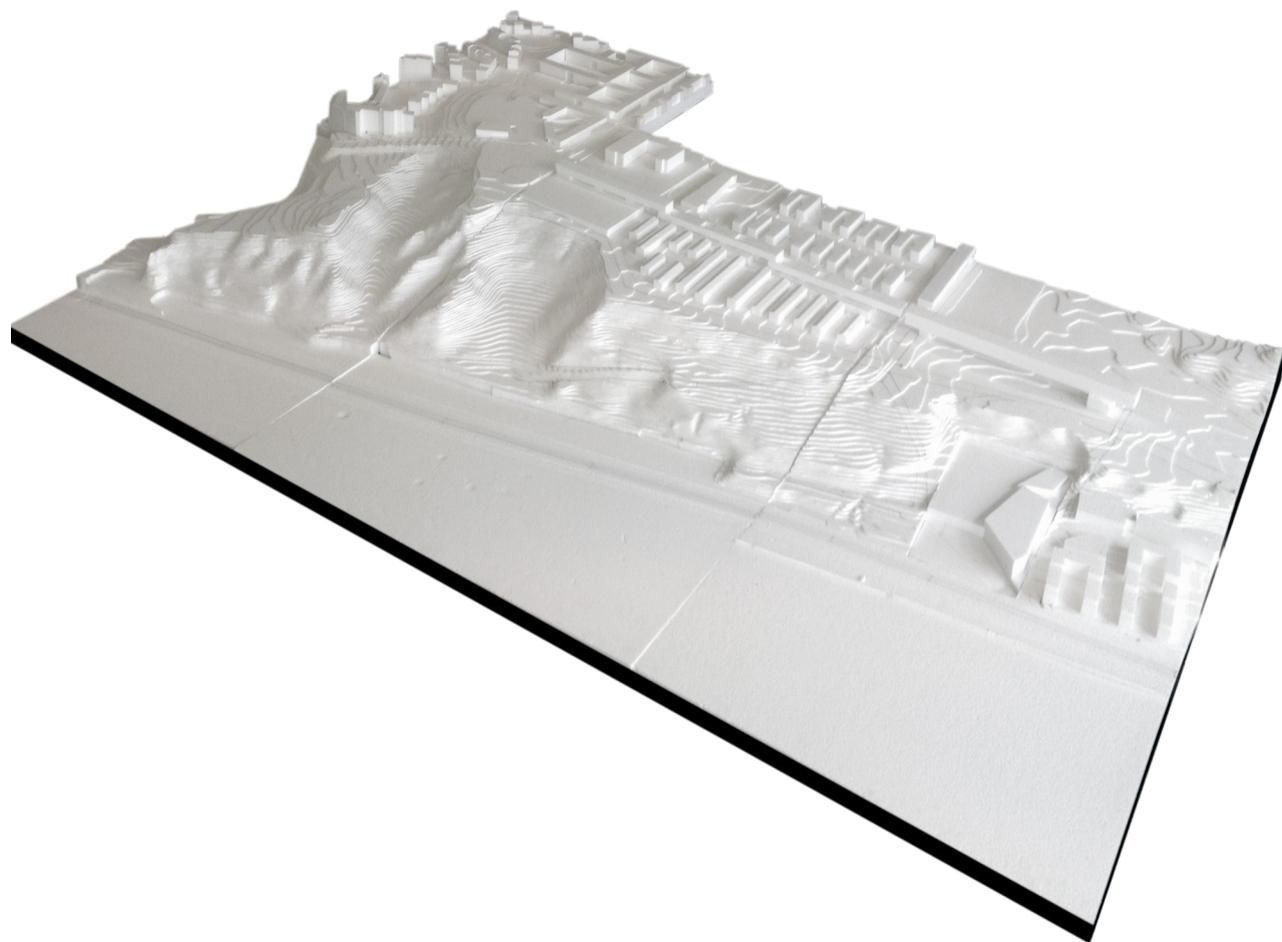




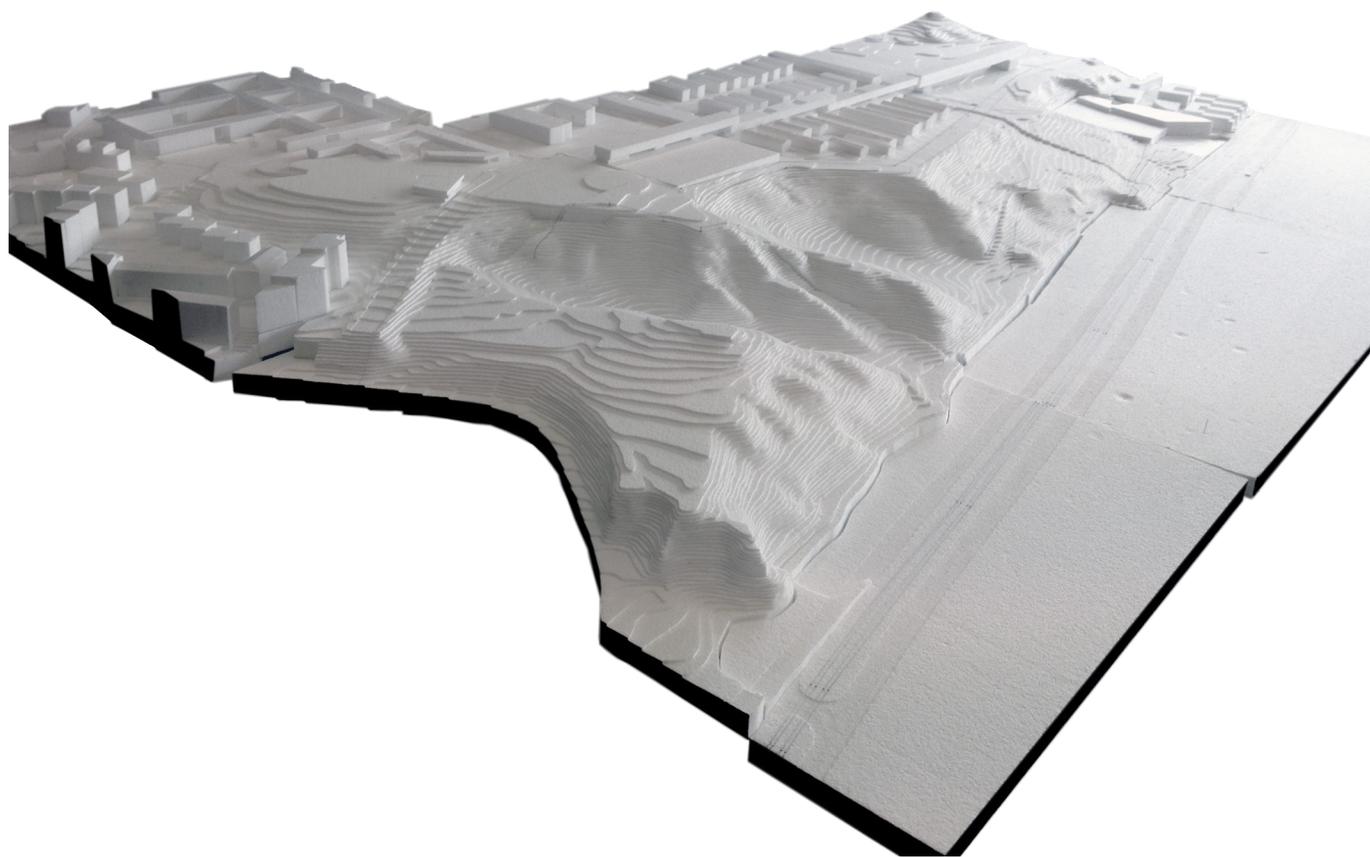


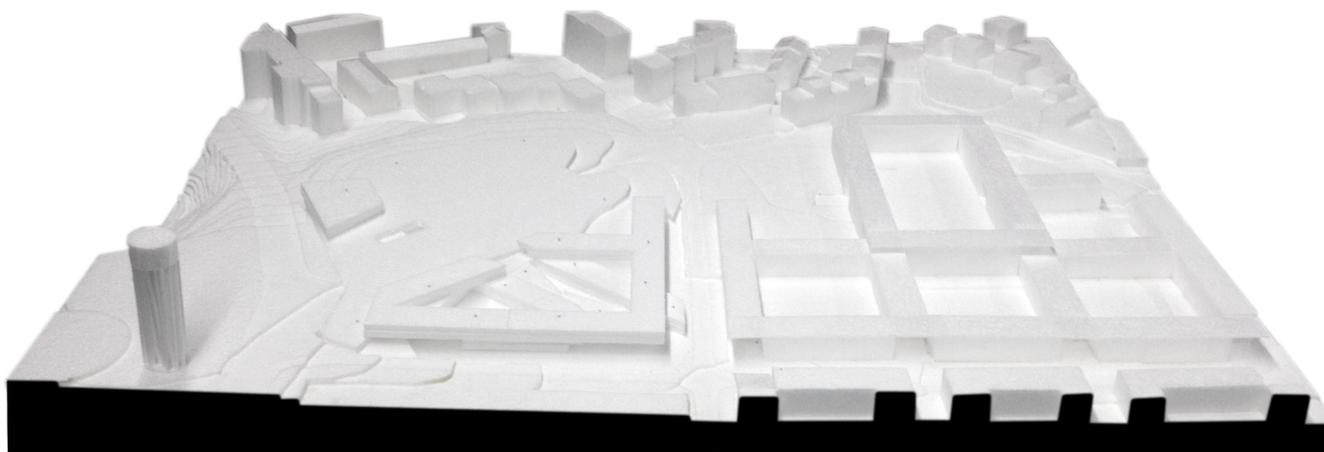
**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

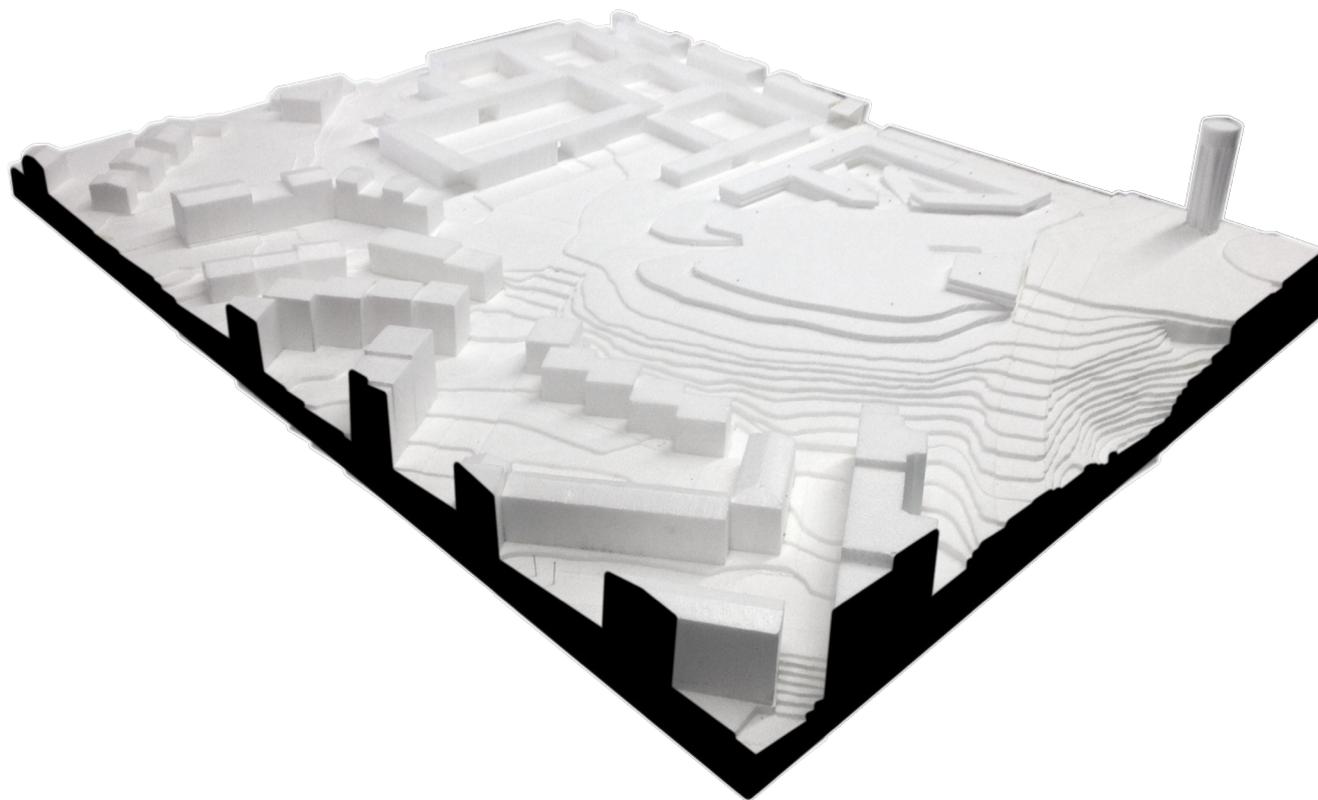
**MAQUETAS**

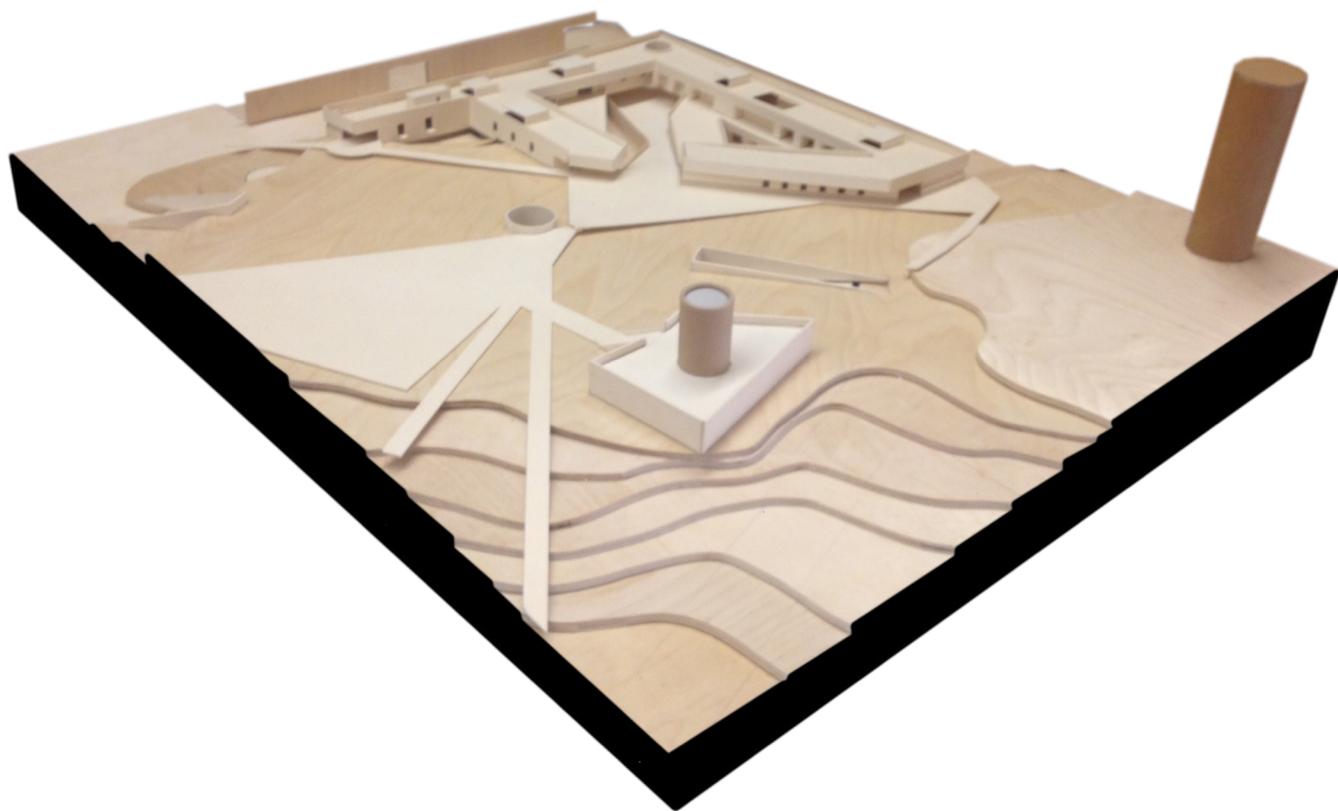


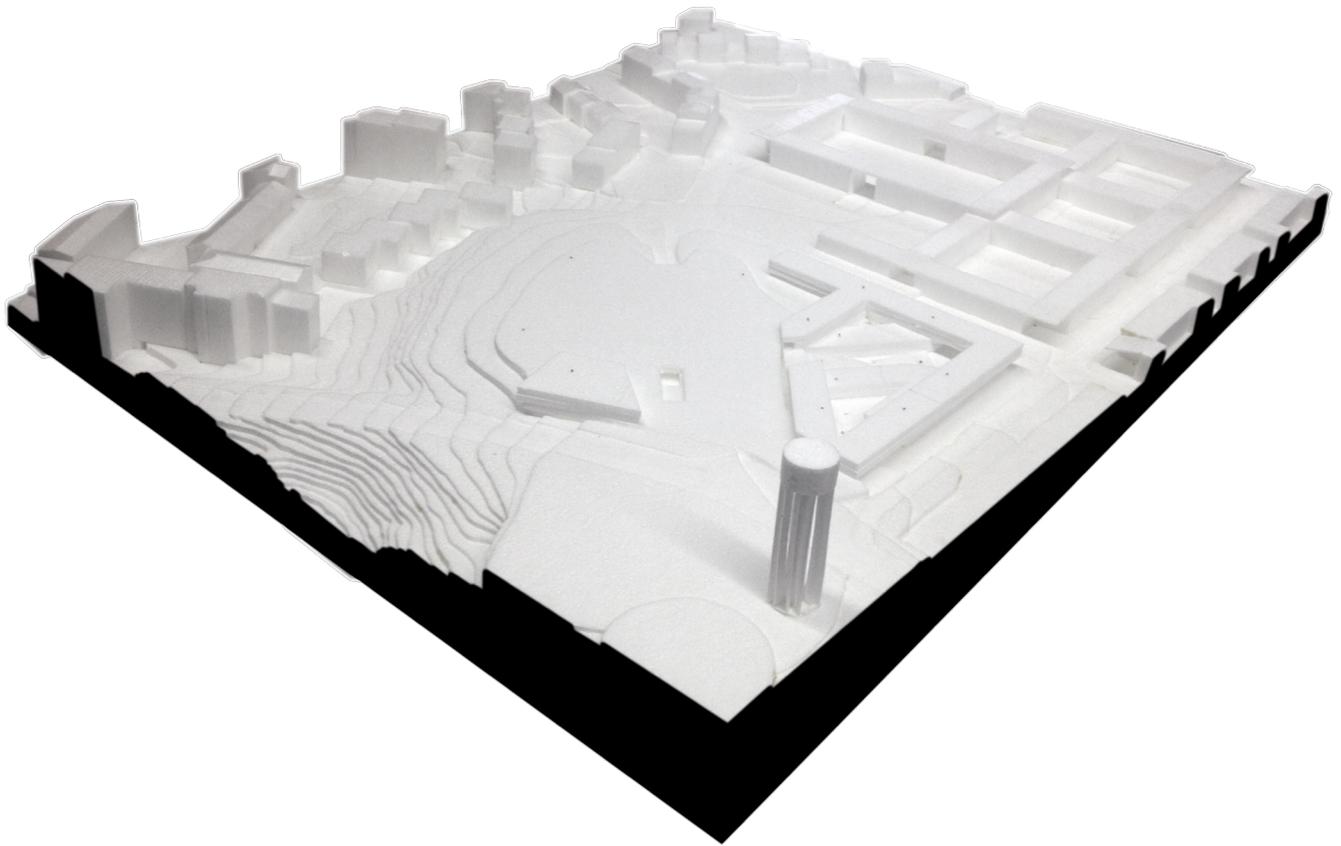


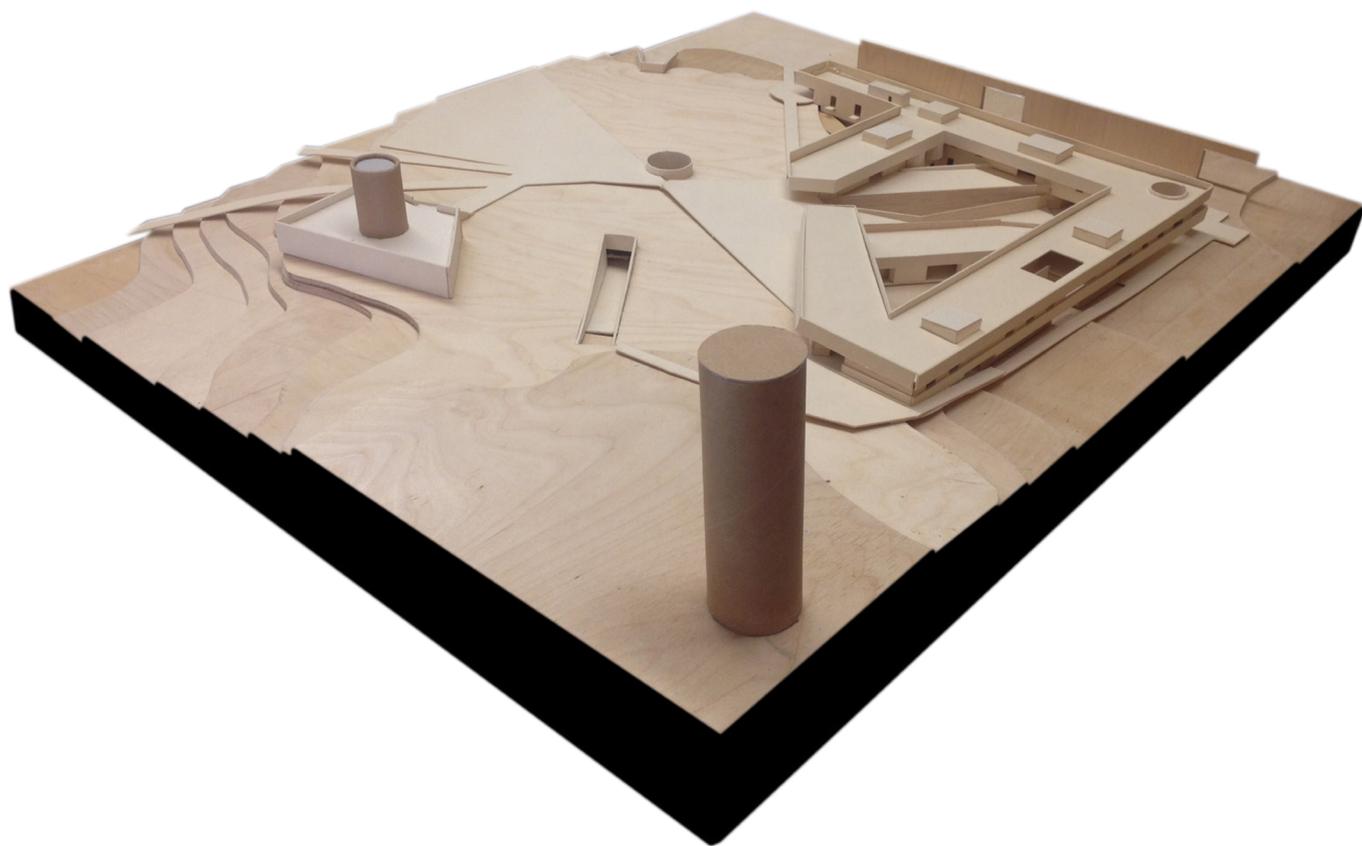




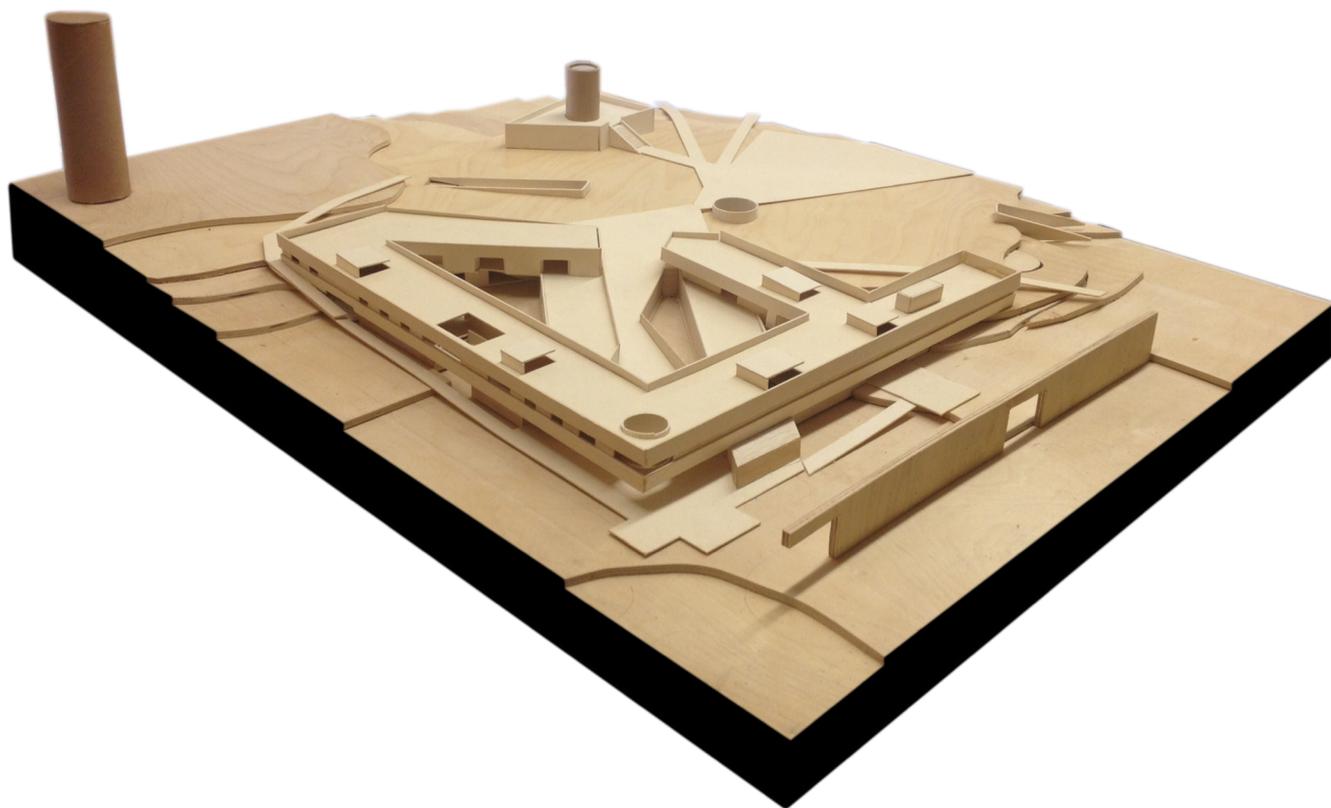










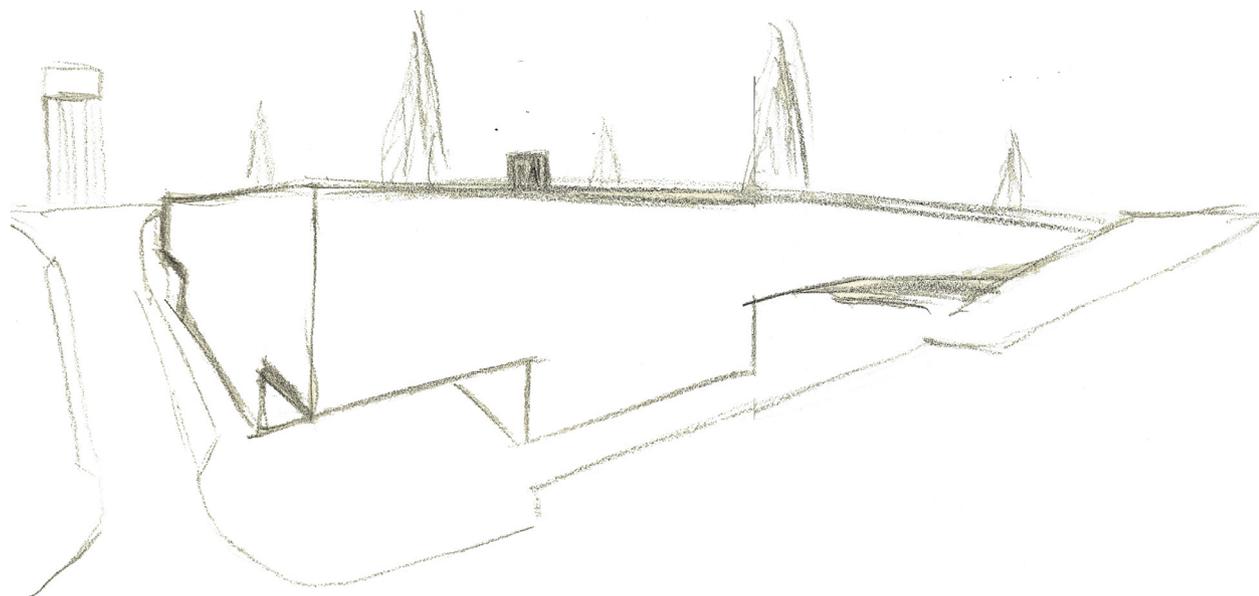
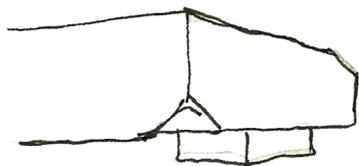
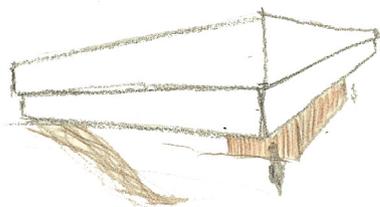


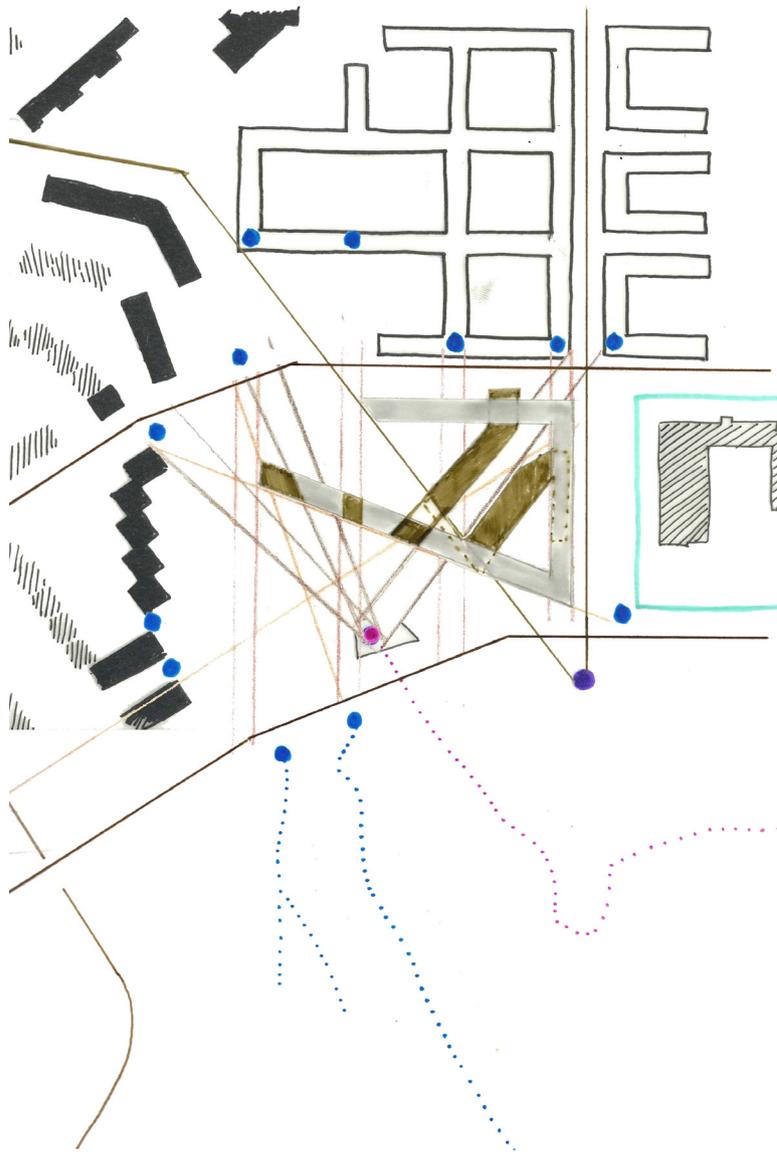


**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

**ESQUIÇOS**

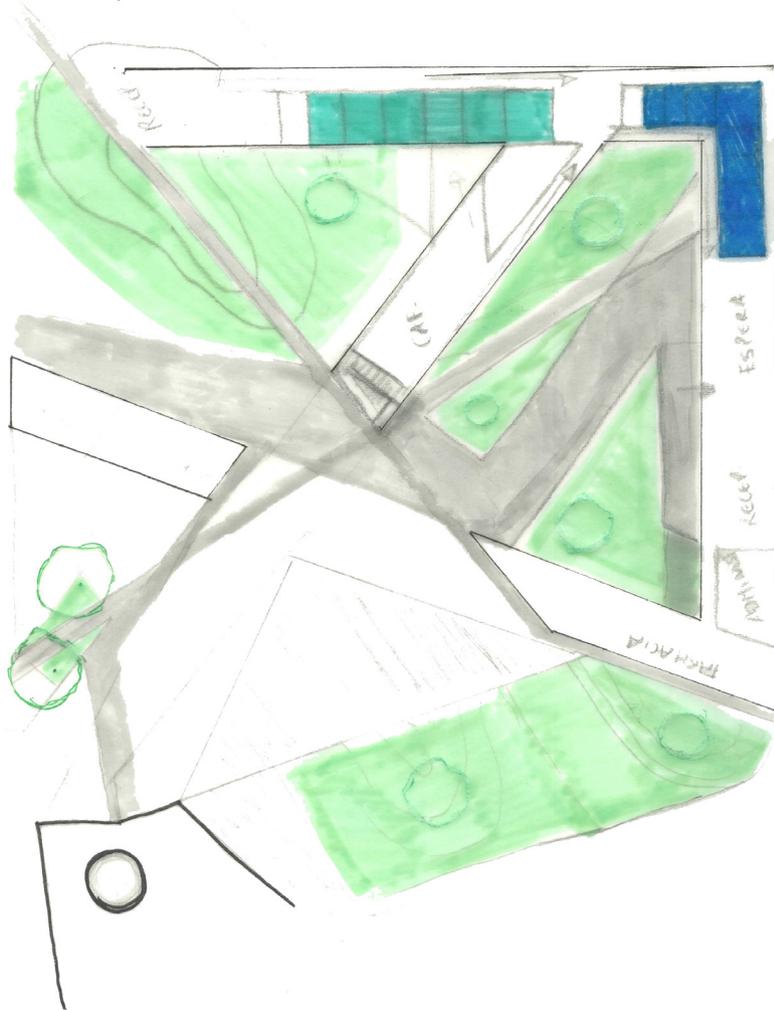


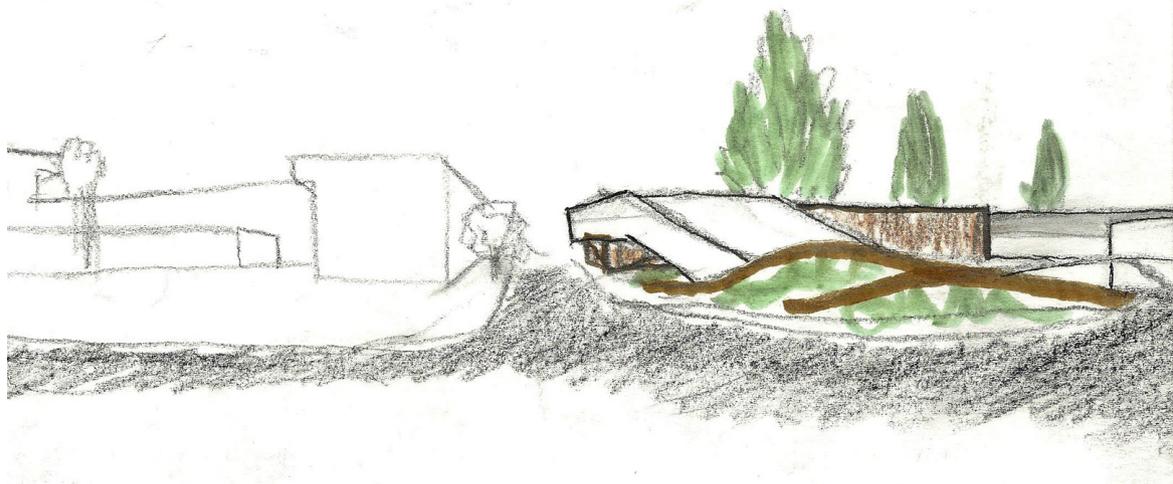
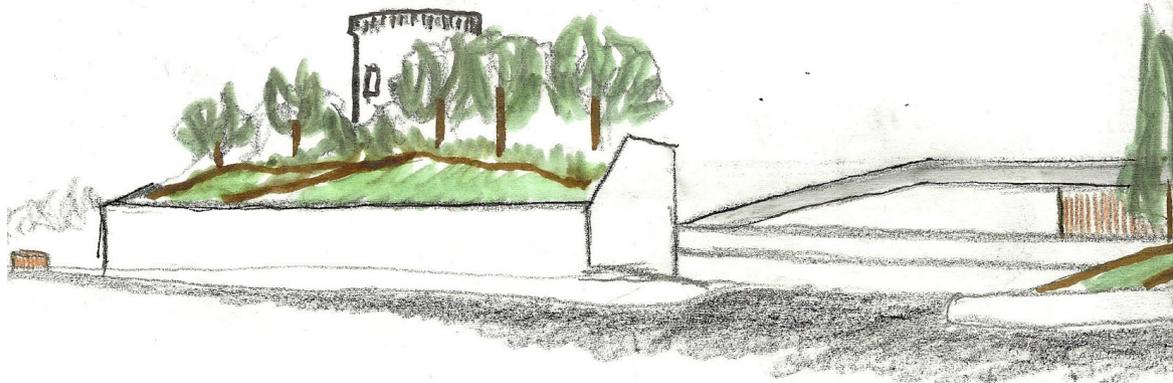


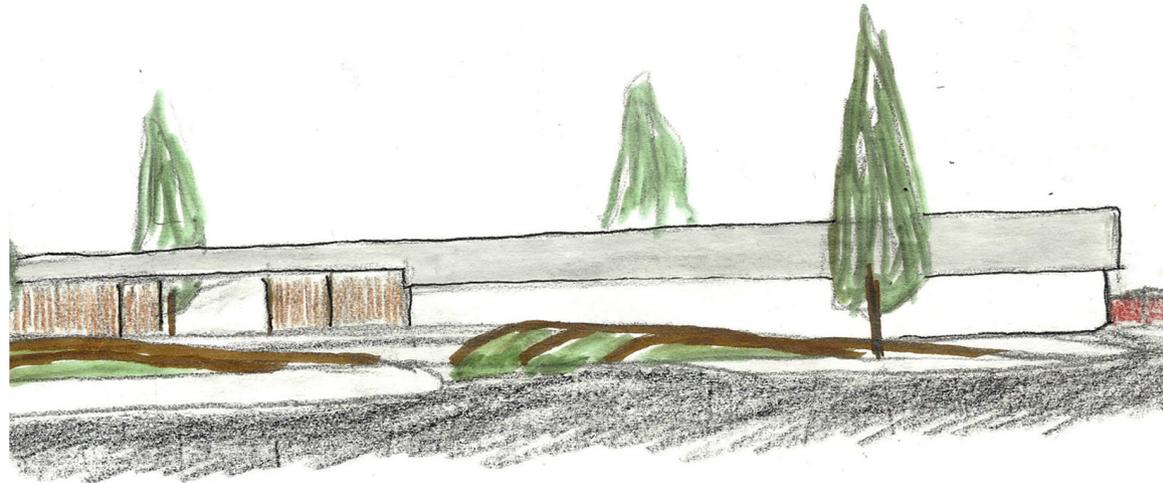














**Requalificação de  
Setúbal Nascente**

**CIDADE, SAÚDE E  
ARQUITETURA**

#### 04.4. CIDADE, SAÚDE E ARQUITETURA

Segundo a publicação de Francisco de Araújo na revista sobre coordenação de José Neves (2008), a abordagem aos espaços de saúde a nível arquitetónico significa explorar uma área extremamente complexa e delicada. Estes espaços de saúde debatem-se em precários concentrados de emoção, em que a esperança e a alegria de receber uma nova vida contrastam com a vivência sofredora e o dramatismo da doença.

Citando a mesma obra, Rui Barreiros Duarte afirma que desde o início do século XX, que as progressivas conquistas sociais, devido ao estilo higienista, provocou a implementação de modelos arquitetónicos e regras urbanas, cada vez mais exigentes nas boas práticas de construção. (Neves, 2008)

Francisco de Araújo considera a saúde o bem mais precioso, tal como a habitação e a educação. As diversas e complexas condicionantes, levantam uma série de obstáculos dificilmente contornáveis, considerando-se ser um exercício complicado de projetar nesta área da arquitetura. A flexibilidade, acessibilidade, segurança e o próprio contexto político-social traduzem um peso substancial, depende assim, de instalações especiais complexas e também de uma legislação rigorosa. A função é determinante para a designação do programa, em que a forma intervém na utilização do espaço, servindo o propósito da preservação da vida. “Humanizando o próprio espaço, a arquitetura pode e deve integrar o processo, assumindo um papel ativo na regeneração do ser Humano”. (Neves, 2008, P.19)

Luiz Carlos Toledo, refere os ajustes nos objetivos da medicina hospitalar, em que a sua principal missão consistia em curar os seus pacientes. Atualmente esse mostra-se insuficiente, num mundo em que o conceito “cuidar” assume grande importância, devido ao crescimento das doenças da velhice, fruto do aumento da esperança de vida da população. Durante dois séculos a instituição hospitalar sofreu três mudanças de objetivos. Durante a Idade Média, a sua missão incidia na assistência espiritual aos pacientes. A partir do século XVIII, o Hospital assume a missão de curar, passando a exercer uma função terapêutica.

Os arquitetos neste momento fizeram com que a arquitetura hospitalar passasse a ter o mesmo estatuto de um gesto médico. “A necessidade de se adequar o edifício hospitalar ao objetivo de curar exigiu aos arquitetos um maior conhecimento das práticas de atenção à saúde, assim como estimulou os médicos a procurarem na arquitetura hospitalar soluções que pudessem atender às novas exigências.” (Neves, 2008, P.7)

Assim, a adaptação e a qualidade do edifício hospitalar promoveu a eficiência operacional das unidades hospitalares e da variedade de práticas médicas então disponíveis. A arquitetura hospitalar e a medicina concentraram-se numa proposta baseada na medicalização e na qualidade do ambiente hospitalar. Ao longo do século XIX, foram finalmente desvendados os processos de transmissão de inúmeras doenças e a forma de combatê-las. A partir das últimas décadas do século XX, a medicina hospitalar passa a valorizar a missão de cuidar, juntamente com o objetivo de cuidar. (Neves, 2008)

Rui Barreiros Duarte considera ser essencial conjugar a organização dos programas com a gestão dos complexos de saúde. O universo da saúde cria assim uma compreensão mais alargada, que se estende a um entendimento eficaz, evitando as longas horas de espera em condições desanimadoras e em ambientes desagradáveis e degradados. O cuidado especial na escolha de materiais que denuncie ser um espaço de saúde complementa-se com um sistema de limpeza e manutenção rápida e eficaz garantindo a máxima higiene. A eficácia e rentabilização dos equipamentos de saúde decorrem da sua localização que deve considerar a quantidade de populações que servem e as zonas de influência que pertencem, assegurado pelas boas acessibilidades. (Neves, 2008)

O conceito de saúde enunciado por Rui Barreiros Duarte, seguindo o princípio da cidade-jardim de Heber Howard, que cumpria o sonho idealizado de realizar a dimensão pública, do espaço verde, de lazer, da saúde e segurança, levanta questões e articulações disciplinares que suportam a qualidade de vida, e designadamente saúde mental comunitária em termos urbanos, que

constitui um dos modelos que organizam o espaço que deve potenciar a cooperação. Os aspetos globais da paisagem humanizada, constituindo sistemas ecológicos equilibrados, e que se reflete a proteção da natureza e a correta utilização dos seus recursos. Em termos arquitetónicos, a transparência dos edifícios traduz-se na liberdade de relação com o exterior, refletindo a conquista com direitos humanos e sociais, criava um espírito sob o sol que a todos deve iluminar igualmente.

“Há opções que se traduzem em benefícios incalculáveis para o país e para os utentes e, este aspecto, envolve uma atenção espacial às potencialidades do território e a todas as vertentes quotidianas da vida, fazendo a diferença de que todos nós poderemos vir um dia a beneficiar. “(Neves, 2008, P.15)

Pedro Jorge reforça o facto de alguns edifícios hospitalares no nosso país deixarem muito a desejar, devido à sua escassa qualidade formal e tipológica, sendo por vezes projetos tipo, implantados repetidamente independente da envolvente tipológica e formal. (Neves, 2008)

Luiz Carlos Toledo afirma que, a arquitetura e a medicina parecem convergir para um novo tipo de edifício hospitalar, considerando uma medicina que se humaniza e que se concentra no bem-estar do indivíduo e não propriamente na doença. Toledo acredita que o hospital contemporâneo será fruto de uma nova adaptação entre os saberes dos profissionais de saúde e arquitetos, focados num mesmo objetivo: “a humanização da atenção à saúde e do edifício hospitalar”. Assim, impulsionará um novo espaço terapêutico de atuação dos arquitetos, imprescindível no desenvolvimento da missão de curar e cuidar do edifício de saúde. (Neves, 2008)





**PONTO DE EQUILIBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES

**CONCLUSÃO**

## 05. CONCLUSÃO GERAL

A cidade é constituída por uma diversidade de bairros que se distinguem para além da sua localização no território (geografia) e tipo de edificado (arquitetura), mas sobretudo das diferentes apropriações do espaço associados ao encapsulamento da heterogeneidade dos habitantes. Desta vez, foi a cidade de Setúbal submetida à análise, considerando o bairro da Bela Vista como “cobaia”.

A evolução das sociedades tem acompanhado a mudança dos bairros quanto à sua importância, associado à perspectiva do local para o bem-estar dos indivíduos e para a vitalidade das comunidades locais, fazendo renascer o interesse nos bairros. Esta ideia está ligada a importância da organização social, na coordenação e cooperação entre intervenientes, assim como, o aumento dos problemas económicos e sociais.

A investigação sustenta-se na reflexão sobre os problemas da cidade, considerando-a como o laboratório da natureza humana. Neste legado, o papel do urbanista assume-se preponderante na medida em que é o autor da decisão, do desenho e do plano da cidade. Contudo, não é este que está responsável de fazer a cidade. A cidade é feita pelas pessoas, por atores urbanos, sendo estes os responsáveis pela definição da sua vivência e respetiva cultura. Contudo, os atores urbanos estão condicionados pelas decisões superiores de gestão, tanto urbanísticas, como políticas, sendo esta última com maior impacto, onde os demais valores se sobrepõem aos interesses sociais, do Homem e da Humanidade.

O estudo da sociologia urbana e todos os conceitos que a suportam ajudaram-nos a clarificar o processo que está por detrás da problemática da segregação urbana. Apesar da análise das problemáticas relacionadas com o urbano e com a cidade consideram para além da sociologia, como a história urbana, a demografia urbana e a economia urbana, este enfoque da sociologia ajudou-nos a compreender o Bairro da Bela Vista como um dos exemplos de bairros com o estigma da segregação, enquadrado numa análise em torno da cidade e da realidade urbana.

Na verdade, apesar de termos um país que apresenta uma morfologia consolidada, que normalmente não sofre esses estigmas raciais e que se tem vindo a afirmar como uma sociedade inclusiva, ainda encontramos alguns bairros com estas características menos inclusivas. É verdade que a mentalidade/visão está a mudar, em que nas últimas décadas percorremos um longo caminho na procura de um desenvolvimento humano digno, contudo não foi suficiente. Geraram-se consensos na intervenção do reforço da coesão social da cidade, embora essas intenções ainda não se materializaram, sendo necessário a sua aposta, sob pena de se repetirem receitas pouco eficientes.

Pegando no velho ditado popular, “de boas intenções está o inferno cheio”, exprimimos a problemática das cidades atuais, que espelham contradições sociais da sociedade moderna ao não se implementar políticas sociais integradas que estruturam essas boas intenções, a partir de intervenções urbanas capazes de promover o desenvolvimento da coesão social.

Assim podemos concluir que, a análise de um bairro deve partir da sua identidade, da sua identificação, das suas características próprias. Todos os bairros são diferentes, por mais semelhantes que seja a ocupação urbana, o conteúdo socioeconómico ou cultural, devem ser encarados como únicos, individualizados. O bairro será o ponto de maior reunião entre o espaço social e o território, sendo a porta de entrada e de saída entre os espaços qualificados e os espaços quantificados, ou seja, o lugar onde se faz a tradução dos espaços sociais culturais, económicos e políticos num espaço comum.

As dimensões de oportunidades na compreensão da realidade de Setúbal Nascente enunciam novos objetivos, que promovam orientações que enquadram estratégias a desenvolver para o futuro. Este quadro de intervenção e desenvolvimento integra e organiza uma possível solução numa estrutura territorial segregada através de programas que materializam as intervenções neste território esquecido, mas em contrapartida, tão desafiante.

Considerando um conjunto de variáveis que caracterizam e delimitam o sis-

tema, neste caso o Bairro da Bela Vista, refletindo as suas problemáticas nos seus vários domínios, a investigação inseriu-se no domínio da intervenção urbana como processo para resolver as questões da inclusão.

Assim, para a nossa investigação foi importante o contributo de Acher (2008) ao referir que a participação no processo urbano, dos habitantes, dos utilizadores, dos vizinhos e de todos os atores implicados torna-se essencial. Estas diligências procedimentais modificam a natureza da intervenção dos urbanistas, devendo inscrever a sua intervenção em processos a longo prazo, de forma a adaptar as suas competências ao serviço de diversos grupos e atores. Isto introduz de uma nova forma as questões da ética e da deontologia neste domínio profissional.

Neste sentido, e seguindo Ascher, a visão do neo-urbanismo poderá ter um contributo importante para resolver as questões da segregação nos bairros, como o da Bela Vista, ao admitir a complexidade do mesmo e ao propor uma variedade de formas e de ambientes arquitetónicos e urbanos numa sociedade cada vez mais diferenciada na sua composição, nas suas práticas e nos seus gostos. Confrontado com uma cidade cada vez mais móvel, na qual os atores podem escolher os seus lugares, esta linha de pensamento, recomenda que se deve propor uma cidade que ofereça combinações variadas de qualidades urbanas. Concluimos assim, que a cidade é definida por um gradiente decrescente de condições de vida, inserção no mercado de trabalho e acesso à renda do centro para as periferias.

O contexto de crise generalizada não se afigura conjuntural pelos novos paradigmas urbanos sejam sucessivamente adiados, não por opção dos decisores ou dos cidadãos, mas pelo aprofundamento do sistema político-económico. Mas é neste momento que Setúbal tem de reivindicar a importância de pensar, de planear, de programar novas políticas, de forma a afirmar uma visão para a sua Cidade. Para isso contribuirá a arquitetura, apenas ela tem a capacidade de reinventar o espaço, de promover e criar vida no espaço. Nesse sentido a arquitetura

está ao serviço do Homem, do Bairro, da Cidade.

Em suma, “isto ainda agora começou!”



**PONTO DE EQUILÍBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



## BIBLIOGRAFIA

## 06. BIBLIOGRAFIA

ASCHER, François, 2008. *Novos Princípios do Urbanismo seguido de Novos Compromissos Urbanos*. Lisboa. Livros Horizonte.

CASTELLS, Manuel, 1975. *Problemas de Investigação em Sociologia Urbana*. Lisboa. Editorial Presença

CRESPO, José Luís, 2012. *Algumas complexidades do bairro no contexto da cidade: o caso do bairro da Bela Vista*. A Cidade entre Bairros. ISBN: 978-989-658-163-3.

DUARTE DE SOUSA, Vanessa, 2011. *A emergência da cidade-providência enquanto conquista da emancipação social urbana*. Chão Urbano ANO XI – Nº 1 JANEIRO / FEVEREIRO 2011

DOMINGUES, Álvaro, 1995. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos - o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?*. Revista da Faculdade de Letras — Geografia I Série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5, pp. 5-18.

FARIA, Carlos Vieira de, 1981. *Novo Fenómeno Urbano Aglomeração de Setúbal*. Lisboa. Editora Assírio & Alvim

FRÚGOLI, Heitor, 2005. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, V. 48 No 1

GUERRA, Isabel, 2001. *Intervenções Face à Exclusão Social Urbana*. Cidades-Comunidades e Territórios. CESIS. “Contextos e Dinâmicas da Pobreza Urbana nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto- O papel da intervenção sócio-urbanística no combate à exclusão social”. Jun. 2001, n.0 2, pp. 47-56

LEMOS, Tiago Castro (2012). *A propósito da produção do território*. *Sociologia*

*urbana e relações de poder na estruturação do território como representação política e científica.* Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIII

MELLOR, J. R., 1976 – *Sociologia Urbana*. Porto. RÉS-Editora.

MENDES, Luís, 2008. Urbanização clandestina e fragmentação socio-espacial urbana contemporânea: o Bairro da Cova da Moura na periferia de Lisboa. Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto II Série, Volume II – pp. 57-82

MENDES, Luís, 2011. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 473-495, jul/dez

MILHEIRO, Ana Vaz, 2009. Habitar em Colectivo: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L. Departamento de Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL. Lisboa

NAJAR, Alberto Lopes & MARQUES, Eduardo César, 2003. *A Sociologia Urbana, os Modelos de Análise da Metrópole e a Saúde Coletiva*. Ciência e Saúde Colectiva 8(3):703-712

NAJAR, Alberto Lopes & PERES, Fabio de Faria, 2006. *A divisão social da cidade e a promoção da Saúde - A importância de novas informações e níveis de decupagem*. Ciência e Saúde Colectiva 12(3):675-682

NEVES, José Manuel das, 2008. *Arquitectura Ibérica n.º28 Saúde*. Caleidoscopio\_Edição e Artes Gráficas, SA. Casal de Cambra. ISSN: 1645-9415

NOGUEIRA, José Miguel, 2007. Estudo dos Modos de Vida da População dos Bairros da Bela Vista.

PLANO ESTRATÉGICO SETÚBAL NASCENTE – Dezembro 2009. (PESN, 2009)

PROGRAMA POLIS – Viver Setúbal – Abril 2003 (Polis, 2003)

ROXO, Ana, CARVALHO, Luís Sanchez & GONÇALVES, Jorge, 2013. Setúbal Nascente, Visões no Tempo da Incerteza. Habitação, Cidade, Território e Desenvolvimento. Congresso Internacional da Habitação no Espaço Lusófono. 2º CIHEL – Lisboa. LNEC

SÁ, Teresa, 2012. “*Ainda há bairros na cidade?*”. A Cidade entre Bairros. ISBN: 978-989-658-163-3.

SAVAGE, Mike & WARDE, Alan, 1993. *Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade*. Oeiras. Celtaeditora.

SILVA, Jorge & RAPOSO, Nuno, 2007. *Agenda 21 da Unidade Territorial Bairro da Bela Vista*. Instrumentos Estratégicos Complementares – PDM Setúbal. Lisboa . AO - Oficina de Arquitetura.

TEOBALDO, Izabela Naves Coelho, 2010 - *A Cidade Espetáculo: Efeito da Globalização*. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, pág. 141





**PONTO DE EQUILÍBRIO**  
NUMA CIDADE DE CONTRASTES



**ANEXOS**

ISCTE-IUL

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Mestrado Integrado em Arquitectura

PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA

5oano, ano letivo 2014 - 2015

Docente: Pedro Botelho

1. Pretende-se que os alunos desenvolvam simultaneamente um trabalho a várias escalas de concepção e projecto explorando as múltiplas articulações possíveis desde a escala do território às do projecto de Arquitectura dos edifícios e vice-versa.

Pretende-se que os alunos desenvolvam o seu trabalho com base no entendimento do lugar e do contexto, dos seus problemas/potencialidades, nas mais diversas estruturas naturais, construídas e humanas.

Todo o trabalho a desenvolver durante o ano tem por base um território concreto em transformação cuja Requalificação se considera urgente.

Trata-se de encontrar uma estratégia de intervenção em que o Espaço Público edificado e não edificado cumpra a sua função eminentemente estruturante.

Trabalhar e investigar os programas que melhor cumprem os objectivos de requalificação e regeneração do território proposto. Equacionar os locais a interencionar com exactidão e rigor integrando os valores patrimoniais existentes na estratégia geral de intervenção.

2. Setúbal é a cidade mais a sul da actual Área Metropolitana de Lisboa, situada na margem norte do Estuário do Sado é a capital do distrito a que dá o nome.

É uma importante cidade portuária encaixada entre a área de Sapal do estuário a nascente, o Parque Natural da Serra da Arrábida a poente e o que resta do montado alentejano e das quintas e várzeas a norte.

Pretende-se que o trabalho em grupo desenvolva uma leitura crítica do território de Setúbal, fundamentado no estudo do seu crescimento ao longo do tempo. Este estudo permitirá a compreensão e representação da estrutura urbana da cidade nas suas três principais componentes:

- a) Os espaços não ocupados por construção, existentes, a requalificar e a propor (vazios, verde, água, etc .... ).
- b) As redes de distribuição de fluxos, existentes, a requalificar ou a propor (via férrea, outras vias e atravessamentos pedonais ou de trânsito não motorizado).
- c) As massas de construção, existentes, a requalificar ou a propor (habitação, comércio, serviços).

Pretende-se que a partir da apreensão global da estrutura do aglomerado, os estudos sejam aprofundados, no trabalho individual, no quadrante Sudeste da cidade.

Como ponto de partida propõe-se uma alteração ao funcionamento da linha férrea que serve a cidade, entre o Pinhal Novo e a Marateca. Assim, os comboios que servem o Sul do país passam a circular exclusivamente na linha principal, via Pinhal Novo, Poceirão e Marateca. Os comboios de passageiros que ligam Setúbal a Lisboa e ao Barreiro poderão manter o seu terminus na estação central da cidade. Nas estações do Pinhal Novo e da Marateca passam a fazer-se as transferências de passageiros entre os comboios de longo curso e as composições que servem a cidade. As ligações ferroviárias às zonas industriais e portuárias passam a ser realizadas via Marateca. Do Pinhal Novo à Marateca passa a funcionar um tram-train que servirá todas as estações já existentes ou outras que se considere oportuno criar de novo.

Estamos perante uma alteração radical no funcionamento da linha férrea, sobretudo no troço que se compreende entre a estação central da cidade e o ponto em que o ramal ferroviário estabelece a ligação à área portuária, sob o viaduto de acesso à zona de rollon-rolloff. Neste troço, com uma extensão de cerca de 1500m, passará a funcionar exclusivamente o tram-train; que sendo um transporte ligeiro de baixa velocidade se integrará, com facilidade, no novo desenho para a frente urbana nascente da cidade.

Do Quebedo ao Parque da Bela Vista, do fim da Av. Luísa Tody ao viaduto de acesso ao porto, do aterro ribeirinho ao planalto e vice-versa, é agora possível pensar e propor um novo desenho para a cidade, que lhe permita renascer de um longo período de decadência e sofrimento.

3. Na primeira parte do ano, até Janeiro, serão desenvolvidos dois exercícios em simultâneo numa permanente e progressiva articulação do todo com a parte e da parte com o todo:

A - Trabalho em grupo (caderno A2):

1 - Plantas síntese (escala 1/40 000, 1/50 000) das principais etapas de crescimento até à actualidade, identificando os principais problemas da estrutura natural, construída e do seu funcionamento.

2 - Memória descritiva (máximo 5 000 caracteres)

1A. - Em simultâneo cada aluno deverá apresentar uma planta síntese, às escalas 1/4 000 e 1/5000 (correspondente ao quadrante Sudeste da planta geral), com uma estratégia para a reconversão da área compreendida entre o Quebedo e o Parque da Bela Vista (caderno A2).

B - Trabalho individual:

Projecto, para a reabilitação/reconversão da área urbana do Quebedo ou para a frente urbana das Fontainhas, incluindo um equipamento público.

O projecto, desenvolvido às escalas 1/400 e 1/200, inclui os espaços exteriores

bem como os equipamentos públicos que melhor solucionem essa zona da cidade (caderno A2).

1 - Maquetas de estudo e apresentação da proposta. 2 - Plantas, cortes e alçados dos vários níveis e das situações tipo. 3 - Modelo 3D (facultativo). 4 - Memória descritiva (máximo 5 000 caracteres)

4. Após Janeiro serão desenvolvidos dois exercícios em simultâneo numa permanente e progressiva articulação do todo com a parte e da parte com o todo:

A - Caderno A2:

Ao longo da segunda parte do ano cada aluno deverá rever e/ou confirmar a sua estratégia geral de intervenção de acordo com os novos problemas e soluções resultantes do desenvolvimento dos trabalhos.

B - Trabalho individual: Projecto, para a reabilitação/reconversão das áreas urbanas, a seguir indicadas,

que incluam o desenvolvimento de um equipamento público.

1 - Fontainhas/S. Nicolau

2 - Do baluarte do 11 ao terminal fluvial.

3 - Da estrada da Graça, Pedra Furada, viaduto de acesso ao porto, arriba fósil ao Bairro Azul.

4 - Planalto da Bela Vista.

5 - Praias do Sado/Politécnico de Setúbal.

O projecto, desenvolvido às escalas 1/400 e 1/200, inclui os espaços exteriores bem como os equipamentos públicos que melhor solucionem essa zona da cidade (caderno A2).

- 1 - Maquetas de estudo e apresentação da proposta.
- 2 - Plantas, cortes e alçados dos vários níveis e das situações tipo.
- 3 - Modelo 3D (facultativo).
- 4 - Memória descritiva (máximo 5 000 caracteres).
- 5 - Portfólio com o processo de evolução do trabalho (esquços ou outros).
- 6 - Corte(s) construtivo(s) que sintetize o sistema construtivo e a materialidade do edifício.

5. A avaliação de PFA será feita em Júri de acordo com o estabelecido no artigo 22o do DL 115/2013, no Regulamento Específico de Avaliação de Conhecimentos e Competências da ISTA e nas Normas Orientadoras para a Dissertação ou Trabalho de Projeto do 2o ciclo – Bolonha. A apreciação dos trabalhos será feita de modo contínuo e incide sobre os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e a sua participação efetiva tantos nos trabalhos de grupo como individuais.

Haverá três momentos de entrega e apreciação intercalar de trabalhos em cada semestre.

Será também dada especial atenção à regularidade das presenças dos alunos nas aulas.

